UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

GABRIELA FERRI DE SOUZA

MÍDIAS RADICAIS E A UTILIZAÇÃO DO *CULTURE JAMMING*: QUEBRANDO AS BARREIRAS CONSTRUÍDAS PELOS VEÍCULOS HEGEMÔNICOS

BAURU
2012

GABRIELA FERRI DE SOUZA

MÍDIAS RADICAIS E A UTILIZAÇÃO DO *CULTURE JAMMING*: QUEBRANDO AS BARREIRAS CONSTRUÍDAS PELOS VEÍCULOS HEGEMÔNICOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC), da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier

BAURU
2012

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

Gabriela Ferri de Souza

Mídias radicais e a utilização do *Culture Jamming*: quebrando as barreiras construídas pelos veículos hegemônicos

Trabalho de conclusão de curso aprovado em ___/___/___ para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Banca Examinadora

_____
Juarez Tadeu de Paula Xavier

_____
Maximiliano Martin Vicente

_____
Katarini Giroldo Miguel

Dedicatória

A toda a minha família que sempre acreditou em mim

e em especial a minha mãe Maria Rita, responsável

por tudo o que sou.

AGRADECIMENTOS

Se fosse para agradecer a todos que foram e são de extrema importância a minha vida pessoal e acadêmica destinaria boas páginas desta monografia. Para tentar ser breve citarei alguns nomes, e aos que não forem citados sabiam agradeço a todos que participaram da minha vida seja em breve momentos ou durante anos.

Primeiramente agradeço a Deus, o grande responsável de estarmos aqui. Ao mesmo grau de importância agradeço a minha família, em especial meus pais Maria Rita e José Claudio que durante dois anos acreditaram que eu seria capaz de passar em uma Universidade pública, e ao meu irmão que mesmo estando longe em alguns momentos é membro mais do que importante na minha vida.

As minhas amigas de Sorocaba que me aguentam desde os meus 4 anos, e que me fazem acreditar que uma amizade vai além de simples idas ao shopping. Aos amigos que conheci ao longo desses quatro anos de vida universitária, em especial João Paulo Monteiro e Beatriz Haga, os quais tenho certeza que levarei sempre próximos a mim. As minhas amigas que tantas dicas me deram de como fazer citações e do que ver na internet, Juliana Batista e Lilian Figueiredo, aos seus digníssimos namorado que me ajudaram nesta monografia, Alex Rios com a língua estrangeira e Cesar Camargo com a difícil tarefa de entender os meus gráficos.

Por fim, devo a todos que me ajudaram a construir a carga teórica e profissional que hoje tenho, professores, tutores e funcionários da Unesp. Em especial ao professor Juarez Xavier que me aguentou durante todo esse semestre fazendo perguntas e mais perguntas. Professor, obrigada pela confiança e pela imensa carga de sabedoria apresentada a mim.

RESUMO

Esta monografia busca analisar a capacidade das mídias radicais de pautar as produções jornalísticas realizadas pelo O Globo durante as discussões da Rio+20. A concentração dos grandes meios de comunicação nas mãos de poucos, consolida o que pode ser chamado de mídia hegemônica. São essas mídias as principais responsáveis pelo controle dos conteúdos visualizados por uma grande parcela da população. Visando uma verdadeira pluralidade de informação as mídias alternativas buscam a cada dia mais espaço dentro do mercado comunicacional. Com isso, utilizam-se de ferramentas capazes de interferir em políticas editoriais consolidadas pelas mídias corporativas. Uma dessas possíveis ferramentas é a *Culture Jamming*, ação ativista que interfere nos mais variados ramos mercadológicos das comunicações. Assim, valendo-se de teóricos como John Downing e Perseu Abramo este trabalho analisou entre os dia 13 e 22 de junho os conteúdos jornalísticos produzidos nos jornais Globo durante as atividades organizadas pela Rio+20 e paralelamente a ela.

Palavras-chave: Hegemonia; *Culture Jamming*; Mídia radical; Rio+20; O Globo.

ABSTRACT

This monograph aims to analyze the ability of the radical media to lead journalistic productions performed by *O Globo* during debates of the event Rio +20. The concentration of the major means of communication in the minor part of the population consolidates what can be called by hegemonic media. These media are primarily responsible for controlling the content viewed by a large portion of the population. Aiming a true plurality of information the alternative media day-by-day is looking for a bigger space within the communication market. Thus, the hegemonic media use capable tools to interfere in editorial policies consolidated by corporative media. One of those possible tools is the Culture Jamming, an activist action that interferes in a variety of marketing branches of communication. Therefore, having in its basis theorists such as John Downing and Perseu Abramo this study analyzed the journalistic content produced by the newspaper *O Globo* between the days 13 to 22 of June, in which the Rio +20 activities were held.

Key-words: Hegemony; Culture Jamming; Radical Media; Rio+20; *O Globo*.

“A mídia radical não tem o objetivo de ser ‘mainstream’, de atingir milhões e milhões de pessoas - embora possa chegar a ser. Tem, muitas vezes, uma perspectiva local, com operações comunitárias. O que importa é que essa mídia se comunica dispondo de exemplos mais próximos de seu grupo e fala de necessidades que nem sempre estão na agenda das grandes corporações de comunicação”.

John Downing

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Logo oficial da Rio+20..... . 36

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Hierarquização da informação quanto à quantidade de laudas por texto..... 45
Gráfico 2- Visualização em porcentagem do total de laudas catalogadas 46
Gráfico 3- Hierarquização da informação quanto à distribuição dos cadernos..... 48
Gráfico 4- Visualização em porcentagem da quantidade total das publicações em cada caderno 49
Gráfico 5- Quantidade de módulos destinados às produções jornalísticas textuais 51
Gráfico 6- Visualização em porcentagem do total de cada tamanho de módulo das produções jornalísticas textuais 53
Gráfico 7- Quantidade de módulos destinados às imagens das produções jornalísticas..54
Gráfico 8- Visualização em porcentagem do total destinada as imagens das produções jornalísticas..... 56
Gráfico 9- Quantidade dos formatos das produções jornalísticas catalogadas no Globo..58
Gráfico 10- Visualização em porcentagem de cada formato jornalístico 59
Gráfico 11- Observação das publicações jornalísticas quanto ao campo de visualização do leitor pelas áreas A1, A2, A3 e A4..... 61
Gráfico 12- Observação das publicações jornalísticas quanto ao campo de visualização do leitor pelas áreas A5 e A6 62
Gráfico 13- Observação das publicações jornalísticas quanto ao campo de visualização do leitor para as páginas pares e ímpares do Globo 64

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Dados oficiais referentes à quantidade de participantes durante a Rio+20..... 38
Tabela 2- Análise do caderno especial: Razão Social..... 66
Tabela 3- Análise do caderno especial: Revista O Globo 67

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11

1. UM CAMPO A SER ESTUDADO 13
1.1 Justificativa 13
1.2 Quadro teórico de referência 14
1.2.1 Sobre a Hegemonia 14
1.2.2 Forma de atuação das mídias hegemônicas 18
1.2.3 Mídias radicais e a ferramenta *Culture Jamming* 24
1.3 A mídia radical é capaz de pautar a mídia hegemônica? 30

2. OBSERVAÇÃO DO OBJETO 32
2.1 Por que o jornal impresso? 32
2.2 Organizações Globo e o jornal O Globo 33
2.2.1 As Organizações Globo 33
2.2.2 O jornal O Globo 35
2.3 Rio+20: onde todos se encontram 35
2.4 Dez dias de Rio+20 39
2.5 Método de trabalho 40
2.5.1 Partes analisadas do jornal O Globo 41
2.5.2 Tipos de publicações analisadas 42

3. JORNAL O GLOBO ATRAVÉS DOS GRÁFICOS 43
3.1 Hierarquização da informação por laudas 44
3.2 Hierarquização da informação por cadernos 47
3.3 Quantidade de módulos 50
3.3.1 Texto 50
3.3.2 Recursos Gráficos 53
3.4 Formas dos conteúdos 57
3.5 Campo de visualização 60
3.5.1 De A1 a A4 60
3.5.2 A5 e A6 62
3.5.3 Páginas Par e Ímpar 63
3.6 Cadernos Especiais 65
3.7 Interpretação Geral dos gráficos 68

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS 70

5. APÊNDICES 75
5.1 Modelo do módulo utilizado como padrão 75
5.2 Esquema utilizado para compreender o campo visual do leitor 76

6. ANEXOS 78

7. BIBLIOGRAFIA 98

INTRODUÇÃO

A replicação de informação é uma ferramenta muito comum utilizada no jornalismo contemporâneo. Isso se deve ao fato dos conglomerados hegemônicos serem conduzidos por proprietários de ideologias semelhantes, que consolidam parcerias. Essas unificações controlam grande parte do mercado comunicacional, o que obriga os veículos menores a se transformarem em reprodutores de informação. Essa situação, portanto, desfavorece a consolidação de sinergias que permitam a pluralidade de informações como propõe as mídias radicais.

Quando se fala em mídias radicais a primeira ação que as pessoas apresentam é de associar o conceito a jornais e revistas de oposição. No entanto, deve-se entender que esse termo vai muito além de veículos de posicionamentos contrários. A interpretação mais adequada é aquela que associa mídia radical a determinados modos de se fazer comunicação como, por exemplo, panfletagens, produções jornalísticas, artísticas, passeatas e tantas outras possibilidades que buscam apresentar conceitos e interpretações novas que diferem entre si e das comunicações hegemônicas.

Valendo-se das ideologias propostas por Downing baseadas nos estudos gramscianos com a utilização das ações *jammers* as mídias radicais vêm buscando na atualidade atuar dentro do mercado comunicacional. Assim, na tentativa de alterar esse cenário e se incluindo no cenário corporativo elas mostram por meio das mais variadas ações que determinados assuntos também devam servir de pauta para os veículos de comunicação hegemônica.

Desse modo, esta monografia se articula sob o viés da importação de fatos apresentados pelas mídias radicais e que nem sempre são explorados pela mídia corporativa. Compreendendo o conceito de mídia hegemônica e como elas trabalham seus padrões para influenciar no modo com que seus veículos produzem os conteúdos, percebe-se que há, em contrapartida, uma configuração das mídias radicais que fazem uso de ferramentas como a *Culture Jamming* para interferir na seleção de pautas das redações.

Após a interpretação dos conceitos teóricos apresentados no primeiro capítulo este trabalho busca no capítulo seguinte uma aplicação para essas considerações. Para isso se viu necessário escolher um veículo hegemônico, uma situação possível de ser pautada para a observação e a consolidação de uma linha de raciocínio para a seleção desse objeto e o seu cenário para a análise. No caso, optou-se por analisar um jornal impresso, que fizesse parte de um grande grupo hegemônico, O Globo. Assim, selecionado o veículo o capítulo discorre

sobre o período a se observar. Em detrimento da importância que um evento mundial voltado para ações ambientais possui escolheu-se a Rio+20, organizada no Rio de Janeiro em junho deste ano. Por fim, para concluir o capítulo justificou-se quais os conteúdos do jornal selecionado a serem analisados.

Assim, para o terceiro capítulo aplicou-se técnicas de observação para um jornal impresso. Ao todo foram utilizadas quatro práticas principais: Hierarquização da informação, Quantidade de módulos encontrados, Formatos de conteúdos analisados e Campo de visualização do leitor. Com o objetivo final de quantificar e analisar se as mídias radicais realmente atingiram nas seleções de pautas do Globo, e de que maneira esses temas foram trabalhados pelo jornal. Para se obter a resposta dessa observação o capítulo trabalha com o mapeamento das matérias do impresso. Além disso, a monografia utiliza-se de conceitos fundamentais para a realização de um jornalismo impresso. Técnicas e métodos de análise foram apresentas e especificadas nos subcapítulos, os dados foram apresentados como gráficos para quantificar as observações realizadas durante os dez dias de pesquisa sobre as publicações que permearam as atividades da Rio+20.

Por fim, o último capítulo apresenta as conclusões finais da monografia. Como a apresentação do que se pôde compreender ao longo da construção deste trabalho. E também as impressões obtidas durante a análise do material selecionado são expostas, buscando exibir as respostas e reflexões consideradas após a observação realizada ao longo de todo o estudo sobre o tema apresentado.

1. Um campo a ser estudado

1.1 Justificativa

A sociedade mundial é marcada pela concentração dos grandes meios de comunicação e pelas desigualdades sociais e tecnológicas, acentuadas pela globalização. Essa desigualdade fica ainda mais nítida em se tratando do mercado comunicacional, quando se compreende que a mídia global, assim como a brasileira, está nas mãos de poucos conglomerados empresariais elitistas que veiculam informações, na maioria das vezes, do próprio interesse, se comprometendo apenas com valores econômicos e/ou políticos de seus aliados e/ou patrocinadores. Devido ao interesse comercial adotado por esses grupos de empreendimentos a atuação jornalística diante de manifestações sociais e eventos promovidos pela sociedade passam a não ser o foco principal das produções noticiosas dessas empresas.

Após traçar como objetivo o apelo comercial, as mídias corporativas se veem diante de imprevistos na produção de conteúdos, que as fazem abandonar os fundamentos básicos para a realização de um Jornalismo de qualidade. Desse modo, sejam elas mídias impressas, radiofônicas ou televisivas, a dificuldade de veiculação de informações elaboradas pelas mídias de menor porte é evidente. Com isso, a mídia hegemônica consolida a concepção do senso comum. A falta de diferenciados pontos de vista e opiniões é fortalecida pela ausência na variedade de mídias no Brasil, o que solidifica a existência de mídias hegemônicas.

Assim, torna-se inevitável para os jornalistas desses veículos não se atentar aos critérios de noticiabilidade das produções jornalísticas. A questão é que muitas vezes o conceito de noticiabilidade é limitado e direcionado em um único ponto de referência, dificultando a ação de distintos veículos midiáticos. Dentro desse contexto muitos estudiosos das mídias[1] passaram a observar o fato dos meios de comunicação terem um importante, e perigoso papel na sociedade, o de veiculador de valores.

As mídias hegemônicas criam tantas barreiras dentro da sua linha editorial de conteúdo, que dificulta a possibilidade de inserir pontos de vista que diferem do seu. Pois, o modelo estrutural criado pelas mídias corporativas não facilita a criação das novas proposições. Na tentativa de alterar tal cenário as mídias radicais se movimentam em busca de ferramentas que possam modificar a situação do mercado comunicacional. Novas formas de chamar a atenção das mídias corporativas são pensadas, fazendo com que os veículos

[1] Como por exemplo, John Downing no livro Mídia Radical – Rebeldia nas comunicações e movimentos sociais que será usado ao longo dessa monografia.

hegemônicos se vejam obrigados em se pautar a partir das publicações e ações de movimentos alternativos. Neste sentido, a adoção de políticas descentralizadoras realizada pelas mídias radicais busca afetar a gestão controladora que as mídias hegemônicas apresentam.

A importância do estudo da mobilização das mídias radicais se dá em conjunto com a crescente onda de preocupação de todas as mídias com questões sociais relacionadas à sustentabilidade, tema que na atualidade ganha destaque devido aos problemas ambientais que o planeta sofre, e que consequentemente afeta os que nele vivem. Partindo desse contexto este trabalho analisa como as ações realizadas durante a Rio+20, organizada pela ONU (Organização das Nações Unidas) em junho de 2012 no Brasil, foi trabalhada pela mídia hegemônica.

Dados obtidos pelo blog oficial do evento mostram a força da Conferência, e também apontam as ações realizadas em torno dos encontros oficiais. Ao todo foram credenciadas 45 mil pessoas, e ao longo dos dias 13 a 22 de junho a ONU registrou 498 eventos paralelos aos oficiais[2]. Assim, mais do que o evento a Rio+20 permitiu a criação de um espaço onde a sociedade expressou suas opiniões e questionamentos, dando destaque para movimentos sociais que antes eram pouco abordados nas comunicações.

A ação dos movimentos sociais durante a Rio+20 é apenas um exemplo de como as mídias radicais vêm se organizando. Passeatas, realizações culturais, marchas, organizações de eventos e centro de debates, também seriam outras formas de intervenção. No entanto, esta monografia se restringe às publicações jornalísticas sobre os movimentos organizados no decorrer da Rio+20, verificando o modo (efetivo ou não) com que as mídias radicais buscaram influenciar na seleção de pautas das notícias publicadas entre os dias 13 e 22 de junho de 2012 nas mídias corporativas.

1.2 Quadro teórico de referência

1.2.1 Sobre a Hegemonia

O termo hegemonia presente no dicionário Aurélio (FERREIRA, 2001, p.361) é definido como “s.f. Preponderância, supremacia”. Tal sentido apresentado pelo dicionário só é compreendido nos dias atuais desse modo devido aos estudos realizados pelo filósofo

[2] Dados retirados do blog oficial da Rio+20 http://www.onu.org.br/rio20/br/blog/ , acessado no dia 01/10/2012.

marxista Antonio Gramsci, que estudou o poder que as classes dominantes possuem de articular a favor de um projeto, normalmente, burguês.

O conceito de hegemonia discutido por Gramsci e apresentado por John Downing, no livro Mídia Radical, está presente na sociedade desde as mais antigas civilizações. Isso porque, onde há grupos sociais encontra-se aqueles que buscam se destacar e influenciar os demais. Essa influencia também pode ser entendida como um poder hegemônico, o qual é capaz de articular entre o grupo minoritário e as classes sociais que estão em torno a capacidade de coersão e consenso. Assim, por meio desse poder, critérios e modos de trabalhos são compreendidos como únicos podendo variar quanto o objetivo, mas sempre realizados do mesmo modo.

Segundo esse conceito, o poder das classes dominantes sobre o proletariado e todas as classes dominadas, não se dá pelo simples fato de controlar os aparatos repressivos do Estado. Mas, sim no sentido deste poder ser garantido fundamentalmente pela superioridade cultural que classes dominantes acreditam ter sobre as dominadas, por meio de mecanismos como o controle do sistema educacional, religioso e dos meios de comunicação.

Utilizando-se da influência cultural as classes dominantes estabelecem suas ideologias aos dominados para que esses vivam na dependência deles. Na maioria dos casos não há imposição, a exploração ideológica é trabalhada para que essa incorporação aconteça naturalmente e pareça ser conveniente. Assim, a ideia principal objetivada a partir desse cenário é inibir a potencialidade dos grupos dominados, que quase sempre representam a maioria da população. Portanto, a questão hegemônica, quando pensada como poder, pode ser compreendida no sentido de liderança, sendo no estado mais amplo, aquele onde um indivíduo ou um grupo se coloca a frente de todos os outros que convivem ao seu redor.

Para Dênis de Moraes[3] (2010, p.54) a importância dos estudos Gramsci se dá por ele ter sido o primeiro a pensar que hegemonia "pressupõe a conquista do consenso e da liderança cultural e político-ideológica de uma classe ou bloco de classes sobre as outras". Mais do que precursor também desenvolveu o conceito buscando compreendê-lo:

> A hegemonia não deve ser entendida nos limites de uma coerção pura e simples, pois inclui a direção cultural e o consentimento social a um universo de convicções, normas morais e regras de conduta, assim como a destruição e a superação de outras crenças e sentimentos diante da vida e do mundo. (MORAES, 2010, p. 55)

[3] Estudioso das teorias de Gramsci é jornalista, professor do departamento de Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal Fluminense (UFF) e pós-doutor em Comunicação pelo Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Informação obtidas no site http://www.fazendomedia.com/fm0028/entrevista0028.htm. Acessado em 20/10/2012

Assim, a formação de um grupo hegemônico é resultado de um processo lento e historicamente longo que ocupa mais de um espaço da estrutura ideológico-cultural do grupo dominado. Mais do que a coerção o sentido atribuído ao conceito de hegemonia para a tentativa de aplicá-lo deve ser aprofundado e trabalhado para obter a capacidade de interferir em realidades e costumes de determinados grupos, como apresenta Dênis Moraes sobre os pensamentos gramscnianos.

> As formas da hegemonia nem sempre são as mesmas e variam de acordo com a natureza das forças que a exercem. Na perspectiva gramsciana, a hegemonia pode (e deve) ser preparada por uma classe que lidera a constituição de um bloco histórico que articula e dá coesão a diferentes grupos sociais em torno da criação de uma vontade coletiva (...). (MORAES, 2010, p.55)

Mesmo que existam na história grupos hegemônicos que assumiram o poder através da opressão, segundo a interpretação de Moraes (2010) sobre os conceitos gramscinianos uma ação hegemônica bem sucedida é aquela que impõe a vontade coletiva, a ser absorvida pelos grupos dominados, sem ações violentas. A ideia é que sejam utilizadas ferramentas de persuasão capazes de influenciar os grupos dominados de modo que eles julguem ser necessária a adoção de ideologias provenientes dos futuros hegemônicos.

> Portanto, uma direção ético-política eficiente não depende somente da força material que o poder confere. Deve ser alcançada também através de estratégias de argumentação e persuasão, ações concatenadas e interpretações convincentes sobre o quadro social. (...) Pressupõe modificar mentalidades e valores, abrindo caminho a novas premissas éticas e pontos de vista, capazes de agregar apoios e consensos e, assim, afirmar-se perante o conjunto da sociedade. (MORAES, 2010, p.55-56)

O autor explica que a atuação do conceito de hegemonia não se restringe a um único setor, permitindo abranger-se a vários segmentos; como o campo político, cultural, econômico, ideológico, etc. “Além de congregar as bases econômicas, a hegemonia tem a ver com entrechoques de percepções, juízos de valor e princípios entre sujeitos da ação política.” (MORAES, 2010, p.54).

Levando-se em conta a interferência nos juízos de valor de uma comunidade, é por meio da cultura que a “manipulação” acontece de modo mais efetivo e com uma aparência natural. Para Moraes entre os segmentos nos quais a hegemonia pode ser encontrada, o que mais chama a atenção de Antonio Gramsci é a cultura, pela sua capacidade de influenciar grupos sociais sem que esses percebam tal controle.

John Downing[4] no livro, *Mídias Radicais – rebeldia nas comunicações e movimentos sociais* trabalha a questão da hegemonia desenvolvida por Gramsci, onde lembra que por se tratar de um artificio antigo e ainda atual ela "nunca é um cadáver congelado, sendo constantemente negociada pelas classes sociais superiores e subordinadas (...)" (DOWNING segundo GRAMSCI, 2002, p.50), o que mostra que mais do que flexível é uma "ferramenta" que sempre estará se moldando na intenção de estar presente nas mais diversas sociedades e campos sociais.

De modo mais profundado Downing busca trabalhar a questão da hegemonia dentro do campo cultural. Levando-se em conta que o segmento comunicacional esta inserido no cultural, a cultura hegemônica é vista como uma introdução, onde futuramente abordará o modo com que a questão de hegemonia é trabalhada no campo comunicacional como é brevemente apresentado no pensamento gramsciniano.

> A opinião de Gramsci dirige igualmente nossa atenção para cenários menos tenso, talvez mais cotidianos, nos quais se poderia descrever a hegemonia capitalista em termos da *auto*censura exercida pelos profissionais da mídia convencional, ou outros intelectuais orgânicos em posições de autoridade, e sua aceitação incondicional dos códigos da mídia profissional padrão. (DOWNING, 2002, p. 49-50)

As teorias gramscinianas, mostram que a hegemonia interfere no campo das comunicações influenciando e consequentemente sendo detentora do poder. Isso por saber como se utilizar do campo cultural persuadindo os grupos dominados e coibindo a criação de possíveis mecanismos de defesa. Assim, para Downing:

> [...] sustentava que, no decorrer dos dois séculos de sua expansão e consolidação, o capitalismo manteve e organizou sua liderança através de órgãos de informação e cultura, como escolas, universidades, igrejas, literatura, meios de comunicação e ideologias corporativas. (DOWNING, 2002, p. 47)

Partindo do raciocínio configurado Downing integra o conceito de hegemonia ao contexto das mídias, e determinar algumas como hegemônicas, as quais são detentoras do poder da informação manipulando a produção feita por veículos menores, ou então investindo em uma concorrência desleal. E elas seriam as responsáveis pela dificuldade da circulação de pluralidade de informação e criação de veículos de menor porte que tenham opiniões

[4] John D. H. Downing é professor no departamento de rádio, televisão e cinema da Universidade do Texas, em Austin. Seu livro mais recente, *Intenationalizing Media Theory* (Sage, 1996), trata dos desafios que representam para o estudo da mídia os diversos tipos de mídia do extinto bloco soviético, durante a grande transição de 1980-1995. Atualmente, ele trabalha em dois outros títulos para Sage. Um deles em co-autoria com Charles Husband, analisa a mídia, o racismo e a etnia nos países do outro lado do Atlântico. O outro é o *Handbook of Media Studies* da Sage, organizado em parceria com Dennis McQuail, Philip Schlesinger e Ellen Wartella. Dados retirados do livro Mídia Radical, capítulo Sobre os autores, 2003.

contrárias as já consolidadas pelas mídias hegemônicas, que valorizam o mercado (capitalismo), ao invés de realizar o papel primordial compreendido pela mídia. O de informar e apresentar fatos de interesse a sociedade.

Ainda se apoiando nos pensamentos de Gramsci, Downing (2002, p.50) explica que em situações que não são de extrema repercussão a mídia radical passa a adotar o papel de não apenas fornecer ao público os fatos que lhe são negados, mas também de pesquisar novas formas de desenvolver uma perspectiva de questionamento do processo hegemônico e fortalecer o sentimento de confiança do público em seu poder de engendrar mudanças construtivas.

> Seja como for, qualquer que seja nossa suposição sobre alguns dos aspectos específicos da analise de Gramsci, é razoável reconhecer que certas formas de liderança organizada são essenciais para coordenar os desafios à hegemonia ideológica do capital e propor programas e perspectivas alternativas dignos de créditos. (DOWNING, 2002, p.48)

Assim, toda a linha de raciocínio se deu diante do pensamento onde “Gramsci refletiu sobre o principal meio de comunicação de sua época - a imprensa.” (MORAES, 2010, p.61), e que mais tarde seria interpretado por Downing (2002) para trabalhar a questão das mídias radicais e hegemônicas.

Por fim, o conceito de hegemonia configurado por Gramsci e analisado por Moraes (2010) e Downing (2002) buscando o campo cultural e também comunicacional, mostram que o filosofo marxista a muitos anos observava o modo com que a mídia hegemônica articulava valendo-se do conceito base de hegemonia. E que se passando anos os dois autores cada uma em seu tempo continuam a observar as ações dos jornais hegemônicos dentro do campo das comunicações. Eles mostram que essa articulação se dá por meio da persuasão que na maioria das vezes não é percebida pelos dominados, o que permite a conceituação de uma cultura de massa capaz de transformar coisas contestáveis em pensamentos comuns e incontestáveis.

1.2.2 Forma de atuação das mídias hegemônicas

Compreendendo-se do conceito de mídia hegemônica é possível estudar como ela se articula e atua dentro do mercado comunicacional. A necessidade de se sustentar como detentora do monopólio para que consequentemente mantenha o domínio sobre as publicidades, as quais são responsáveis por grande parcela do lucro das empresas de

comunicação, faz com que tal mídia adote critérios próprios para a produção de conteúdo. Critérios esses que permitem distorcer a noção de real compreendida pela sociedade.

Desse modo, as inversões da forma pelo conteúdo, problemas que são abafados, marcam essa distorção de valores e da realidade aplicada pela mídia corporativa. A questão que deve ser trabalhada é o fato que a mídia hegemônica não atua mais como se fazia antigamente, onde apenas privava o leitor de determinado assunto. Percebe-se nos veículos comunicacionais mais desenvolvidos que os mais diversos assuntos estão sendo abordados, a questão é o modo como estão sendo tratados. Isso porque, a possibilidade de manipulação durante a realização de todas as etapas da produção jornalística permite que se altere o produto inicial. Assim, desde a seleção da pauta até a finalização de determinada notícia, a linha editorial que a empresa apresenta pode alterar o foco realizado.

Para que a linha editorial de uma determina empresa articule sua influencia na interpretação dos fatos é necessário que se fundamente em padrões que garantam essa ação. Assim, ocultação discutida pelos estudiosos da comunicação tornou-se dentro desse cenário apenas uma ferramenta dentre tantas que permitem as empresas interferir na interpretação do leitor a respeito de um determinado assunto.

Esses padrões foram estudados pelo jornalista Perseu Abramo[5] (2003) que avaliou a forma com que a mídia hegemônica trabalha a seleção e a produção noticiosa, e o modo com que ela interfere no conteúdo que os receptores absorvem. Segundo o autor em determinados instantes são privados de acontecimentos e fatos que poderiam ser importantes para a realidade de cada indivíduo, considerando manipulador o modo como os veículos corporativos fazem jornalismo.

> A relação entre a imprensa e a realidade é parecida com aquela entre um espelho deformado e um objeto que ele reflete: a imagem do espelho tem algo a ver com o objeto, mas não só não é o objeto como também não é sua imagem; é a imagem de outro objeto que não corresponde ao objeto real. (ABRAMO, 2003, p.24)

Pela dificuldade em se observar o que esta sendo representado pelas mídias hegemônicas verifica-se que em determinados momentos torna-se confuso compreender se o que é publicado na mídia corporativa é fiel à realidade em que a sociedade vive como relata

[5] Perseu Abramo trabalhou 15 anos como professor do curso de jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), de 1981 até sua morte, em 1996. Levou para a PUC-SP a sua experiência acadêmica da Universidade de Brasília (UnB) e da Universidade Federal da Bahia (UFBA), e sua vivência jornalística das redações de *O Estado de S. Paulo*, da *Folha de S. Paulo* e da imprensa alternativa (jornal *Movimento*) e partidária (*Jornal dos Trabalhadores*, do Partido dos Trabalhadores – PT). Descrição retirada do livro Padrões de manipulação da grande imprensa, escrito por Hamilton Octavio Souza.

Abramo (2003, p. 23) “O principal efeito dessa manipulação é que os órgãos de imprensa não refletem a realidade”.

Assim para a deformação dessa realidade as mídias hegemônicas criaram mecanismos capazes de influenciar os valores sociais dos receptores de conteúdo. Os mecanismos estudados pelo autor e reunidos em um livro denominado *Padrões de manipulação na grande imprensa* são utilizados para mostrar como a mídia corporativa seleciona e trabalha as pautas propostas em uma redação. Para a compreensão desses mecanismos o jornalista lembra, “Os padrões devem ser tomados como padrões, isto é, como tipos ou modelos de manipulação, em torno dos quais gira, com maior ou menor grau de aproximação ou distanciamento, a maioria das matérias da produção jornalística.” (ABRAMO, 2003, p.25). Desse modo, segundo o autor os principais padrões de manipulação são: ocultação, fragmentação, inversão e indução.

O Padrão de ocultação é apresentado como “ [...] o padrão que se refere à ausência e à presença dos fatos reais na produção da imprensa. [...] É, ao contrário, um deliberado silêncio militante sobre determinados fatos da realidade.” (ABRAMO, 2003, p.25-26) Portanto, entende-se que esse mecanismo articula o que deve ou não ser publicado nos veículos da mídia corporativa. Além disso, é encontrado principalmente durante a seleção da informação, ou seja, na escolha da pauta. Isso se dá, pois nesse momento em que a empresa escolhe se irá abster do assuntou ou não.

É também o padrão de ocultação que permite a concepção errônea adotada por uma grande parcela dos jornalistas, considerar que determinada situação se trata de um fato jornalístico, ou de um fato não-jornalístico.

> Ora, o mundo real não se divide em fatos jornalísticos e não-jornalísticos, pela primária razão de que as características jornalísticas, quaisquer que elas sejam, não residem no objeto da observação, e sim no sujeito observador e na relação que se estabelece com aquele. (ABRAMO, 2003,p.26)

Para Abramo (2003) essa definição da mídia hegemônica mostra como elas acreditam na sua capacidade de selecionar o que lhes interessa, esquecendo do principal objetivo do jornalismo, que é a fidelidade com a sociedade, que implica na apuração e divulgação de qualquer fato sem a discriminação de definir se trata-se de algo jornalístico ou não.

Assim, seguindo com os artifícios utilizados pela mídia corporativa para o controle da informação que são apresentados pelo autor em seu livro tem-se como segunda técnica o padrão de fragmentação.

> [...] é o todo real é estilhaçado, despedaçado, fragmentado em milhões de minúsculos fatos particularizados, na maior parte dos casos desconectados de seus vínculos com o geral, desligados de seus antecedentes e de seus consequentes no processo em que ocorrem, ou reconectados e revinculados de forma arbitraria [...]. (ABRAMO, 2003, p.27).

Portanto, fragmentando-se o conteúdo jornalístico sobre determinado assunto faz com que o leitor não una as informações, o que dificulta a interpretação dos fatos. Esse artificio vem se tornando muito comum nos jornais contemporâneos que afirmam dar voz a todos, no entanto, esse espaço está segmentado e superficial. Segundo o autor durante a realização de um conteúdo jornalístico a fragmentação é utilizada no momento de preparação da pauta, mas ainda pode ser efetiva ao longo da elaboração do conteúdo, independente dele ser audiovisual, impresso ou radiofônico.

Outro padrão trabalhado pelo autor é da inversão que "opera no reordenamento das partes, a troca de lugares e de importância dessas partes, a substituição de umas por outras e prossegue, assim, como a destruição da realidade original e a criação artificial da outra realidade" (ABRAMO, 2003, p.28). Ou seja, além da possibilidade de fragmentação do conteúdo a mídia hegemônica "embaralha" os dados, deixando muitas vezes as informações mais importantes em segundo plano.

Em uma revista, por exemplo, é possível verificar que muitas vezes um fato de extrema seriedade é colocado em uma editoria de menor importância, em quanto que a outra informação de significação menor lhe é destinada duas páginas para a apresentação do conteúdo. Para o autor esse padrão atua desde a apuração e construção de um conteúdo, até a preparação e apresentação final das produções jornalísticas, sendo em apenas uma ou em varias delas como um todo.

O quarto padrão apresentado por Abramo (2003, p.33-34) é o de indução que segundo ele "é o resultado e ao mesmo tempo o impulso final da articulação combinada de outros padrões de manipulação doas vários órgãos de comunicação com os quais ele tem contato". Mais do que seleção e produção o padrão de indução engloba o que há de mais importante quando se refere a transformação de informação que é o todo. E quando o autor se refere ao todo, ele quer dizer aos planos de produção jornalística, pensando em indústria e empreendimento. Ou seja, a indução é o principal artificio utilizado pelos veículos hegemônicos para influenciar na noção de realidade apresentada aos leitores e telespectadores.

Assim, segundo o autor esses padrões ajudam a nos lembrar que: “A manipulação da realidade pela imprensa ocorre de várias e múltiplas formas.” (ABRAMO, 2003, p.24). Esse tipo de classificação apresentada por ele é apenas uma das formas de se pensar e entender como se dá a manipulação da mídia corporativa a qual interfere nos valores adotados pela sociedade.

Pensando em questões mais abrangentes na produção jornalística depara-se com a questão abordada no livro *O segredo da pirâmide – para uma teoria marxista do jornalismo,* do jornalista Aldemo Genro Filho, que busca apresentar modos de se pensar e produzir conteúdos teóricos e informativos (sejam eles cientifico, artístico ou jornalístico) através da compreensão da Particularidade, da Universalidade e por fim o que é de mais comum no jornalismo a Singularidade. A singularidade segundo o autor é um fenômeno comum do jornalismo moderno, onde o desprezo pela generalidade é considerado uma qualidade positiva para os produtores de conteúdo das mídias hegemônicas (GENRO, 2001, p.71).

Ao definir Jornalismo como uma forma de conhecimento, com potencialidades que ultrapassam o modo de produção, o autor aponta que a atuação jornalística completa as mediações oferecidas pela ciência e a arte para o conhecimento do mundo, mesmo não sendo utilizada de maneira adequada pelo Jornalismo moderno e momentâneo.

> O resultado é que a singularidade é reificada pela compreensão espontânea do jornalista, que acaba aceitando implicitamente a particularidade e a universalidade sugeridas pela imediaticidade e reproduzidas pela ideologia dominante. Assim, a busca da "especificidade" na atividade jornalística limita-se a uma receita técnica de fundo meramente empírico, uma regra operativa que os jornalistas devem seguir sem saber o motivo, tomando-se presa fácil da ideologia burguesa e da fragmentação que ela proporciona. A realidade transforma-se num agregado de fenômenos destituídos de nexos históricos e dialéticos. (GENRO, 2001, p.71)

No trecho nota-se certa semelhança ao padrão de fragmentação exposto por Abramo. Com isso, é possível notar a repetição desses fatores nos textos dos teóricos de comunicação, que mostram uma preocupação em se produzir novos conteúdos jornalísticos que assumam uma posição ideológica, ou então que evitem manipular os conteúdos vinculados em seus veículos. Para Genro (2001) essa produção inadequada acontece em detrimento do constante imediatismo buscado pelos jornalistas, principalmente na produção do jornalismo diário.

> Na percepção individual, a imediaticidade do real, o mundo enquanto fenômeno é o ponto de partida. No jornalismo, ao contrário, a imediaticidade é o ponto de chegada, o resultado de todo um processo técnico e racional que envolve uma reprodução simbólica. Os fenômenos são reconstruídos através das diversas linguagens possíveis ao jornalismo em cada veículo. (...) o singular é a matéria-prima do Jornalismo, a forma pela qual se cristalizam as informações que ele produz, o critério de valor da notícia vai depender da universalidade que ela expressar. O singular, portanto, é a forma do Jornalismo e não o seu conteúdo". (GENRO, 2001, pág.34)

A singularidade é de grande importância para o Jornalismo, portanto deve-se tomar cuidado para não abrangê-la ao conteúdo produzido por ele. Pois, se utilizado de modo inadequado permite implementar em produções jornalísticas conceitos capazes de manipular o verdadeiro sentido do fato. Desse modo, como expõe Genro (2001) em seu livro verifica-se que a singularidade se não vêm sendo bem trabalhada, atrapalhando na produção de conteúdo realizada pelas mídias hegemônicas. Portanto, com preocupação em se obter furos jornalísticos, ou a busca no imediatismo dos fatos, o contexto em que se situa o a notícia passou a ser deixado de lado, e assim, as particularidades e universalidades que o contexto pode apresentar também foram esquecidas.

> Por sua lógica intrínseca de perseguir o singular e expressar sua significação imediata, o jornalismo ao refletir a hegemonia da ideologia dominante, expressa também as contradições com as quais ela se debate, à medida que é obrigado a respeitar certa hierarquia objetiva dos fenômenos. Ou seja, enquanto se aprofundam as contradições do capitalismo, o jornalismo tende a refletir espontaneamente aspectos críticos da própria objetividade que reproduz. A solução é o controle mais estrito e ideologicamente mais cuidadoso dos meios de comunicação e das informações elaboradas. (GENRO, 2001, p.83)

Assim, pensando nos padrões apresentados por Abramo (2003) nota-se que o jornalismo hegemônico não está produzindo os conteúdos de modo adequado como completa Genro (2001). Devendo-se, tal situação, principalmente, aos critérios adotados pela mídia corporativa que consequentemente confundem o leitor e/ou telespectador que adota a realidade apresentada pelos veículos como única, sem notar a indução à qual estão sendo levados.

Portanto os mecanismos adotados pelas mídias hegemônicas permitem que haja uma possível manipulação da informação. Dificultando assim, a compreensão se o que esta sendo vinculado por elas busca ser fiel a realidade vivida pela população. Por fim, deve-se levar em conta que esses preceitos como os padrões de manipulação e a singularidade são de grande importância para a análise dos gráficos que serão apresentados mais adiante neste trabalho.

1.2.3 Mídias radicais e a ferramenta Culture Jamming

Movimentos sociais sempre foram entendidas como alternativas, mas mais do que isso, elas fazem parte do que é denominado mídia radical. Esse tipo de mídia mais do que ações de oposição se constitui por grupos que criam um espaço para se reunir e difundir seus ensinamentos e realizações, podendo incluir uma variedade de atividades como o teatro, a dança de rua, entre outras manifestações comunicacionais. Assim, verifica-se que mídia radical não está interessada na mesma audiência comum buscada pelas mídias hegemônicas, ela visa atrair indivíduos que queriam pensar e agir a partir de seus próprios preceitos.

A mídia radical, portanto, propõe a seu público o debate, a crítica à determinadas atitudes e acomodações, e a ação. Pode-se adotar a mídia radical como o ponto crucial de uma comunicação democrática uma vez que comparada a sua carência de recursos, apresenta muito mais poder de transformação e criatividade do que a mídia convencional.

Assim, para melhor abranger o que a mídia radical propõe é necessário compreender o que são cultura de massa e cultura popular. Teóricos da Escola de Frankfurt definiam a cultura de massa como toda cultura produzida para as massas — que engloba heterogeneidades sociais, étnicas, etárias, sexuais ou psicológicas — veiculada pelos meios de comunicação de massa. Em busca de aprimoramento a cultura de massa desenvolveu-se a ponto de ofuscar os outros tipos de cultura anteriores e alternativos a ela.

> [...] sob o poder do monopólio, toda cultura de massas é idêntica, e seu esqueleto, a ossatura conceitual fabricada por aquele, começa a se delinear. Os dirigentes não estão mais sequer muito interessados em encobri-lo, seu poder se fortalece quanto mais brutalmente ele se confessa de público. O cinema e o rádio não precisam mais se presentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositadamente produzem. Eles se definem a si mesmos como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtos. (HORKHEIMER,1985,114)

O artigo “The Culture Industry: Enlightenment as Mass Deception” formulado por Theodor Adorno e Max Horkheimer trabalha o conceito de cultura popular com o objetivo de rejeitar a cultura de massa. Os teóricos formulam no artigo cultura de massa como um produto das indústrias comerciais e cultura popular como uma forma de expressão autêntica das visões e aspirações de um grupo de indivíduos.

Entre as duas a de maior abrangência é a cultura de massa. Isso ocorre, entre outros fatores, por ela dar destaque a inúmeros elementos da expressão cultural populares, aumentando assim a quantidade indivíduos atingidos, ou seja, não se restringe a um único segmento popular. Valendo-se de características particulares, as transforma em produtos gerais que ganham mercado e consumidores. Assim, devido a essa proximidade na particularidade transposta para o geral a ação se torna efetiva e a aceitação ganha um grande número de adeptos. "Seus produtos e linguagens não são meras imposições de cima para baixo" (DOWNING, 2001, p.35). Desse modo, é possível adotar a concepção que as culturas de massa e popular estão diretamente relacionadas com a essência de uma mídia radical, pelo fato de na maioria das vezes ela apresentar outro ponto de vista diferente da cultura de massa, e por tentar valorizar e divulgar a cultura popular que muitas vezes se encontra marginalizada.

Outro fator importante para a construção e utilização de mídias alternativas são os movimentos sociais, que são em grande escala os responsáveis pela junção *culturas - mídia radical*. Mas, para compreender o real fator desses movimentos não se pode restringi-los a simples ferramentas de mobilização política. Entende-se como movimentos sociais ações de grupos organizados que buscam alcançar mudanças sociais por meio de mobilizações que resultem no embate político, a partir de valores e ideologias adotados para cada grupo, mas sempre dentro de uma determinada sociedade e um contexto específico. Downing (2001) nos permite compreender que os movimentos têm como principal objetivo a mudança, a transição ou mesmo a revolução de uma realidade hostil a certo grupo, independente de a questão ser racial, social ou econômica. Pois, normalmente estão em busca de um ideal, os quais defendam principalmente seus interesses.

Um ponto de grande importância para a concepção de mídias radicais é o que se configurou como Novos Movimentos Sociais, que apesar de alterações no modo de realizá-los com o advento da contemporaneidade servem de compreensão para entender que as mídias alternativas se moldam ao contexto em que são aplicadas. Os teóricos Andrew Arato e Jean Cohen[6] discutiram o conceito de Novos Movimentos Sociais, que serviu de base para o estudo apresentado por Downing (2001, p.56):

> (...) movimentos sociais ecológicos, feministas ou pacifistas. Alguns estudiosos sustentam que esses movimentos representam um novo estágio qualitativo na cultura politica contemporânea, com características profundamente diferentes daquelas dos

[6] No livro Mídias Radicais, Downing utiliza-se das conclusões desses autores para apresentar possíveis classificações de movimentos sociais. A obra dos dois que serviu de base foi *Civil Society and Political Theory* (Cambridge: MIT Press, 1992).

> primeiros movimentos sociais, principalmente do movimento operário. (DOWNING, 2001, p.56-57)

A existência de um movimento social requer uma organização bem desenvolvida, o que demanda a mobilização de recursos e pessoas engajadas. É importante lembrar que os movimentos sociais não se limitam a manifestações públicas esporádicas. Pois, com a finalidade de alcançar objetivos políticos, os movimentos se veem diante de uma luta constante e necessária. Em outras palavras, os movimentos sociais possuem uma ação organizada de caráter permanente por uma determinada bandeira, podendo realizar diversas formas de atuação desde a já conhecida mobilização social até a criação de novos mecanismos de ação. Segundo Downing (2001, p.65) a existência deles se dá, pois "Em todo lugar, o poder, a hegemonia e a resistência estão estampados e infiltrados nas instituições e nas práticas do diálogo público e dos movimentos sociais, assim como a cultura popular pode ser elitista, sexista, racista, etc".

Portanto, os movimentos sociais possuem então um papel importante dentro desse contexto, sendo um dos principais responsáveis pela dinamicidade e consistência da mobilização denominada mídia radical, que cumpre a função de abranger e interligar as ações dos mais variados movimentos sociais.

No entanto, é preciso tomar cuidado com o emprego do nome mídia radical, pois dependendo do ponto de vista apresentado pelo observador, o sentido radical pode remeter a forças radicalmente negativas, sendo ponto determinante para a aceitação do conceito dentro de outros grupos que não possuem um entendimento prévio. O objetivo é entender segundo as colocações de Downing (2001), onde mídia radical alternativa é aquela que em suas diversas formas têm em comum o fato de romper regras e padrões e, sem amparo de capital, livres de restrições impostas pelo mercado. Segundo o autor essas mídias:

> [...] são tipicamente de pequena escala, dispõem em geral de poucos fundos, às vezes não são amplamente conhecidos, de tempo em tempo tornam-se alvo da raiva, do medo ou do ridículo de alguma autoridade, ou mesmo do público em geral, ou ambos. Às vezes têm vida curta, como uma espécie de epifenômeno; outras, perduram por muitas décadas. Às vezes, são atraentes; às vezes, entediantes e repletos de jargões; às vezes, alarmantes; e, às vezes, dotados de um humor inteligente. (DOWNING, 2001, p. 29).

A ideia de radicalismo na comunicação não é nova, há muitos anos isso vem sendo feito, mesmo que esses veículos não apresentassem consciência do que estavam realizando. A noção do real valor dessas mobilizações começou a ser entendida após os estudos de Gramsci,

que mais tarde seria compreendido por outros que aplicariam suas teorias em determinados segmentos como fez Downing (2001).

> Os componentes socioeconômicos e ideológicos estão na base do que Gramsci denomina de "jornalismo integral", isto é, "o jornalismo que não somente visa satisfazer todas as necessidades (de uma certa categoria) de seu público, mas pretende também criar e desenvolver estas necessidades e, consequentemente, em certo sentido, gerar seu público e ampliar progressivamente sua área [de influência]" (MORAES, 2010, p.66)

Partindo dos esclarecimentos de Moraes sobre a hegemonia em diversos segmentos, pode-se concluir que o papel dos veículos de comunicação é de grande importância, pelo fato desses serem na maioria das vezes os responsáveis pela divulgação de pensamentos e valores para uma sociedade. Com isso, a existência de mídias radicais que coloquem em questão o real valor das publicações dos veículos hegemônicos passa a ser imprescindível para que todos tenham direito a pluralidade de conteúdo, preenchendo lacunas que não possam ser desenvolvidas pelo sistema hegemônico.

Assim, Downing (2001) defende que se o conteúdo da mídia radical alternativa sugere que a estrutura econômica, política ou social necessitam de mudanças, embora muitas vezes elas não ocorram ou aconteçam em longo prazo. Então o papel dessa mídia é manter viva e latente a visão de como o mundo poderia ser, construindo uma audiência ativa, consciente e crítica.

> [...] a mídia radical tem a missão não apenas de fornecer ao público os fatos que lhe são negados, mas também pesquisar novas formas de desenvolver uma perspectiva de questionamento do processo hegemônico e fortalecer o sentimento de confiança do público em seu poder de engendrar mudanças construtivas. (DOWNING, 2001, p.50)

Portanto, não mais se associa às mídias radicais apenas a produção de jornais e revistas de posicionamento contrário. Podendo então ser compreendida como toda e qualquer forma de comunicação, como por exemplo, movimentos publicitários, passeatas, panfletagens, palestras e tantas outras formas que sejam passiveis de ser entendidas como ação de diálogo entre indivíduos. Dentro desse contexto também há um movimento alternativo denominado *Culture Jamming*.

A ação *jammer* é uma tática usada por muitos movimentos sociais para tumultuar ou subverter a mídia cultural hegemônica e suas principais instituições. Ela busca expor os métodos de dominação utilizados pelas grandes corporações à sociedade na tentativa de estimular a promoção de uma mudança progressiva. As ações têm a intenção de expor

aparentemente questionáveis pressupostos políticos por trás da cultura comercial. Utilizando-se de táticas que apresentam o real valor atribuído a ideia apresentada pela hegemonia do que é legal, como explica Diniz (2008):

> Os jammers são uma espécie de 'caçadores de anúncios publicitários' que misturam arte, mídia, parodia e atitude outsider [...] parece, portanto, ser uma prática social herdeira da contracultura, porém, com peculiaridades que a aproximam de uma subversão pós-moderna, ou seja, contemporânea. (DINIZ, 2008, p.3)

A ação *jammer* na atualidade é comum no mundo virtual onde imagens modificadas pelos ativistas circulam livremente. Mas ainda atuam em locais externos de divulgação, como por exemplo, *outdoors* onde os ativistas trabalham com ilustrações que satirizam os marketings de marcas famosas como Mc Donald, Coca-Cola, entre muitas outras.

> O papel da Mídia como formadora de opinião de forma massiva é um fato em nossa sociedade. Ainda que os níveis de seus efeitos sejam discutidos, é difícil imaginarmos um 'intelectual coletivo' que não esteja mediado pelas atuais formas de comunicação de massa. Nesse sentido temos na ação *jammer* uma subversão que se contrapõe em principio a esta dominação ideológica que é a mídia de massa como formadora de cabeças pensantes em nossa sociedade. (DINIZ, 2008, p.6-7)

Assim, se posicionando contra qualquer tipo de hegemonia os *jammers* atuam em todos os segmentos; étnico, social, econômico, buscando sempre em sua essência diferentes pontos de vista. Além da atuação em diversos campos a Culture Jamming pode ou não atuar sozinha durante alguma ação. Portanto, ela é auxiliada ao mesmo tempo também dá apoio a outros ativistas radicais. Como apresenta a autora valendo-se das teorias de Raquel Paiva[7]:

> Dentre as características da atualidade a existência da mídia tem sido a variável que mais influencia a estrutura social de maneira mais definitiva. Alguns teóricos já conseguem definir este momento contemporâneo a partir da estrutura midiática, na medida em que as outras mediações tradicionais – como família, Escola, religião e trabalho – não podem mais ser analisadas e interpretadas em separado, como se estivessem suspensas e não fossem a todo instante atravessadas de maneira radical pela mídia [...] Isto significa, portanto reconhecer que todas as atividades e relações, mesmo aquelas que historicamente definiam a existência do individuo, como a personalidade, o trabalho, a educação, a politica ou a religião, são modificadas pela estrutura midiática. (PAIVA, 2001, apund DINIZ, 2008, p.3)

A mídia apresenta um papel importante em ações, por ser uma ferramenta capaz de reproduzir um conteúdo desejado e replicá-lo de diversas maneiras, sendo por meio de jornais, revistas, panfletos, programas de rádio, etc. É onde se encontra o interesse das ações

[7] Autora de *Minorias Flutuantes – Novos aspectos da contra-hegemonia*.(In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação XXIV, 2001, Campo Grande) Disponível em http://www.intercom.org.br. Fonte de acesso fornecida por Juana Ribeiro Diniz em seu artigo.

jammers atuarem no campo das comunicações. Pois, do mesmo modo com que elas podem produzir notícias de interesse próprio os ativistas também podem utilizá-las para expor fatos e instigar os receptores de informação.

> É possível detectar movimentos e partidos políticos que se utilizam cada vez mais dos veículos de comunicação. Entretanto existe uma grande e profunda distância entre fazer uso dos veículos e tronar-se verdadeiramente um movimento ou partido politico midiático. [...] requer a adoção de uma postura midiática, em que estética, espetáculo, telepresença, facilitação, aparência de imprevisível atuariam como forças em determinados momentos muito mais ativas do que os pressupostos básicos que mantém a existência e o vigor do ativismo politico no sentido tradicional do termo, que envolve uma luta pela hegemonia. (PAIVA, 2001 apund DINIZ, 2008, p.8)

Os veículos de comunicação tornam-se alvos constantes de ações que surgem de todos os lados. Encontram-se partidos políticos e grupos publicitários tentando influenciar no que deve ser noticiado ou pautado pelas mídias hegemônicas, ao invés de simplesmente criarem veículos próprios onde poderiam divulgar conteúdos de interesses particulares.

Portanto, no caso da comunicação deve-se ficar atento as ações que passaram a ganhar destaque nas mídias corporativas, que se sentem intimadas pela população quando não se posicionam a respeito de mobilizações organizadas por determinados setores da sociedade.

> Perceptível também é a interação dessa mídia com os movimentos de resistência: feministas, trabalhista, étnico, socialista, *gay* e de oposição à guerra. O dialogo e a conversa resultantes dessa interação extraem grande parte de sua essência dos movimentos em questão e, por sua vez, ajudam a fortalecê-los. (DOWNING, 2001, p.197)

Como o autor explica as ações da *Culture Jamming* dentro do contexto de movimentos sociais, consequentemente dentro das mídias radicais, são utilizadas com forma de fortalecimento das ações, por se tratar de uma mobilização rígida. Por sua vez pode-se encontrar uma parceria entre os veículos alternativos e a ferramenta *jammer*, que em conjunto alcançam um nível de visibilidade muito maior do que se fossem trabalhados em separado.

Assim como os movimentos sociais e as mídias alternativas o *Culture Jamming* também trabalha a questão de modificar o espetáculo que a hegemonia insiste em criar. Formando assim, mecanismos que tentam estimular a sociedade a pensar de outras formas que sejam diferentes das que são apresentadas e consolidadas pela hegemonia. Possibilitando uma variedade maior de vertentes que não necessariamente precisem apresentar pensamentos que resolvam algo. Mas, que em conjunto com outros pensamentos permitam novas visões de mundo para a sociedade.

1.3 A mídia radical é capaz de pautar a mídia hegemônica?

A mídia radical é conhecida, em termos gerais, por ser uma unidade de posição contrária à hegemonia, no caso do mercado comunicacional, de oposição ao conteúdo produzido pelas mídias hegemônicas. No entanto, como visto pelas teorias acima ela também possui outra função, a qual deve ser considerada de grande importância, que é o de permitir a criação de novos conteúdos que não possuam espaço dentro do mercado tradicional. Onde, a abertura proposta por essa função adotada pela mídia alternativa, dentro do contexto comunicacional, permita a consolidação de uma pluralidade de informações. Pluralidade que se torna palpável e concreta com a formulação de novos veículos midiáticos. Definido o seu espaço configura-se a possibilidade de interferir nas produções hegemônicas. Observando esse contexto deve-se perguntar, será que a mídia radical realmente consegue pautar informações dentro das redações das mídias hegemônicas?

Observa-se que atualmente as mídias hegemônicas não deixam de pautar determinados assuntos. O fato da população se configurar como a sociedade da comunicação faz com que a variedade de assuntos seja de conhecimento de grande parcela dessas pessoas, fazendo com que as mídias hegemônicas se sintam intimidadas e cubram fatos que antes não entravam em pauta por questões ideológicas das empresas.

Assim, a cobrança da cobertura do evento de um porte tão significativo quanto foi a Rio+20, e as ações paralelas a ela, onde grandes nomes do ativismo mundial e nacional compareceram, constitui-se como ponto de partida deste trabalho para verificar até que ponto as mídias radicais que participaram do evento conseguiram por meio de mobilizações, podendo ser também chamada de ações dos *jammers*, influenciar no conteúdo divulgado por um jornal de grande significação como O Globo. Além disso, deve-se levar em conta caso esses conteúdos sejam trabalhados nas páginas do jornal, de que modo eles foram abordados e produzidos, quais foram as reais aberturas cedidas pelo impresso.

A escolha pelo jornal O Globo se deu por ser de um veículo o qual faz parte das Organizações Globo, que é conhecida pelo controle de grande parte da informação do país. Assim, criou-se a expectativa de que apenas pequenas informações sobre os temas apresentados fossem abordadas. Talvez em espaços não tão favorecidos na diagramação do jornal, deixando as melhores áreas das páginas para a publicação de conteúdos que mostrassem ações políticas propostas pelos representantes das grandes potências mundiais, ou então conteúdos de interesse de seus patrocinadores. Assim, observou-se ao longo das

análises desse trabalho se foi levado em conta o contexto em que se encaixaram as ações das mídias radicais. Pois, têm-se conhecimento dos principais fatos que marcaram determinados dias da Conferência realizada pela Organização das Nações Unidas (ONU).

Portanto, mesmo as ações *jammers* terem como característica o cunho radical e a busca de impactar dentro do cenário de atuação, não se espera que um jornal de tradição como é o impresso, e mais ainda como por se tratar de um veículo das Organizações Globo, que ele se submeta bruscamente às atuações ativistas. Assim, considera-se de difícil alcance a infiltração nas redações e editorias do jornal, pois essas resistem às ideologias que seguem linhas de pensamentos distintas das adotados pelo fundador do grupo Roberto Marinho, o qual é repassado para os veículos comunicacionais da empresa.

Assim, analisar o modo com que periódico abordou os temas discutidos durante todas as atividades realizadas pela Cúpula dos Povos e outros movimentos externos a Rio+20 entre os dias 13 a 22 de junho, é um modo de verificar se o modo com que os temas foram explorados e aprofundados nos conteúdos jornalísticos, quem sabe o porque deles não serem sequer citados pelo O Globo.

Pressupõe-se, portanto, que o jornal apresentará temas que sigam os padrões sugeridos pelos seus patrocinadores, ou até mesmo, conteúdos que reflitam a parceria consolidada entre as Organizações Globo e a comissão organizadora da Rio+20. Com matérias possíveis matérias que alguns momentos se utilizem da questão ambiental tratada na Conferência para vender produtos e alcançar novos mercados, explorando de forma inadequada questões como meio ambiente e economia sustentável, temas de destaque nas discussões patrocinadas tanto pela ONU na Rio+20, como pela sociedade mundial que se organizou no Rio de Janeiro durante os dez dias de atividades.

Por fim, espera-se que as ações *jammers* realizadas pelas mídias radicais obtenham resultado de pouco impacto sem alcançar, por exemplo, publicações em capas ou conteúdos com mais de uma página de texto ou imagem. Ou então, produções jornalísticas que apresentem as verdadeiras noções e ações para se alcançar o real desenvolvimento sustentável, como apresentado dentro das discussões realizadas pelos eventos que realizados em paralelo a Conferência da ONU.

2. Observação do objeto

2.1 Por que o jornal impresso?

Voltando à origem da imprensa, Lage (2002) retrata a dificuldade de comunicação na Idade Média, visto que as informações disponíveis para a população vinham inseridas em decretos, proclamações, exortações e nos sermões das Igrejas. A imprensa periódica surgiu do contexto do mercantilismo, sendo que o primeiro jornal circulou em Bremen, Alemanha, em 1609. Os jornais foram usados como arma pela burguesia, e a Igreja e o Estado tentaram conter os impressos com o índex e a censura.

Os primórdios da imprensa mostram o fato da mídia impressa ser um veículo de tradição e credibilidade para a sociedade. O jornal impresso é um dos mais importantes e tradicionais veículos de comunicação de massa e por esse fator conclui-se que qualquer coisa que seja pautada por ele venha a se tornar algo capaz de alcançar uma significativa parcela da população.

Considerando o fato da mídia impressa apresentar um modo de se fazer jornalismo antigo, tendo uma linha de pensamento e produção consolidada e difícil de ser alterada, a torna um veículo de acesso restrito para a veiculação de conteúdos produzidos por veículos de menor porte e/ou de opinião divergente, no caso desse estudo, as mídias radicais. Assim, nesse contexto nota-se a importância desta análise para verificar se a ferramenta *Culture Jamming* utilizada pelas mídias alternativas consegue atingir um veículo de tradição como o impresso.

É importante observar que o fato do jornal impresso não apresenta a mesma capacidade de armazenamento e publicação de conteúdo que a mídia virtual oferece, o transforma em uma plataforma restrita, onde a quantidade de conteúdo publicada se torna menor. Desse modo, os temas a serem abordados pelas pautas apresentadas na redação do jornal impresso precisam ser de suma importância, caso contrário, não seriam escolhidas em meio a tantas outras informações que poderiam ser publicadas.

A possibilidade de se segmentar um jornal impresso para uma análise, além das metodologias que o formato permite aplicar, o torna uma plataforma de amplas interpretações. Para esta monografia, por exemplo, o modo com que o conteúdo é distribuído e a questão de como ele é selecionado, permite que se analisem critérios característicos da mídia impressa como: hierarquização da informação por meio de quantidade de textos, de imagens, de cadernos, avaliação do campo de visualização do leitor, etc. Assim, a diagramação nos

permite verificar a localização e a importância dada aos conteúdos buscados dentro das produções jornalísticas.

Por fim, as diversas formas de análise de conteúdo que o veículo permite somada à credibilidade que se deposita ao jornal impresso como principal vinculador de informação de massa, possibilita que se verifique até que ponto as ações *jammers* atingem o objetivo de inserir temas de interesses coletivos e diversos dentro dos conteúdos majoritariamente comerciais apresentados pelos jornais impressos hegemônicos.

2.2 Organizações Globo e o jornal O Globo

Para dar continuidade ao trabalho foi necessário escolher, dentro da plataforma jornalismo impresso, uma empresa para ser analisada. Em detrimento do tema selecionado para realização da pesquisa o jornal selecionado foi O Globo. Tal seleção se baseou em alguns critérios. Primeiro, trata-se de um jornal que faz parte de um grupo midiático corporativo de grande destaque dentro do cenário das mídias hegemônicas, as Organizações Globo. Segundo, a corporação Globo consolidou uma parceria com a ONU para a organização e apoio a conferencia Rio+20. E por fim, trata-se de um veículo que possui a sede de sua redação no Rio de Janeiro, cidade onde foram realizadas as atividades da Conferência das Nações Unidas e das mobilizações paralelas a ela. Assim, este trabalho poderia ter desenvolvido outros critérios, mas para a realização da análise em outros veículos impressos não permitiria que esses fatores favorecessem para o desenvolvimento da pesquisa.

2.2.1 As organizações Globo

As Organizações Globo são consideradas o maior conglomerado de empresas do setor de mídia e comunicação, sendo responsável por uma grande parcela dos produtos que circulam no cenário brasileiro. O grupo possui empresas dentro dos mais variados ramos tais como a Rádio Globo, a Rede Globo de Televisão, Globo Filmes, a Editora Globo, a Som Livre, além tantos outras segmentos.

Desse modo, as Organizações Globo também podem ser classificadas como uma das maiores mídias hegemônicas do país, o que permite compreender, consequentemente, que possui as principais características do conceito hegemonia. Como, por exemplo, as barreiras que o grupo apresenta dentro de sua linha editorial de conteúdo, dificultando a possibilidade inserção de pontos de vista distintos.

Como toda grande corporação, as Organizações Globo criaram uma politica editorial para monitorar as variadas plataformas produtoras de conteúdo que fazem parte do grupo. Assim, todos os veículos e plataformas para receberem o selo Globo de Qualidade devem seguir as indicações transcritas no documento a risca. Com a intenção de acentuar a credibilidade que o nome Globo possui. Em agosto de 2011 por meio de nota oficial o grupo divulgou por meio de seus veículos o documento onde constam as obrigações e deveres para todos os veículos e funcionários da empresa. Segundo a própria empresa o edital deve ser utilizado por todas as plataformas de produção, ou seja, as empresas de produções televisivas, radiofônicas, da internet e impressas, como o jornal O Globo, adotaram como norma as os pontos presentes na Política Editorial.

> Desde 1925, quando *O Globo* foi fundado por Irineu Marinho, as empresas jornalísticas das Organizações Globo, comandadas por quase oito décadas por Roberto Marinho, agem de acordo com princípios que as conduziram a posições de grande sucesso: o êxito é decorrência direta do bom jornalismo que praticam. Certamente houve erros, mas a posição de sucesso em que se encontram hoje mostra que os acertos foram em maior número. Tais princípios foram praticados por gerações e gerações de maneira intuitiva, sem que estivessem formalizados ordenadamente num código. Cada uma de nossas redações sempre esteve imbuída deles, e todas puderam, até aqui, se pautar por eles. Por que, então, formalizá-los neste documento? (...) O objetivo é não somente diferenciar-se, mas facilitar o julgamento do público sobre o trabalho dos veículos, permitindo, de forma transparente, que qualquer um verifique se a prática é condizente com a crença. As Organizações Globo, diante dessa necessidade, oferecem ao público o documento 'Princípios Editoriais das Organizações Globo. (Princípios Editoriais das Organizações Globo[8])

Assim, por meio desse documento toda e qualquer produção jornalística realizada em um veículo das organizações Globo deve se pautar a partir do que está escrito nele. Portanto, justifica-se a importância de utilizar como objeto de estudo O Globo, pois o jornal faz parte dos veículos que devem seguir as estipulações do documento produzido pela empresa da Família Marinho.

Segundo a Política Editorial das Organizações Globo durante a apuração de um conteúdo jornalístico vinculado aos veículos globais o repórter e/ou pauteiro deve dar voz a todos os envolvidos na situação, e tentar apresentar para o leitor e/ou telespectador a real situação que ocorre entorno do fato a ser relatado. Constituindo uma situação conflituosa, os princípios editoriais apresentados pela empresa se deparam com os interesses dos patrocinadores e proprietários dos veículos produtores de conteúdo, os quais na grande maioria das vezes visam produções publicitárias que não coloquem em choque a imagem de

[8] O documento completo esta no site http://g1.globo.com/principios-editoriais-das-organizacoes-globo.html. Acessado em 08/10/2012

seus produtos, questionando o modo como os princípios apresentados pela empresa são aplicados.

2.2.2 O jornal O Globo

Em detrimento da importância de se analisar um veículo hegemônico proveniente das Organizações Globo, selecionou o impresso do grupo, o jornal O Globo. Fundado em julho de 1925 e com sede na cidade a capital carioca, possui como público-alvo a Região Metropolitana do Rio de Janeiro. O jornal pode ser considerado de orientação política conservadora, além de ser considerado um dos veículos impresso de maior tiragem do país, consequentemente tornando-se influente nas produções de conteúdo, também por ser de produção diária.

Além de seu conceituado nome dentro da plataforma dos jornais impressos a escolha desse periódico para a pesquisa é importante por se situar na cidade onde foi realizada a Conferência da ONU e as mobilizações em paralelo ao evento. Assim, a proximidade da redação ao local das atividades facilita a cobertura das notícias por apresentar uma grande quantidade de profissionais disponíveis para a apuração dos fatos.

Em conjunto a todos os fatores listados acima deve-se levar em consideração que as Organizações Globo consolidou uma parceria com a Organizações das Nações Unidas para cobertura e realização de atividades dentro da Rio+20. Assim, trata-se de um veículo tradicionalmente hegemônico dentro do mercado dos jornais impressos, onde a organização pelo qual é responsável o veículo consolidou uma parceira com os organizadores da Conferencia.

Portanto, tendo em mãos o manual e o documento de princípios editorias das Organizações Globo a verificação de que modo eles trataram as mobilizações que cercaram os dez dias de Rio+20. O Objetivo de tal escolha não é para criticar a politica das Organizações Globo, mas sim mostrar como um veículo hegemônico trabalhou diante das atuações das mídias radicais.

2.3 Rio+20: onde todos se encontram

Do dia 20 a 22 de junho de 2012 foi realizado no Rio de Janeiro a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (UNCSD), ou então como ficou conhecida popularmente, Rio+20. O evento recebeu esse nome, por marcar o vigésimo

aniversário da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento organizada também no Rio de Janeiro no ano de 1992 e o décimo aniversário da Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável (WSSD) promovida em Joanesburgo em 2002. As Conferências possuem em comum a preocupação em se fazer algo quanto ao desenvolvimento sustentável, além de serem marcadas pela presença de Chefes de Estado e de Governo, apresentando assim um alto nível de comprometimento.

A Riocentro (centro de convenções do Rio de Janeiro) recepcionou pessoas de diferentes nacionalidades para os debate e discussões que foram além do viés ecológico e ambiental, pelo fato da Rio+20 se comprometer em abordar questões superam problemas climáticos, emissões de CO2 e a biodiversidade. Portanto, concentrando-se em locais como o Aterro do Flamengo e o Museu de Arte Moderna a organização desse evento visou trabalhar dentro de um viés ambiental, mas encaixando-se no desenvolvimento social e econômico de todo planeta.

Para compreender a ideia central que envolve a Conferência o logo criado para o evento apresenta o contexto em que se insere o foco da discussão.

Figura 1: Logo oficial da Rio+20



Segundo as propostas da ONU o logotipo da Rio+20 representa a busca da integração entre os aspectos ambientais e sócio-econômicos, os quais são representados nesta ordem por uma folha localizada na parte superior do logo, e um olho localizado na parte inferior da imagem. A ideia da integração também esta presente no logo, simulada pelos degraus azuis, que possuem o objetivo de unir os dois pólos. Deve-se entender que essa união não pode ser consolidada automaticamente, pois a ideia proposta pela organização da Conferência e representada pelo logo busca o equilíbrio entre os dois pontos. Por exemplo, se o evento se preocupa em só cuidar da questão econômica o resultado seriam pessoas cada vez

mais distantes do meio ambiente, e dos recursos cada vez mais distantes de quem precisa deles.

Outra proposição apresentada pelo logo é que nós, seres humanos, temos um limite, portanto não adianta jogar o meio ambiente para o “espaço”, ou então, jogar as pessoas “para baixo”, a ideia é que se conviva em harmonia dentro de um só planeta, o qual é representado pelo todo do símbolo. Assim, interpretando a figura utilizada na Rio+20 compreendida de modo breve discute a justiça social, crescimento econômico e proteção ambiental, os quais estão ligados em forma de um globo, mesclando as três cores o que indica a interligação dos diferentes componentes.

Além do significado do logo os dados fornecidos ao final do evento pela ONU proporcionam o significado do tamanho e da repercussão que a Conferência apresentou. Segundo os números a Rio+20 se configurou como o maior evento já realizado em questão de participação de líderes de variados segmentos; como do setor privado, do governo e da sociedade civil, levando em consideração os últimos cinco anos de conferências ligadas ao assunto. A partir disso, é possível afirmar que qualquer ação que tenha sido realizada durante o evento obteve visibilidade no campo comunicacional.

Ainda, segundo informações divulgadas pelo blog oficial da Rio+20, o evento reuniu mais de 40 mil participantes, além de mais de 100 chefes de Estado, o que significou que grande parcela dos países teve representantes presentes no evento. Além disso, a Rio+20 também contou com a participação de ONGs nacionais e internacionais. A visibilidade de todo o evento ficou sob a responsabilidade dos mais 4 mil indivíduos registrados à serviço das comunicações. Esses dados e os apresentados na tabela abaixo mostram o real tamanho do evento.

Tabela 1: Dados oficiais referente a quantidade de participantes durante a Rio+20[9]

Participantes no Riocentro até o fechamento em 22 de junho	
Total de participantes	45.381
Delegações de Estados-Membros	188
Delegações de Estados observadores	3
Chefes de Estado e de Governo	Mais de 100
Delegados	aproximadamente 12.000
ONGs e Major Groups	9.856
Mídia	4.075
Credenciais para os dias dos Diálogos para a sociedade civil (16 a 19)	1.781

Dentre as atividades que realizadas em paralelo a Rio+20 é importante destacar a realização da Cúpula dos Povos, evento organizado por entidades, ONGs e grupos ativistas que acreditam que haja mais coisas a se discutir além do que foi proposto pela ONU. Onde, entre os dias 15 e 22 de junho o evento que foi aberto ao público e a todos que se interessassem pelos assuntos abordados pela programação; questões sobre a crise socioambiental, busca de soluções práticas para fortalecer movimentos sociais do Brasil e do mundo. O evento foi organizado pelo Grupo de Articulação da Cúpula, formado por mais de 50 redes nacionais e internacionais.

A agroecologia, a economia solidária e tecnologias sociais, atividades que buscam valorizar o capital humano foram pontos trabalhados durante os dias de realização da Cúpula. O evento também articulou questões de estimulo organizações e movimentos sociais que consolidam processos de luta anticapitalista pós-Rio+20, para isso, durante o encontro, os grupos participantes integraram agendas e campanhas.

Com a denúncia das causas estruturais das crises mundiais, da não solução e das novas formas de reprodução do capital, a Cúpula buscou, durante as reuniões, expor à sociedade civil as razões dos problemas de ordem social e ambiental do planeta. Além disso, com a participação de representantes de diversos países, o evento apresentou soluções e novos paradigmas dos povos aos graves problemas que o mundo enfrenta.

Assim, a importância de estudar as mobilizações das mídias radicais dentro de um contexto como o oferecido pela Rio+20, em conjunto com a crescente onda de preocupação

[9] Dados obtidos no blog oficial da Rio+20 http://www.onu.org.br/rio20/br/blog/ , acessado no dia 01/10/2012.

de todas as mídias com questões sociais relacionadas à sustentabilidade, se dá pelo fato de se verificar se a mídia hegemônica foi pautada pelos movimentos sociais e/ou ações de ONGs. Mostrando que a capacidade de chamar a atenção desses grupos vem se tornando algo cada vez maior e organizado. Isso é se torna mais nítido pela grande quantidade de pessoas que se reuniu em mobilizações paralelas ao evento, onde sabiam que teriam uma visibilidade maior, tentando chamar a atenção das mídias corporativas.

2.4 Dez dias de Rio+20

Oficialmente os encontros principais, os quais tiveram a participação dos líderes políticos mundiais, da Conferência da ONU realizadas entre os dias 20 e 22 de junho de 2012. No entanto, o evento como um todo foi além desses três dias de atividades. Segundo o cronograma apresentado no portal oficial do evento, as discussões tiveram início no dia 13 de junho com o início da elaboração do documento oficial, o qual foi assinado pelos lideres políticos ao final da Rio+20. Além disso, do dia 13 ao dia 15 de junho foram organizadas sessões de reunião do Comitê Preparatório[10], encabeçada pelo governo brasileiro.

Após o término das reuniões do Comitê Preparatório e o Governo brasileiro, mediador dos debates, propôs para o calendário da Conferência mais quatro dias de discussões, que eles chamaram de **"**Dias de Diálogo sobre Desenvolvimento Sustentável", que ocorreu de 16 a 19 de junho de 2012, onde o principal objetivo era abordar os seguintes tópicos: Segurança alimentar e nutricional; Desenvolvimento sustentável para erradicar a pobreza; Desenvolvimento sustentável como resposta à crise econômica e financeira; Economia do desenvolvimento sustentável, incluindo padrões sustentáveis de consumo e produção; Cidades sustentáveis e inovação; Desemprego, trabalho decente e migrações; Energia sustentável para todos; Água; Oceanos; Florestas[11].

Sabendo-se que O Globo parceiro do evento se comprometeu em acrescentar aos cadernos fixos do periódico um caderno especial denominado Rio+20, onde o tema de todos os conteúdos seria pautado apenas pelas atividades realizadas durante os dez dias de evento, atribuiu-se então a necessidade de analisar esse período de publicações. Por isso, para a analise apresentada nesta monografia, o período selecionado foi exatamente os dez dias de

[10] O calendário oficial das atividades propostas na terceira sessão da reunião do Comitê preparatório esta disponível no site da Rio+20 www.uncsd2012.org , ele não será apresentado de forma detalhada nesta monografia, pois não se tratar do principal foco a ser abordado neste trabalho.
[11] A proposta de dialogo foi retirada do portal http://www.onu.org.br/rio20/br/blog/, acessado no dia 01/10/2012.

atividades dos eventos dentro e fora da Riocentro que serviram de pauta para os conteúdos produzidos pelo jornal durante todos esses dias de Rio+20.

2.5 Método de trabalho

O jornal impresso para ser atrativo deve apresentar a diagramação bem estruturada, com uma ordem hierárquica para melhor compreensão do conteúdo. Assim, detalhes como a matéria principal e as imagens da capa também podem apresentar os principais temas abordados pelo jornal, e consequentemente direcionar o foco inicial dos leitores. A diagramação do jornal deve guiar o leitor ao que estiver procurando, portanto são os editores do periódico os principais responsáveis pelo que terá menos ou mais destaque em seus cadernos.

Portanto, detalhes como a localização do conteúdo, qual o formato de matéria a ser trabalho, as cores da foto a serem usadas, quantas páginas ou qual o tamanho de cada conteúdo, interferem no modo com que os leitores do jornal irão absorver a produção jornalística. Desse modo, todos esses quesitos podem ser estudados para compreender a linha editorial adotada pelo veículo.

Para a realização da pesquisa desta monografia foi necessário se basear em métodos de pesquisas capazes de analisar o modo como as mídias hegemonias trabalharam as pautas que se basearam nas ações *jammers*. Para isso, aplicou-se ao trabalho o método Experimental, onde o objeto de estudo foi verificado diante da influência de possíveis variáveis, no caso desta pesquisa durante a analise do jornal selecionado correu-se o risco de que a mídia hegemônica, no caso o jornal O Globo, não permitisse espaço em suas publicações sobre as ações da mídia radical. Nesse caso essa variável faria com que o estudo apresentado aqui tomasse outro rumo, o que só será verificado ao termino das análises.

A obtenção dos gráficos e tabelas apresentadas nos capítulos seguintes é resultado da analise dos jornais selecionados, onde em seguida foi realizada uma categorização das informações, para verificar se as produções jornalísticas se pautaram sobre atividades realizadas pelas mídias radicais durante a Rio+20, ou seja, notícias, notas, fotos que falaram dos movimentos sociais organizados pela população e conteúdos que se referiram a qualquer “alvoroço” dentro e/ou fora dela.

Para uma melhor compreensão dos dados coletados foram formuladas planilhas que se transformaram em gráficos capazes de quantificar o que foi proposto por esse trabalho e

consequentemente comprovar ou não pensamentos consolidados pelos estudos bibliográficos apresentados.

Por tanto, em momento algum coube a este trabalho alterar o conceito do que deva ser publicado no jornal O Globo, mas sim, verificar se a política editorial apresentada pelo jornal segue o que é proposto e verificar qual o grau de importância dado aos conteúdos publicados que tinham vínculo direto ou indireto com os movimentos sociais que ocorreram entre os dias 13 a 22 de junho de 2012. Portanto, esta monografia trabalha com a parte prática de coleta de dados, constituindo-se em um procedimento geral, fazendo uso de observações dos conteúdos do jornal selecionado.

Para a realização da análise dos jornais selecionados determinou-se algumas linhas de estudos, para que este trabalho buscasse ao máximo explorar os exemplares do periódico. Desse modo, os pontos a serem adotados foram: 1) Quais as partes do jornal O Globo a serem analisadas; 2) Quais os tipos de publicações analisados; 3) Se o jornal apresentou outras formas de abordar o assunto em questão.

2.5.1 Partes analisadas do jornal O Globo

Para este estudo foi preciso selecionar quais as partes do material coletado seriam analisadas. Considerando que as ações *jammers* não apresentaram um direcionamento único nem o planejamento em suas atuações, para melhor compreensão da forma com que os movimentos sociais e as ONGs conseguiram pautar O Globo durante os dez dias de atividades da Rio+20, viu-se necessário observar todos os cadernos do jornal.

Assim, para que nenhuma nota ou qualquer outra produção jornalística passasse desapercebida durante a pesquisa teve-se o cuidado de ler todas as notícias dos dez dias de jornal, independente deles terem ou não chamadas que façam menção as atividades realizadas dentro e fora da Rio+20.

Sabendo-se que O Globo apresentou durante todos os dias da Conferência cinco cadernos fixos (Caderno Principal, Segundo Caderno, Caderno de Economia, Caderno de Esportes e Caderno Especial Rio+20) todos eles foram folheados e catalogados durante a pesquisa. Além disso, os cadernos especiais que apareceram esporadicamente ao longo dos dias de pesquisa também se somaram a análise final, sendo eles: Revista O Globo, Ela, Prosa & Verso, Razão Social e Indústria Sustentável.

A opção por verificar todos os cadernos presentes nos jornais se justifica pelo fato de que através dos gráficos formulados[12] a partir dos dados obtidos após uma cuidadosa leitura dos jornais foi possível observar quais partes do Globo permitiram maior ou menor ação do movimento de *Culture Jamming* realizado pelas mídias radicais. Além de analisar o objetivo principal deste trabalho, que é analisar se as mídias hegemônicas estão dando mais abertura a conteúdos que antes não faziam parte de sua política editorial.

2.5.2 Tipos de publicações analisadas

Por se tratar de um trabalho científico com objetivos jornalísticos, esta monografia teria que optar por quais formatos jornalísticos seriam analisados. Assim, para uma melhor compreensão do jornalismo colocou-se em prática os conceitos aprendidos durante a universidade e escolheu-se trabalhar com mais variadas formas de se produzir conteúdo jornalístico dentro de um veículo impresso.

A redação jornalística é aquela utilizada nos meios de comunicação escritos. Os textos jornalísticos se caracterizam fundamentalmente por relatar notícias ou acontecimentos atuais ou por manifestarem uma opinião sobre tais fatos. Exemplos comuns deste tipo de texto são crônicas jornalísticas, artigos puramente informativos, artigos de opinião de colunistas, etc.

Assim, levou-se em conta todo e qualquer formato de ilustração dentro do jornal que remetesse as mobilizações das mídias radicais, ou seja, gráficos, tabelas, fotos, caricaturas e qualquer outra forma de se apresentar conteúdo por meio de imagens. Além disso, também se levou em conta toda e qualquer forma de produção textual, pesando desde uma nota de duas ou três linhas a entrevistas e matérias de conteúdos mais longos.

[12] Todos os gráficos formulados durante a pesquisa estão localizados no capítulo 3 desta monografia.

3. Jornal O Globo através dos gráficos

A diagramação do jornal se tornou algo importante após anos de impressos desorganizados os quais passavam informações desencontradas. Com o advento da diagramação fotos, ilustrações, textos e títulos passaram ser ordenados. Por isso, quando se fala em diagramar compreende que se trata de espaços em branco que devam ser preenchidos de modo com que o leitor interprete os fatos organizados dentro da página do jornal.

A arte de diagramar não fica ao critério do jornalista que escreve a matéria, as empresas de grande porte possuem planos de diagramação já consolidados como explica Rafael Souza em seu livro, "Este padrão gráfico deve ter antes de tudo um fundamento filosófico do dono da empresa jornalística, que será aliado a uma estrutura gráfico-editorial" (1985, p.46)[13].

Assim, diagramação de modo sintético nada mais é do que dispor de maneira ordenada os conteúdos produzidos pelos jornalistas. Partindo de uma definição simples não se imagina a importância que essa disposição pode ter, como o fato de colocar uma ilustração na parte superior da página diagramada.

O jornal impresso para ser atrativo deve apresentar a diagramação bem estruturada com uma ordem hierárquica para melhor compreensão do conteúdo. Assim, detalhes como a matéria principal e as imagens da capa também podem apresentar os principais temas abordados pelo jornal, e consequentemente direcionar o foco inicial dos leitores. A diagramação do periódico deve guiar o leitor ao que procura. Portanto, são os editores do impresso os principais responsáveis importância dada em seus cadernos.

Portanto, detalhes como a localização do conteúdo, qual o formato de matéria, as cores da foto a serem usadas, quantas páginas ou qual o tamanho de cada conteúdo, interferem no modo com que os leitores do jornal irão absorver a produção jornalística. Desse modo, todos esses quesitos podem ser estudados para apresentar a linha editorial adotada pelo veículo.

Para compreender melhor esta pesquisa a análise dos periódicos foi trabalhada em seis formas de verificação. Levou-se em conta, para essa escolha, conceitos jornalísticos capazes de mostrar o grau de importância que os editores do jornal O Globo deram para as produções noticiadas. Assim, os critérios adotados foram: Hierarquização da informação em laudas, Hierarquização da informação por cadernos, Quantidade de módulos para os textos,

[13] Diagramação: o planejamento visual gráfico na comunicação impressa, São Paulo, 1985, Summus.

Quantidade de módulos para figuras, Formato em que os conteúdos foram divulgados e Campo de visualização.

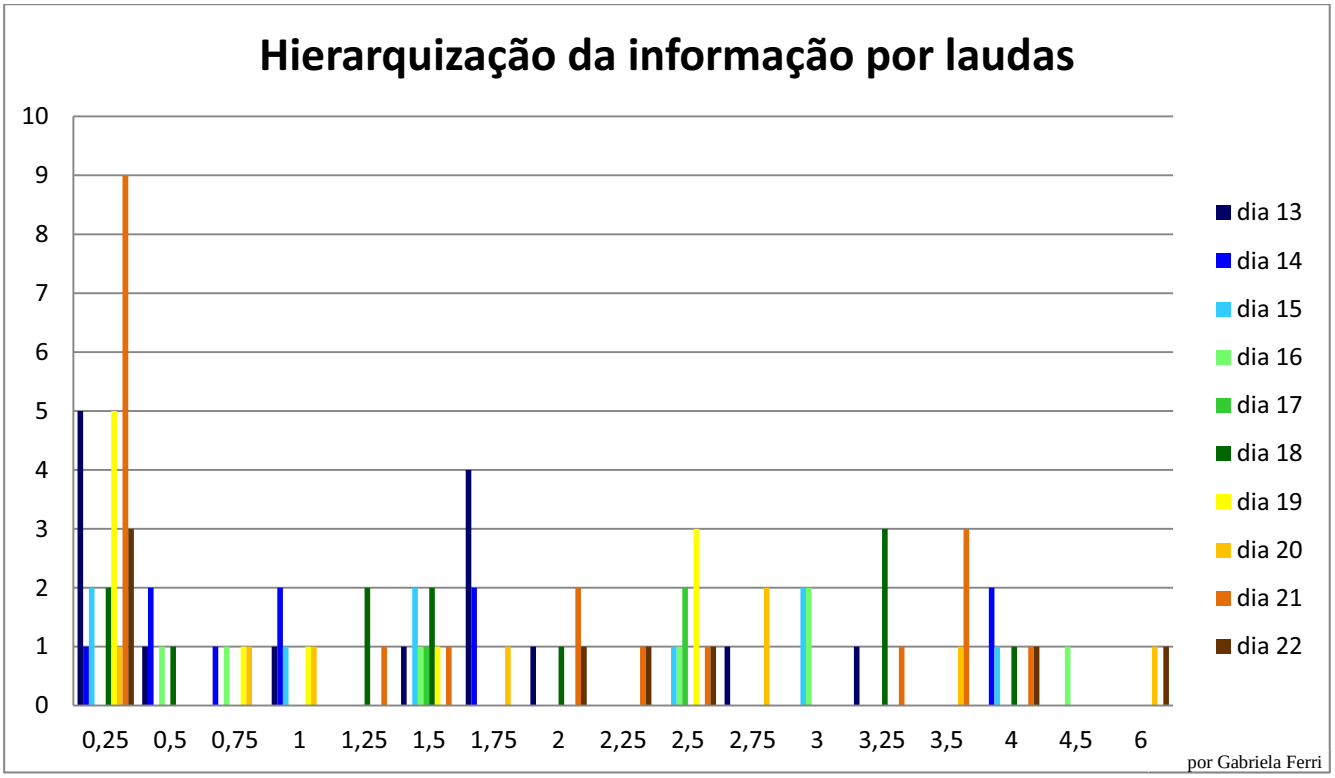
3.1 Hierarquização da informação por laudas

Para a realização da análise pelo critério de laudas primeiro deve-se compreender o conceito de lauda. Originalmente, tratava-se do papel padronizado com espaço delimitado para a inserção de texto usado nos veículos impressos, para propiciar os processos de edição, paginação e diagramação. Com o surgimento de outras plataformas a lauda passou a significar uma página padrão com um determinado número de linhas e caracteres. Para o padrão adotado neste trabalho configurou-se que uma lauda é composta por um total de 1.400 caracteres.

Compreendido o conceito de lauda foram então adotados outros padrões para a realização da análise. Verificou-se que para cada linha de uma coluna do jornal O Globo contém uma média de 35 caracteres. Já que em uma coluna temos 120 linhas, espaço necessário para preencher uma página inteira, sabendo-se que o jornal trabalha com cinco colunas pode-se concluir uma página inteira do jornal possuí a média de 21.000 caracteres, independente do formato textual utilizado.

A partir dos números acima compreende-se que em uma página do Globo há um total de 15 laudas. Assim, é possível observar analisando os gráficos abaixo a quantidade de laudas dos textos que fizeram referência a questões apresentadas pelas mídias radicais.

Gráfico 1: Hierarquização da informação analisada quanto a quantidade de lauda por texto



Para o gráfico acima o eixo X representa os tamanhos de laudas encontradas durante os dez dias de observação. Durante a pesquisa verificou-se um limite mínimo e um limite máximo entre os tamanhos de lauda encontrados. Assim, o mínimo observado foi ¼ de lauda, o que equivale no gráfico acima a 0,25 de lauda, e máximo de 6 laudas, a maior quantia encontrada durante a pesquisa. O eixo Y do gráfico representa a quantidade de vezes que aquele tamanho de lauda foi visualizado durante os dias analisados, esse não se estipulou mínimo nem máximo. Desse modo, é possível pontuar alguns questionamentos.

Observando as barras como um todo pode-se verificar que a quantidade de cores localizadas no ponto 0,25 nos mostra que grande parte dos dias observados apresentou, entre os conteúdos produzidos no jornal, ao menos textos com média de 350 caracteres sobre as ações realizadas pelas mídias radicais. Além disso, analisando os dias apresentados pelas cores ao lado é possível verificar através desse gráfico que todos os dias tiveram textos publicados no jornal independentemente do tamanho de cada postagem.

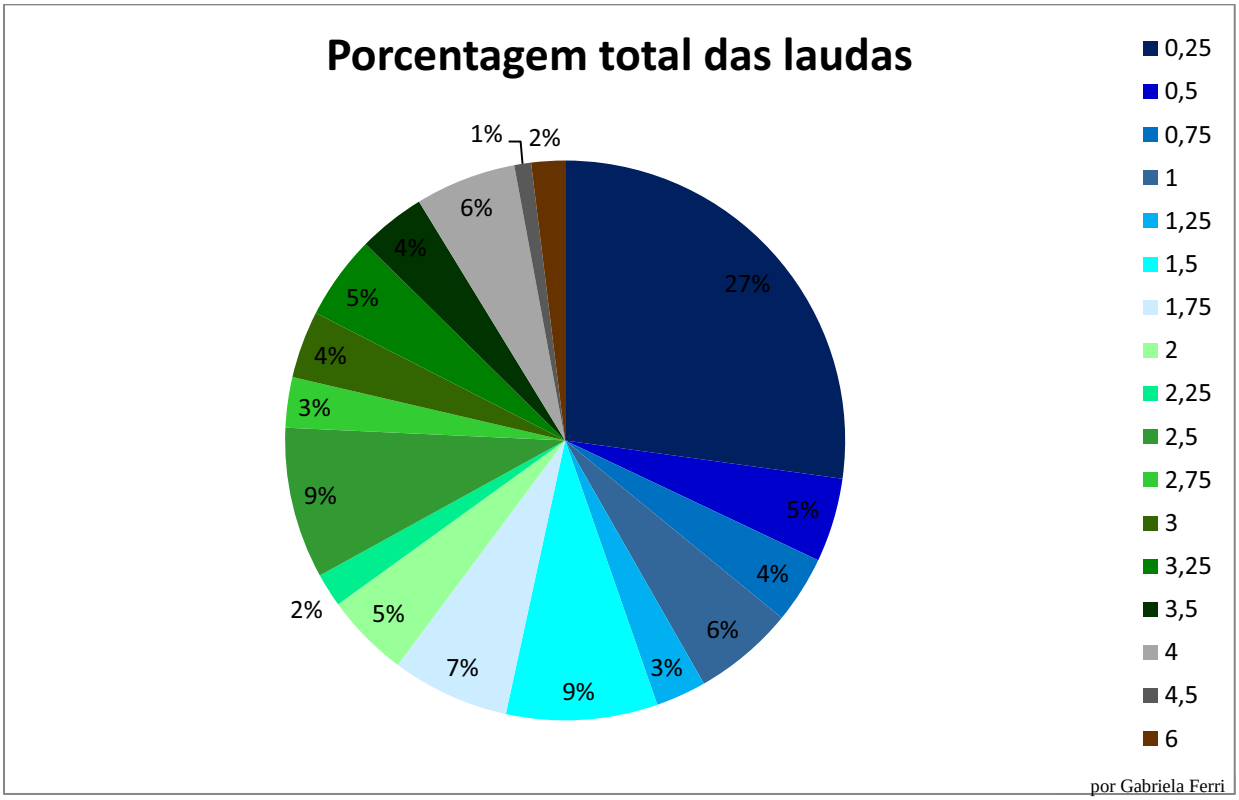
Também compreende-se a partir do gráfico acima que durante os três dias de eventos oficiais da ONU na Rio+20 na abertura e no encerramento os dias 21 e 22 de junho de 2012 apresentam os maiores textos registrados nessa pesquisa, 6 laudas. Disso, é possível compreender que apesar da pesquisa ter registrado no mínimo ¼ de lauda em todos os dias analisados, foi durante dois últimos dias da Rio+20 que se demonstrou uma maior

preocupação em postar conteúdos com maior quantidade de caracteres pautados pelas mídias radicais. Ao mesmo tempo verifica-se que o espaço cedido pelo jornal, com 6 laudas como máximo de conteúdo pautado pela mídia radical, configura uma quantia bem abaixo do limite de laudas que uma página do Globo pode apresentar que é 15 laudas.

A partir do Gráfico 1 observa-se o registro do pico de postagens de ¼ de lauda no dia 21 (representado pela barra laranja) que atinge a marca de 9 publicações. Ao longo da pesquisa foi possível notar que o dia 21 foi marcado pela consolidação do documento proposto pelos representantes da Rio+20. Supondo que os organizadores da Conferência não esboçariam outra atitude além da assinatura do documento os movimentos sociais e ONGs decidiram se pronunciar pedindo resultados da Rio+20. E o registro acima verificado pelo gráfico mostra que O Globo se viu diante da necessidade de produzir textos pequenos sobre esses questionamentos, ou seja, sendo pautado mais uma vez pelas mídias alternativas.

A partir dos dados utilizados para a construção do gráfico acima também se obteve outro gráfico em formato de pizza, o qual representa em porcentagem os tamanhos de laudas com maior ou menor grau de postagens, como é possível se verificar abaixo.

Gráfico 2: Visualização em porcentagem do total de laudas catalogadas



A partir do Gráfico 2 é verifica-se mais facilmente quais a quantidades de lauda encontradas, e quais apareceram mais vezes durante a pesquisa. Por exemplo, é nota-se que nenhum dos tamanhos apresentados conseguiu superar a margem de 30%, e que com exceção do tamanho de ¼ de lauda, todos os outros tamanhos não ultrapassaram 10% de publicações.

Sabendo que uma página do jornal é composta por 15 laudas e que 1/3 de 15 é 5 observa-se no gráfico acima que 98% de todos os textos que foram pautados pelas mídias radicais não representaram nem 1/3 do espaço que cada página de jornal possui. Ou seja, nem os 2% que representam mais que 1/3 dos os textos da página do Globo podem representar algo significativo para as ações *jammers*.

Também pode-se observar a partir desse gráfico que os dois tamanhos máximos, 4 laudas e meia e 6 laudas, foram os menos utilizados pelas editorias do jornal durante os dez dias de análise.

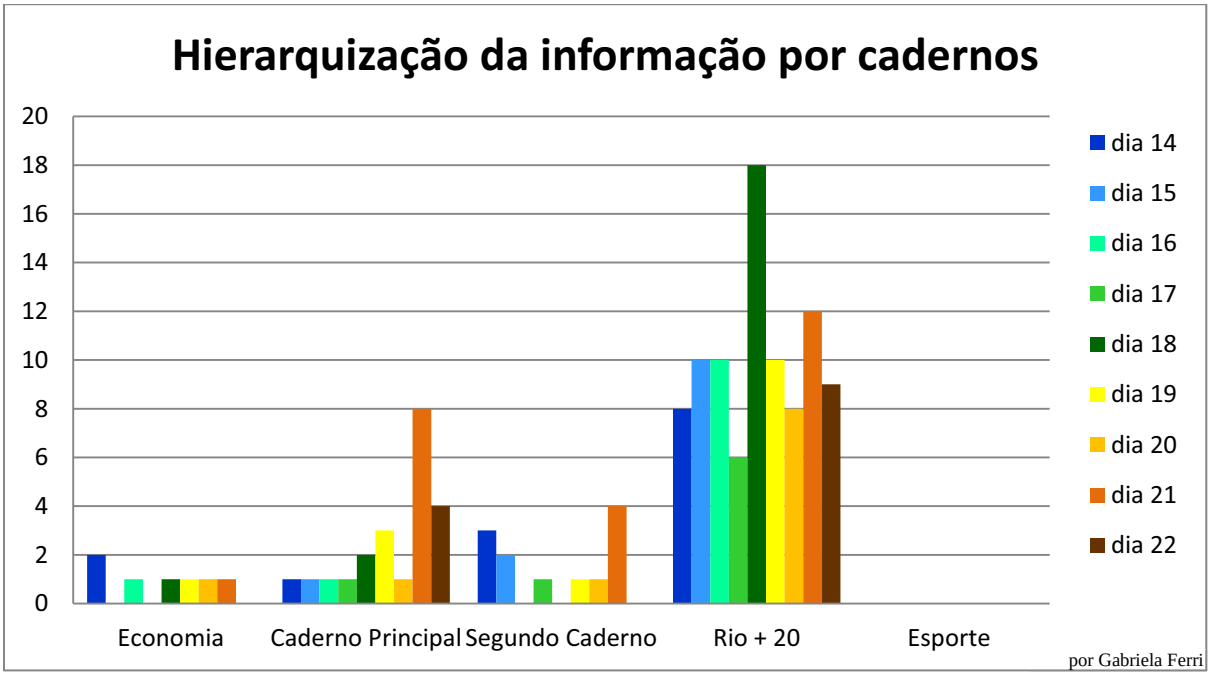
Por fim, esse critério de avalição nos mostra a quantidade de caracteres utilizados para a produção de conteúdos voltados as ações das mídias radicais durante a realização da conferencia Rio+20. E mais que isso, é possível discutir o fato de termos um limite máximo de 8.400 caracteres para páginas que podem ter até 21.000 caracteres de texto, ou seja, apesar do jornal O Globo destinar espaços que se pautam nos conteúdos da mídia hegemônica essas brechas ainda são pequenas.

3.2 Hierarquização da informação por cadernos

Ainda questionando a forma com que a mídia hegemônica trabalha a hierarquização de conteúdos vinculados às mídias radicais, esta pesquisa analisou como O Globo trabalhou esse critério levando em conta os cadernos que o jornal possui. Para compreender o gráfico que segue abaixo antes é preciso saber que a redação do O Globo trabalha com quatro cadernos principais que se subdividem. Os quatro cadernos são: Caderno Principal, Segundo Caderno, Caderno de Economia e Caderno de Esportes esses cadernos se subdividem em outros, mas para essa pesquisa levou-se em conta apenas os principais como um todo. Além desses cadernos para esse gráfico também se analisou o caderno especial criado para o período de realização da Conferência da ONU, o qual foi denominado pelos editores do jornal de Rio+20[14].

[14] As capas desse caderno especial podem ser encontras a partir da página 78 dos anexos.

Gráfico 3: Hierarquização da informação analisada quanto a distribuição dos cadernos do jornal



Utilizando o gráfico acima se verifica que a hierarquização de informação quando observada levando-se em conta em quais cadernos as produções jornalísticas aparecem mostra qual a importância dada a eles dentro do jornal como um todo. Por exemplo, no dia 13 de junho é possível verificar que o Caderno Principal superou todos os outros cadernos em quantidade de publicações, mesmo não sabendo o tamanho de cada publicação deve-se avaliar tal ponto como positivo.

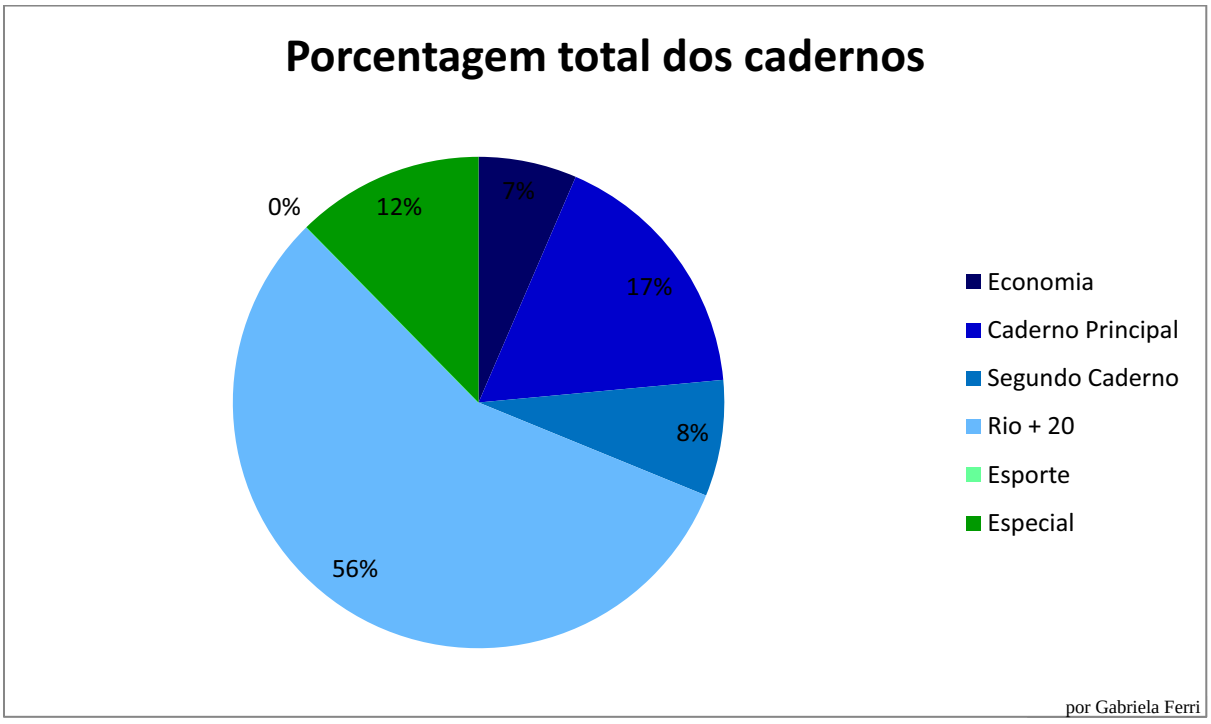
O dia 13 de junho também deve ser observado em separado, pois aparece em mais três cadernos publicações relacionadas aos movimentos sociais e ONGs que realizaram ações sobre os temas discutidos na Rio+20. Além do dia 13 apenas mais quatro dias (14/06, 19/06, 20/06 e 21/06) também tiveram publicações nos cadernos Economia, Segundo Caderno, Rio+20 e Caderno Principal. Isso mostra que ao menos mais da metade dos dias analisados tiverem publicações em praticamente todos os principais cadernos do jornal. Essa analise do gráfico configura mais uma vez o destaque dado pelo O Globo aos dias oficiais da Conferência, nesse caso os dias 20 e 21 de junho.

Outro ponto importante que se deve verificar no Gráfico 3 são os cadernos em separado. É possível notar observando apenas as colunas que onde ocorre “periodicidade” nas publicações é no Caderno Especial Rio+20 e no Caderno Principal. A partir desse ponto, pode-se concluir que o jornal O Globo acerta na tentativa de favorecer as mídias radicais. Porém pode ser considerado negativo observar no sentido de apresentar a maior quantidade de

publicações no Caderno Especial Rio+20, reduzindo o alcance das publicações colocadas no restante do jornal. Pois, aqueles que estão habituados a ler o jornal se restringem aos cadernos comuns, ou então aqueles que não se interessam pelo assunto Rio+20 não irão folhear o caderno, independente de conter publicações sobre as empresas que patrocinam o evento ou sobre as mobilizações das mídias radicais. Ainda observando os cadernos em separado também é de se notar que o caderno de Esportes não registrou nenhuma publicação.

Para uma melhor visualização da quantidade de postagens em cada caderno o gráfico abaixo permite visualizar que as publicações do Caderno especial Rio+20 superam a soma de todos os outros cadernos. Isso comprova que a tentativa de chamar a atenção de outros segmentos que não estão habituados a ler sobre esse assunto ainda é pequena.

Gráfico 4: Visualização em porcentagem da quantidade total das publicações em cada caderno



Mesmo o caderno de Esportes ser de conteúdo específico, não se observou em momento algum durante a análise conteúdos que ao menos fizessem referência ao evento que acontecia na Riocentro e seus arredores. Por esse motivo, verifica-se no gráfico acima que o ele apresenta 0% de publicações entre todos os conteúdos encontrados nos outros cadernos.

Observando gráfico acima as porcentagens 7% e 8%, que representam respectivamente o Caderno de Economia e o Segundo Caderno, nota-se que a importância dada aos conteúdos pautados pelas mídias radicais foi semelhante. Por apresentarem uma quantidade relativamente igual.

Assim, o Gráfico 4 nos permite concluir que a análise quanto a hierarquização de informação dos cadernos mostra que as ações de *jammers* tiveram êxito maior dentro do setor que já lhe é conhecido. Desse modo, verifica-se uma maior dificuldade em abrir espaço dentro de outras editorias como a cultura (Segundo Caderno) e a economia, por exemplo. Sem contar o caderno de Esportes que não apresentou nenhum conteúdo relacionado às ações realizadas dentro e fora da Conferência da ONU.

3.3 Quantidade de módulos

Para a análise dos jornais selecionados quanto à quantidade de módulos que eles apresentaram foi preciso entender o que é um módulo e adotar um padrão para ser aplicado durante a pesquisa. Buscando o conceito de Módulo nos manuais de redação dos principais jornais o que mais se aproximou para a utilização nesta monografia foi a definição apresentada pelo Manual Geral da Redação da Folha de São Paulo (1984) o qual afirma que um módulo "é um bloco de formato padronizado. A publicidade e a primeira página trabalham com módulos de vários formatos". Com isso, definiu-se um padrão de tamanho para que as páginas dos jornais analisados pudessem ser avaliadas quanto ao espaço que cada publicação pautada pela mídia radical ocupou.

Assim, partindo dessa definição para a análise adotou-se os as seguintes medidas para um módulo: 10 cm de altura e 4 cm de largura[15]. Portanto, para observar os gráficos abaixo é preciso levar em conta que uma página do Globo obtém um total 30 módulos. A partir desse pressuposto é possível verificar quantos módulos cada matéria e/ou ilustração proporcionou aos temas ligados aos movimentos sociais e ONGs. Deve-se lembrar que o critério de análise em detrimento dos módulos foi aplicado e observado nos conteúdos jornalísticos textuais e gráficos em separado. Isso se deve pelo fato da produção textual e dos recursos gráficos possuem impactos distintos dentro do contexto jornalístico.

3.3.1 Textos

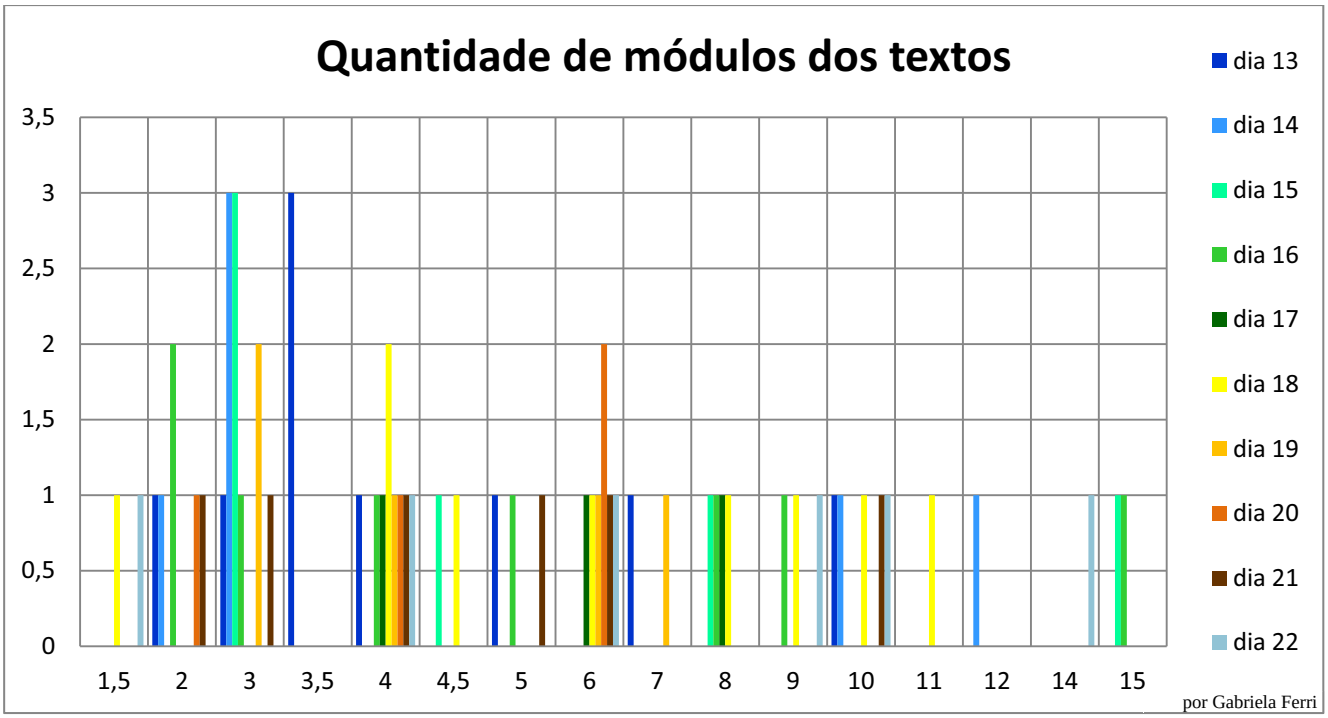
Partido de que um módulo possui as dimensões estipuladas para essa pesquisa, para a construção dos gráficos abaixo foram analisados todos os textos em todos os cadernos dos dez dias de pesquisa. A escolha de trabalhar a quantidade de módulos que um texto jornalístico

[15] O esquema que representa a ideia do que é um módulo, o qual foi adotado para os estudos desta monografia encontra-se nos apêndices, página 74.

pode apresentar em uma página do jornal se deu para que essa pudesse ser segmentação me espaços menores capes de quantificar de outro modo os conteúdos encontrados.

Portanto, a segmentação permite verificar a quantidade de espaço designada para os textos jornalísticos que se pautaram nas mobilizações das ações radicais. Para a observação dos dados abaixo deve-se usar como referência o padrão de módulo estipulado acima. Além disso, também é necessário levar-se em conta que uma página de jornal contém 30 módulos, podendo-se assim verificar a quantidade de módulos destinados para as produções jornalísticas pautadas pelas mídias radicais.

Gráfico 5: Quantidade de módulos destinados as produções jornalísticas textuais



Valendo-se do Gráfico 5 é possível notar que mesmo o jornal apresentando um grande variedade nos tamanho dos módulos há uma constante entre eles. Pois, entre a maioria deles a variação dos tamanhos dos módulos é em média 1 módulo. Outro ponto inicial que se observa no gráfico é o seu mínimo e o seu máximo, respectivamente representados por 1 módulo e meio e 15 módulos.

Para a análise do gráfico acima deve-se levar em conta que o eixo X é representa os tamanhos dos módulos encontrados e o eixo Y a quantidade de vezes que aquele tamanho de módulo apareceu. Além disso, para compreender o gráfico deve-se lembrar de que as cores de cada barra representam o dia em que se observou aquele determinado tamanho de módulo.

Partindo desses princípios, observa-se a grande quantidade de cores presentes nos números 3, 4 e 6 do eixo X. O que nos mostra que uma parcela significativa dos dez dias de pesquisa publicou ao menos um desses três tamanhos de módulo. Outro ponto a se notar é que apenas os tamanhos 2; 3; 3,5; 4; 6 apareceram mais de uma vez durante as observações dos periódicos.

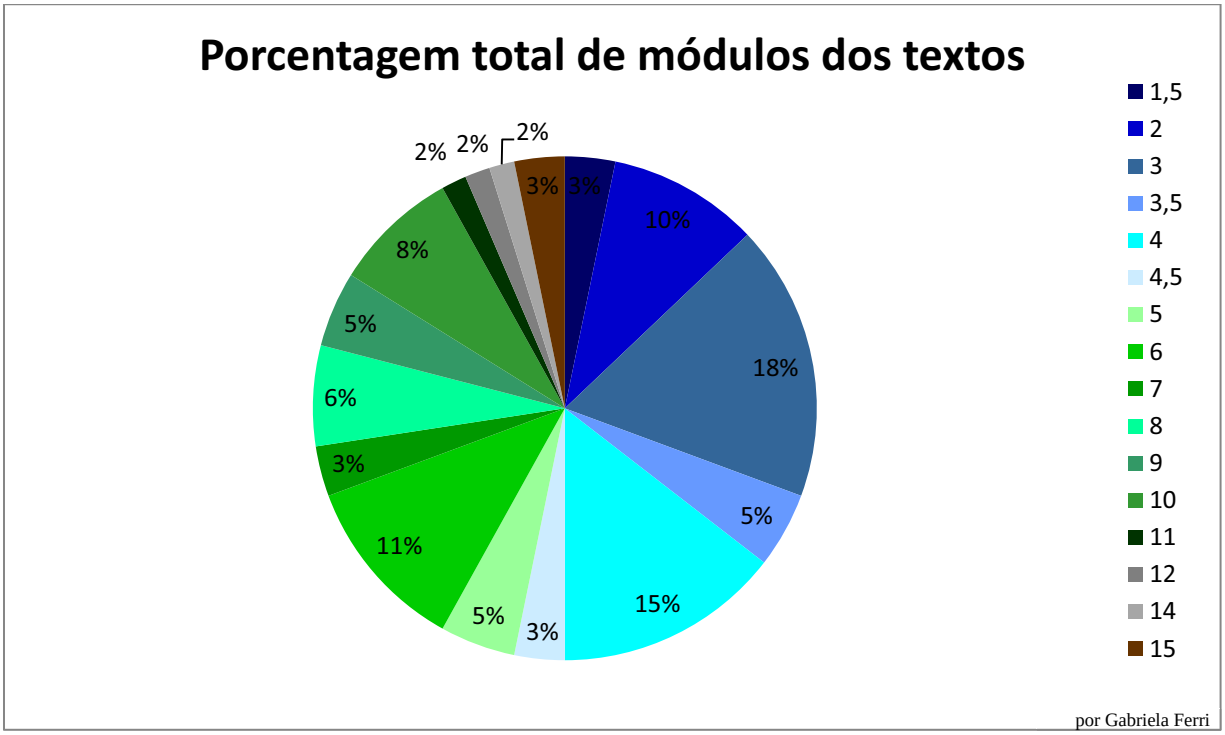
Pelo Gráfico 5 também é possível contabilizar a quantidade de módulos encontrados em cada dia de jornal:

- Dia 13/06 somou 31 módulos e meio;
- Dia 14/06 somou 33 módulos;
- Dia 15/06 somou 36 módulos e meio;
- Dia 16/06 somou 48 módulos;
- Dia 17/06 somou 18 módulos;
- Dia 18/06 somou 58 módulos;
- Dia 19/06 somou 23 módulos;
- Dia 20//06 somou 18 módulos;
- Dia 21/06 somou 30 módulos;
- Dia 22/06 somou 44 módulos e meio.

A partir dessa observação nota-se que apesar de alguns dias apresentarem menos e outro mais há um média muito próxima entre os dias e as quantidades módulos. Também é possível verificar que apesar do jornal O Globo apresentar um total de 58 módulos em todo o jornal do dia 18 de junho, esse conteúdo foi publicado de forma segmentada. Artificio utilizado por mídias hegemônicas quando publicam conteúdos que não seguem a linha editorial que ela adota, pois permite que seus leitores apresentem maior dificuldade em unir as informações e compreendê-las de maneira mais aprofundada. Além disso, esses dados mostram que o máximo destinado as pautas provenientes de mídias radicais se estivesse juntas em um único espaço, dentro de cada dia de jornal, não ocupariam mais do que 2 páginas do Globo de um dia, por exemplo, como se verifica no dia 18 de junho. E que no dia 17 de junho as publicações chegariam a ocupar um pouco mais do que meia página, dentro de todo do jornal.

Os dados obtidos durante a análise sobre a quantidade de módulos destinadas para os conteúdos pautados pelas mobilizações sociais e de ONGs durante a Rio+20 também pode ser interpretado por meio do gráfico abaixo, que mostra em porcentagem a quantidade dos tamanhos de módulos encontrados.

Gráfico 6: Visualização em porcentagem da quantidade total de cada tamanho de módulo encontrado nas produções jornalísticas textuais



Levando em conta que a variação entre os tamanhos dos módulos tem como máximo 15, nota-se que apesar do Globo ter articulado produções textuais em todos os dias de análise o tamanho destinado a essas postagens foi restrito. Pois, se for observado todos os tamanhos dos textos o que apresenta uma quantidade maior é o de três módulos com 18% do total.

É interessante observar que apesar da segmentação dos conteúdos visualizada no gráfico anterior, ainda sim, o jornal apresentou 3% do total de textos com 15 módulos, o que representaria metade de uma página do periódico. Partindo dessas observações é possível concluir que a ação da *jammer* obteve resultado nesse sentido, pois somente conteúdos de grande importância ganham destaque de uma ou meia página em um jornal de articulação hegemônica.

3.3.2 Recursos Gráficos

A utilização de imagens dentro da produção de um jornal impresso é de suma importância, e é por esse motivo que se optou em fazer a análise quanto a quantidade de módulos dos textos e das imagens em separado. Deve-se levar em conta que quando se fala

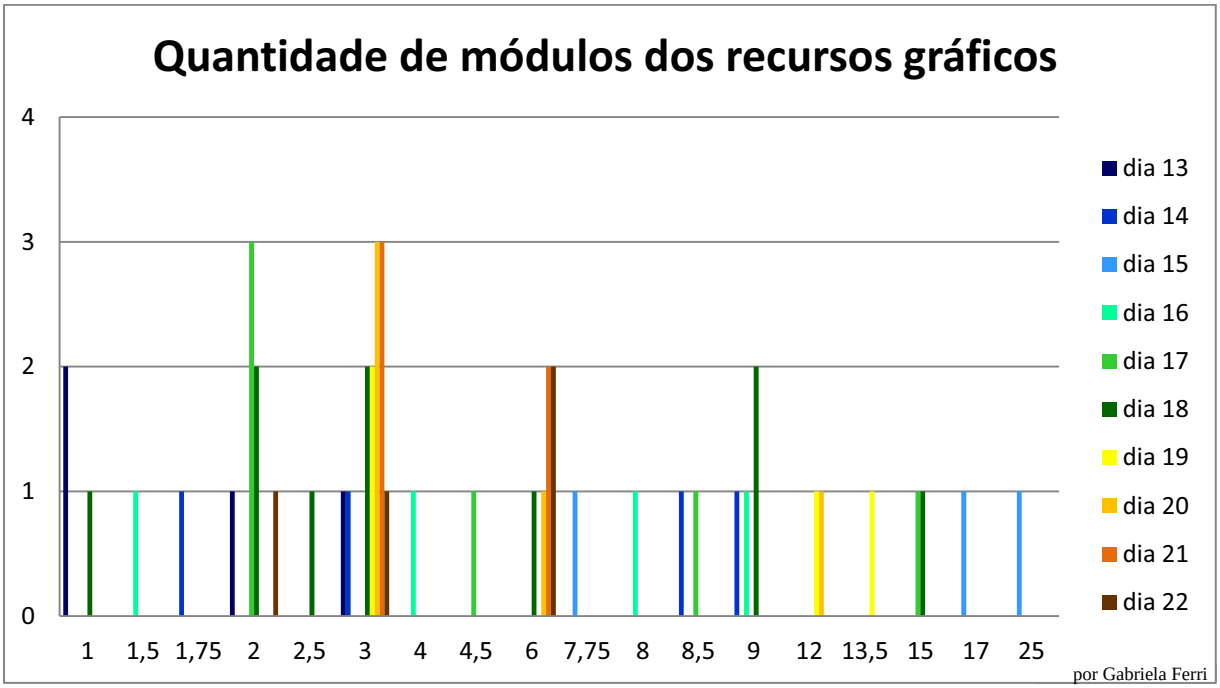
em imagens, quer dizer qualquer tipo de ilustração que passe informações sem o uso de textos, ou seja, as formas possíveis de serem encontradas em um jornal impresso são: fotografia, fotomontagem, ilustração, gráfico, mapa, tabela, infográfico, charge, caricatura etc.

Por isso, quando há a utilização de imagens para relatar um fato dentro do jornal é preciso determinar, antes de qualquer coisa, qual a participação da imagem na construção da informação, pensando sempre nos valores que ela pode incorporar. Pois, as imagens cumprem um papel significativo para os aspectos estéticos, e, sobretudo no valor informacional da notícia.

Sabendo-se que a possível quantidade de modos de se representar através de imagens, durante os dez dias de pesquisa do jornal somente se observou fotos, pois todas as outras formas de imagem não foram encontradas.

Entendido a noção de recurso gráfico utilizada em conteúdos jornalísticos, é preciso saber que o mesmo padrão de módulo utilizada no tópico anterior será também utilizado nesse tópico. Valendo-se das informações acima podemos então analisar os gráficos abaixo, que mostram por meio de números a quantidade de módulos que o jornal se utilizou para os conteúdos pautados pelas mídias radicais por meio da ferramenta *Culture Jamming*.

Gráfico 7: Quantidade de módulos destinado aos recursos gráficos das produções jornalísticas



O gráfico acima mostra a quantidade de módulos e de quais tamanhos foram encontradas em todas as páginas dos jornais durante os dez dias de pesquisa. É possível notar

em comparação que o máximo e mínimo da quantidade de módulos das imagens ultrapassa o máximo e mínimo verificado no tópico acima, o qual apresentou a quantidade de módulos em textos.

Observando apenas o Gráfico 7 adota-se como eixo X os tamanhos de módulos encontrados, e para o eixo Y a quantidade de vezes em que determinado tamanho aparece. Também deve-se notar que os módulos encontrados de menor e maior tamanho foram respectivamente um módulo e 25 módulos.

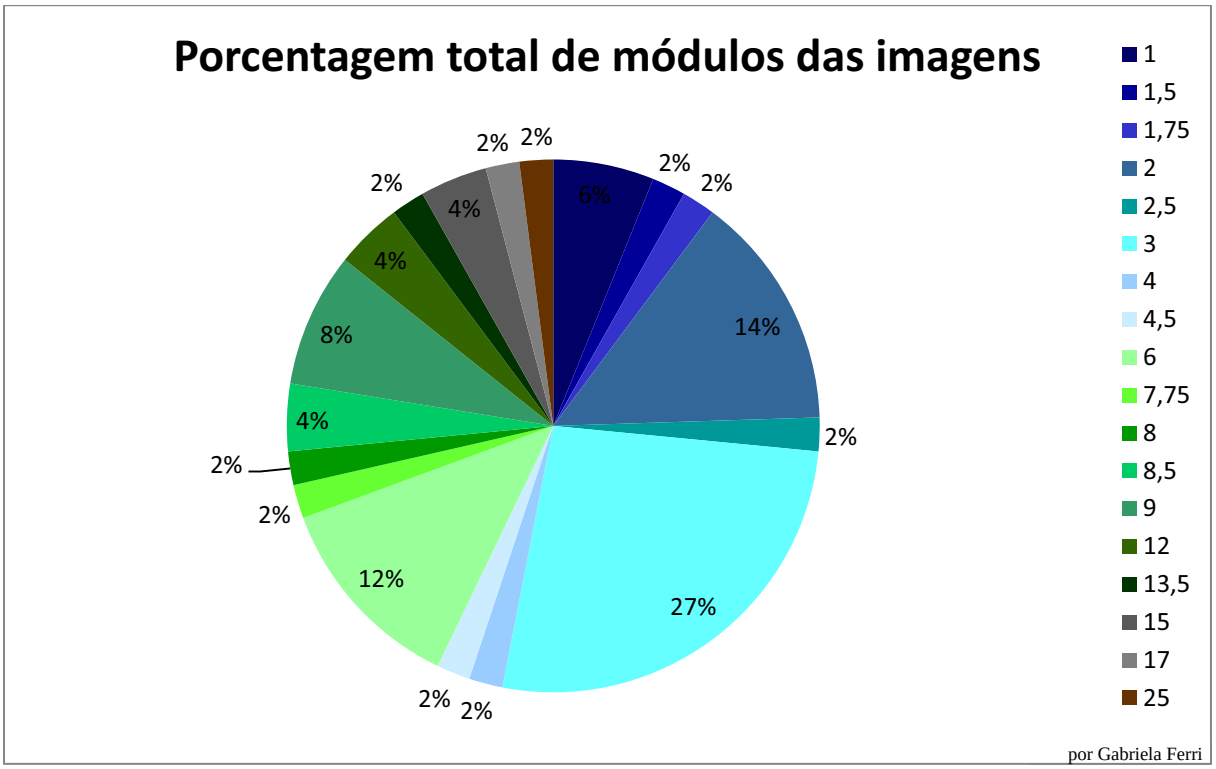
Com isso, é possível verificar algumas particularidades como, por exemplo, a quantidade total de módulos em cada dia de jornal:

- Dia 13/06 somou 7 módulos;
- Dia 14/06 somou 22 módulos e ¼;
- Dia 15/06 somou 49 módulos e ¾;
- Dia 16/06 somou 22 módulos;
- Dia 17/06 somou 34 módulos;
- Dia 18/06 somou 48 módulos e meio;
- Dia 19/06 somou 31 módulos e meio;
- Dia 20/06 somou 27 módulos;
- Dia 21/06 somou 21 módulos;
- Dia 22/06 somou 17 módulos.

Os dados apresentados acima mostram que nenhum dos dez dias de pesquisa conseguiu-se registrar mais do que uma página e meia de fotos, valendo-se de cada dia de jornal.

Sob outro ponto de vista a quantidade de módulos das imagens dos jornais também se verifica a partir do gráfico abaixo, o qual expressa a porcentagem o total dos módulos analisados nesse subcapítulo.

Gráfico 8: Visualização em porcentagem da quantidade total destinada aos recursos gráficos das produções jornalísticas



Portanto, a partir das porcentagens acima é possível verificar que imagens com 3 módulos foram as mais encontradas durante os dez dias de pesquisa, registrando 27% do total. Em segundo lugar com 14% do total têm-se as imagens que apresentam 2 módulos. Em contra partida temos os dois maiores tamanhos, 17 e 25 módulos, que registram apenas 2% do total cada um. Isso mostra, que mesmo que a maioria das imagens tenha sido de tamanho reduzido O Globo apresentou uma imagem que ocupou mais da metade de uma página, mostrando que nesse ponto a ferramenta *Culture Jamming* foi bem trabalhada pelas mídias radicais.

É importante lembrar que as imagens foram trabalhadas dentro dos jornais como complemento a matérias com produções textuais e também como únicas fontes de informação jornalística, em alguns momentos apresentando apenas legenda. A partir disso, verifica-se que o jornal permitiu uma abertura significativa quanto às imagens das ações sociais, que muitas vezes foi representada por imagens de lideres ou até mesmo registrando as passeatas e mobilizações organizadas ao redor da Riocentro.

Observando os gráficos que apresentam os dados da quantidade de módulos dos textos e a da quantidade de módulos da imagem encontra-se um ponto a ser levantado; apesar do gráfico de imagens registrar um limite máximo maior do que o de textos, o total de textos chega a 340 módulos e o de imagens contabiliza apenas 280 módulos e meio. Por isso, mesmo

a pesquisa de imagens registre em uma única postagem 25 módulos dentro de uma página de jornal, não significa que tivemos mais espaço destinado a imagens do que texto. Mas, também é importante ressaltar que se existisse lado a lado uma imagem com 25 módulos e um texto de 25 módulos, a imagem chamaria mais a atenção. Analisando os módulos como um todo, portanto, verifica-se uma tentativa do Globo de dar espaço as ações sociais.

3.4 Formato dos conteúdos

Outra forma de análise atribuída neste trabalho foi quanto às formas dos conteúdos publicados. O jornalismo vale-se de várias formas de se produzir conteúdo textual e/ou ilustrativo, capaz de apresentar os fatos e acontecimentos aos seus leitores. Dentre essas formas para esta monografia foram selecionadas nove desses formatos: Nota, Coluna, Entrevista, Opinião do Leitor, Matéria com foto, Matéria sem foto, Matéria de Capa, Foto e Artigo.

A seleção se deve pelo fato de serem os modos de produção jornalística mais encontrados dentro dos jornais diários. Assim, para essa pesquisa deve se entender por Nota um pequeno texto jornalístico que possui como característica a brevidade, sem a necessidade de citar fontes, mesmo porque no espaço que ocupa não seria suficiente para aplicar a pluralidade de fontes. Já a Coluna é um texto produzido pela pessoa que recebe o nome de colunista, que ocupa um espaço fixo no jornal, ou seja, deve possuir regularidade repetindo diariamente, semanalmente, quinzenalmente ou mensalmente. A Coluna pode apresentar a opinião de quem escreve, que deve obrigatoriamente assinar o texto produzido.

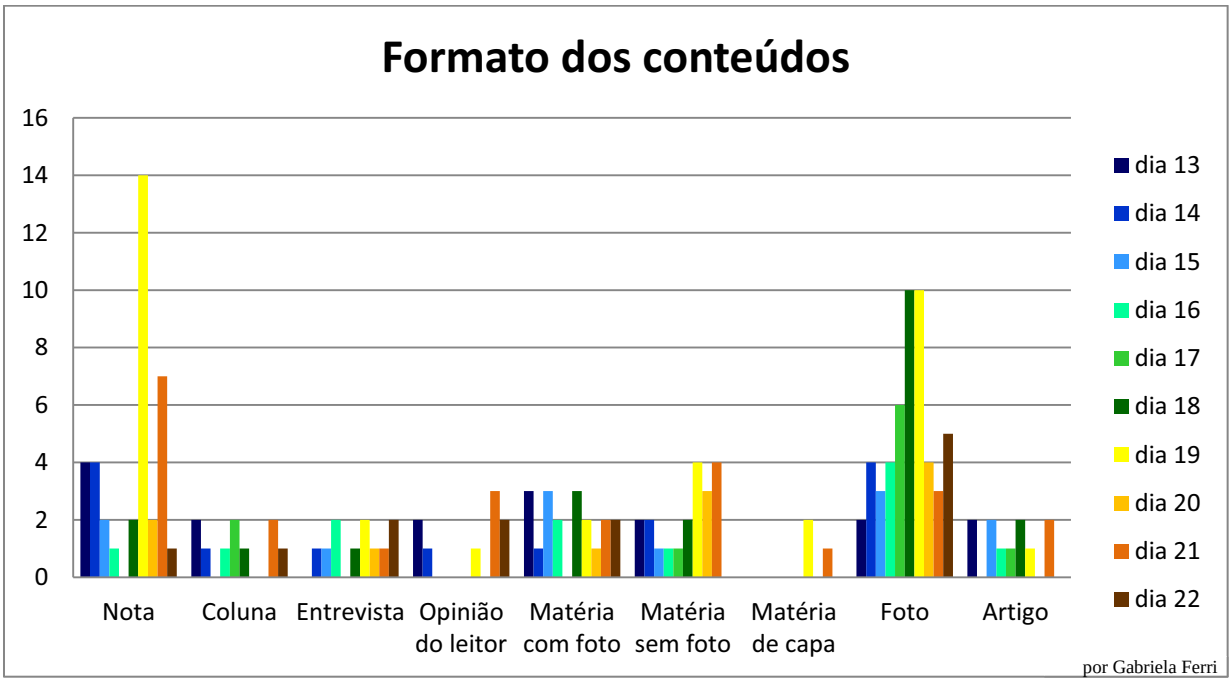
Outro formato verificado é a Entrevista, onde se trata de um texto que pode ser corrido ou em formato de pingue-pongue. Independente do formato a entrevista consiste em um bate-papo com alguém em especifico ou um grupo, onde não é preciso outras fontes para apresentar o assunto abordado no texto. A opinião do leitor é outro formato de produção de um jornal, que nada mais é do que um espaço reservado para os leitores do veículo expressarem sua opinião a respeito de determinado assunto. Ou seja, são textos particulares e não possuem a opinião ou linha de pensamento assumida pela empresa de comunicação.

A matéria é uma produção textual informativa realizada pelo profissional de comunicação onde por meio de fontes se apresenta um acontecimento, um fato. A matéria jornalística pode ou não ser composta por uma imagem (foto, ilustração, infográficos, etc.). Por fim, o jornalismo também conta a produção de um Artigo. Trata-se de um texto eminentemente opinativo. Os autores recorrentes de artigos são chamados de articulistas. Em

jornais impressos, é normal que os editores convidem personalidades da sociedade (especialistas, intelectuais, autoridades) para escrever artigos sobre temas específicos do noticiário.

Levando-se em conta as definições acima é possível verificar de forma mais aprofundada os dados do gráfico abaixo. Para se obter uma visão mais ampla da questão, os formatos não foram separados por caderno. Assim, durante a pesquisa foram computadas todas as notas publicadas no dia, ou então todas as entrevistas publicadas no dia.

Gráfico 9: Quantidade dos formatos das produções jornalísticas encontradas no Globo



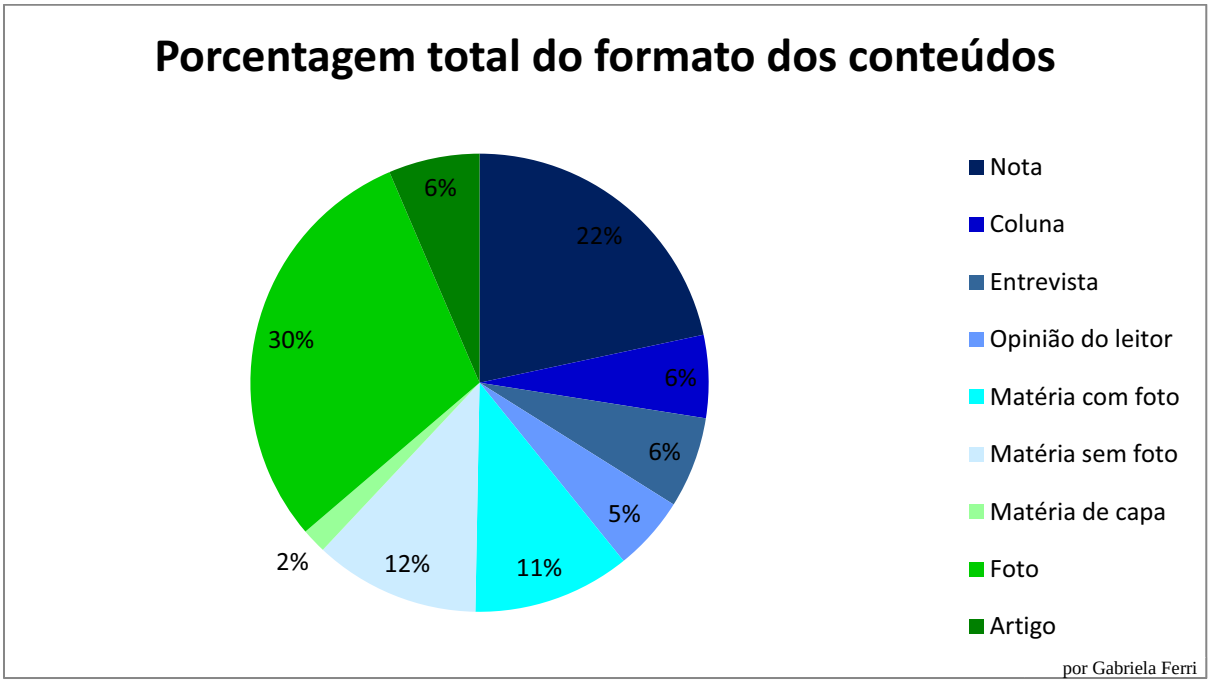
A primeira coisa a se observar no Gráfico 9 é o fato de apenas dois dias apresentarem picos significativos de produções jornalística, dias 18 e 19 de junho. Pode-se compreender que isso acontece pelo fato de serem os dois dias que antecederam a vinda dos principais nomes dos governos internacionais, momento também que as várias mobilizações ativistas visavam a atenção deles na busca de mostrar suas ações.

Outro fator que se nota observando o gráfico acima é o caso de apenas as fotos serem encontradas em todos os dias dos jornais analisados. O jornal se vale desse artificio para mostrar que evita produzir textos que possam expor opiniões pessoais dos jornalistas ou da editoria da empresa, no caso as Organizações Globo. Mesmo porque, deve-se lembrar de que a imagem depende de um contexto para ser melhor compreendia.

Mas, o que mais chama a atenção no Gráfico 9 é a quase inexistência de matérias de capa, o que mostra que O Globo mesmo sendo atingido pelas ações *jammers* restringiu alguns espaços de grande destaque dentro do jornal impresso as publicações das mídias radicais.

Além disso, se analisarmos a quantidade de publicações, independente do formato, verifica-se que o dia 19 apresenta a maior quantidade com 36 publicações que tiveram como pauta as ações de *Culture Jamming*, se comparado com os outros dias. E que o dia de menor publicações fundamentadas nas ações de ONGs e movimentos sociais foi o 17 de junho, com apenas 10 publicações. O interessante de se notar é que no dia 19 de junho aconteceram dois picos, em notas e fotos. Isso mostra o como o jornal O Globo se preocupou um publicar as mobilizações, mas ao mesmo tempo controlou a modo como as trabalhou, valendo-se mais uma vez do artificio da segmentação da informação.

Gráfico 10: Visualização em porcentagem de cada formato jornalístico



Além de visualizar as formas de publicações dia-a-dia também é possível vê-las como um todo, como representado pelo Gráfico 10. É possível notar que a mesma observação feita no parágrafo anterior também é comprovada pelo gráfico acima, o qual mostra que a quantidade de fotos para o total de publicações é de 30% e o de notas 22%, porcentagens bem acima dos outros formatos.

Também se observa no gráfico acima que a quantidade de matérias com foto e matérias sem foto praticamente se equivalem, sendo 11% e 12% respectivamente. Assim, pode-se imaginar que o grau de importância destinado a elas dentro do jornal foi semelhante.

Por fim, vê-se uma quantidade semelhante entre os outros formatos com exceção apenas das matérias de capa que não conseguem ultrapassar os 2% de aparição durante os dez dias de pesquisa.

3.5 Campo de visualização

Entende-se como campo de visualização o fato de um indivíduo quando observa um conteúdo (podendo ser um livro, uma revista, ou então um jornal) instintivamente fixa sua visão no canto superior à esquerda do papel, pois estamos condicionados a saber que o começo da escrita ocidental sempre será no lado superior esquerdo. Portanto, esse fato permite para esta pesquisa a segmentação de uma página de jornal em determinados campos de visualização.

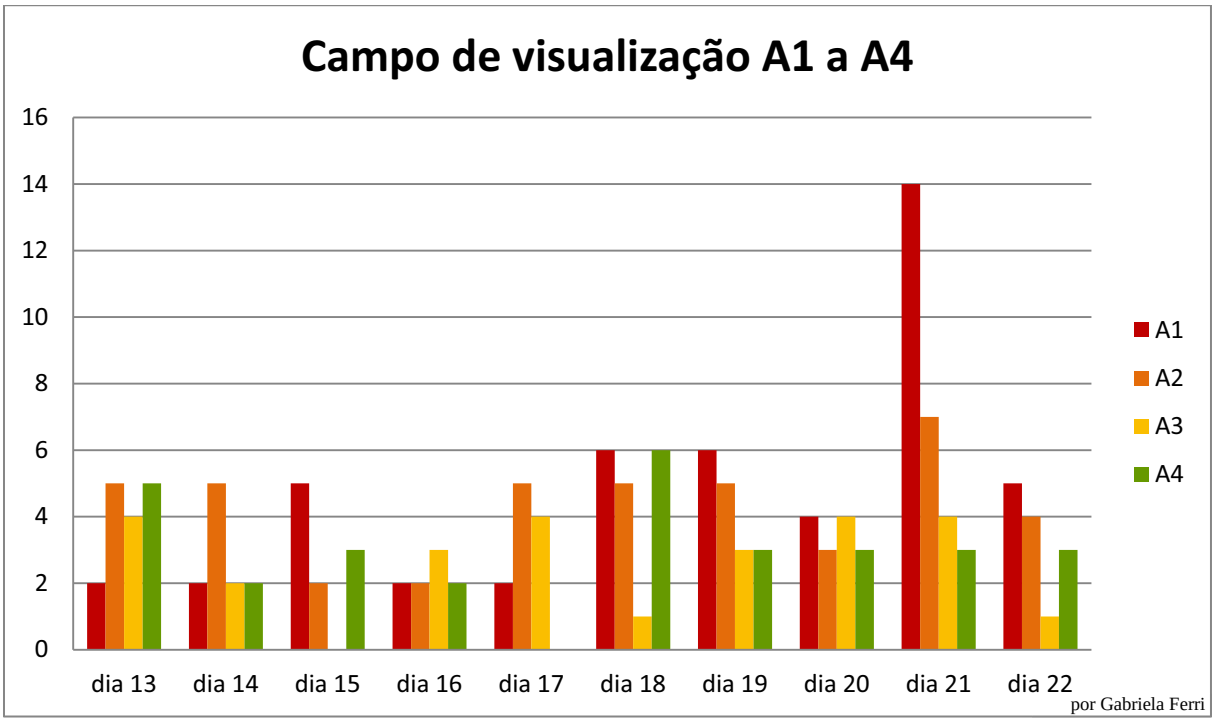
Para compreender a importância do campo de visualização foi-se necessário a constituição de um esquema capaz de explicar quais as áreas de maior ou menor significação[16]. Por isso, os três gráficos que seguem logo abaixo contabilizam a localização de todas as publicações pautadas nas mídias radicais dentro das páginas do Globo. É importante lembrar que os nomes A1, A2, A3, A4, A5 e A6 são abreviações de área as quais dentro de um grau de importância foram adotados números.

3.5.1 De A1 a A4

O gráfico abaixo trabalha apenas com quatro áreas das que foram observadas como um todo no tópico Campo de visualização. Essas quatro áreas foram denominadas como A1, A2, A3 e A4, onde em A1 é a de maior importância para o campo de visualização do leitor e A4 a de menor importância.

[16] O esquema que representa como se dá o campo de visualização de um leitor adotado para os estudos desta monografia encontra-se nos apêndices, nas páginas 75 e 76.

Gráfico 11: Observação das publicações jornalísticas quanto ao campo de visualização do leitor pelas áreas A1, A2, A3 e A4



Observa-se no gráfico acima que o eixo X representa cada dia analisado neste trabalho, e o eixo Y mostra a quantidade de vezes que cada área apareceu em um determinado dia. Por fim, têm-se quatro cores de barras distintas onde cada uma representa uma área do campo de visualização, sendo vermelha para A1, laranja para A2, amarela para A3 e verde para A4.

Assim, observando o Gráfico 11 é possível concluir que nenhuma das áreas se mantem constante, ou seja, se cada cor for observada em separado notará que nenhuma delas se apresenta de forma crescente ou decrescente, mas sim apresentando momentos de alta e queda, sem uma constante. Isso se deve tentativa do Globo de remanejar a adequação dos assuntos e suas importâncias durante os dez dias de analise do jornal. Portanto, não apresenta uma linha editorial constante e lógica para trabalhar as informações pautadas pelas mídias radicais.

Somando-se dia a dia cada área representada no gráfico acima é possível verificar que a quantidade de vezes em que se encontrou um publicação na Área 1 é maior do que em todas as outras áreas. Pois, se contabilizarmos cada área obtêm-se 48 publicações em A1, 43 em A2, 26 em A3 e por fim 30 publicações em A4. Levando-se em conta que as áreas 1 e 2 são as de maior importância no campo de visualização do leitor, é possível observar uma tentativa de se destacar ações *jammers* por parte do jornal O Globo. Além disso, verifica-se

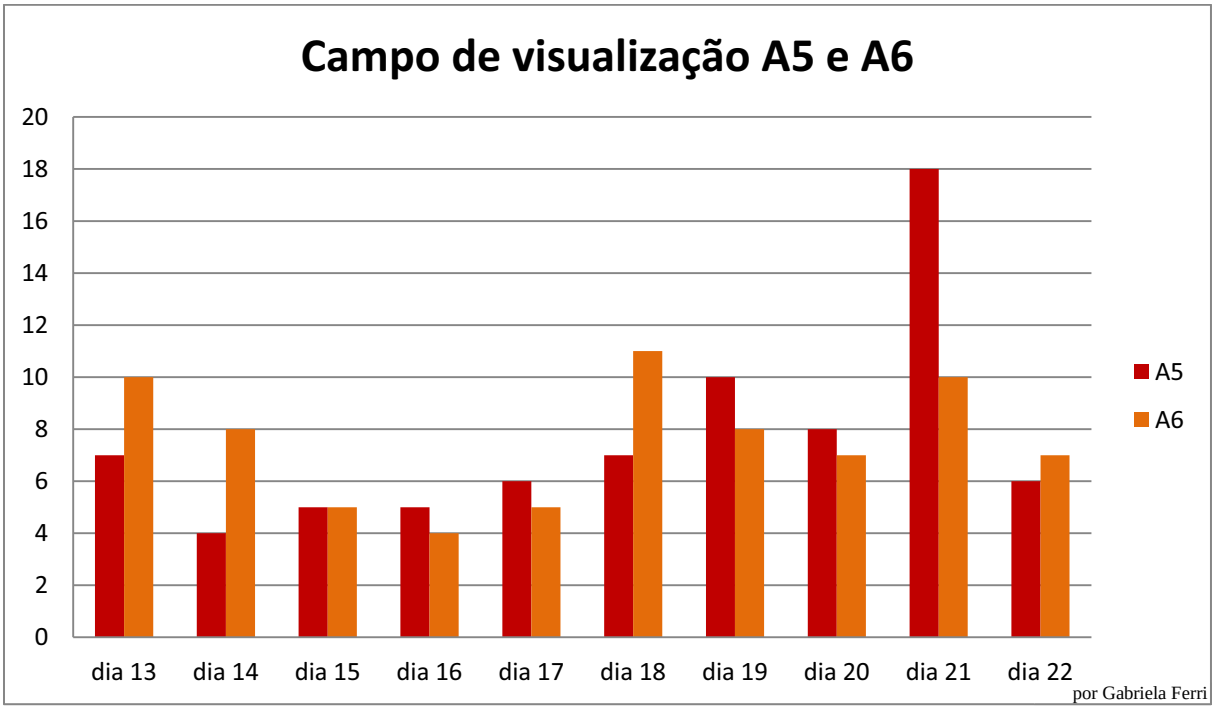
que o maior pico quanto a quantidade de vezes em que aparece a Área 1 é no dia 21 de junho, data em que as discussões entre os líderes mundiais tornou-se o principal ponto de ação e mobilização das mídias radicais.

3.5.2 A5 e A6

O segundo gráfico de Campo de visualização do leitor analisa apenas as Áreas 5 e 6, que representam respectivamente a área superior do caderno e a área inferior do caderno. Essa separação se deve pelo fato do Globo se tratar de um jornal de formato Standard, ou seja, quando colocado na prateleira de uma banca ou uma livraria é dobrado ao meio, é essa dobra que marca separação entre essas duas áreas. Sendo assim, verifica-se que A5 é mais fácil de ser visualizado, portanto, apresenta maior importância em comparação com a A6.

Com base na breve explicação acima é possível verificar algumas características no gráfico abaixo.

Gráfico 12: Observação das publicações jornalísticas quanto ao campo de visualização do leitor pelas áreas A5 e A6



A partir do gráfico acima é possível obter algumas conclusões a respeito do grau de importância dado aos conteúdos pautados pelas mídias radicais. Um ponto a se verificar no Gráfico 12 é o fato do dia 21 de junho, véspera da finalização das discussões na Riocentro, ter

apresentado um pico de conteúdo publicados na Área 5, registrando 18 publicações. Isso se explica pelo fato desse dia apresentado inúmeras ações das mídias radicais que se posicionavam dizendo esperar algo mais concreto por parte dos líderes mundiais. Com isso, o jornal se viu diante de mobilizações que não poderiam passar desapercebidas, sendo "obrigado" a se pautar a partir das mídias radicais posicionando-as na Área 5 do campo de visualização.

A partir do Gráfico 12 também verifica-se que o dia 13 de junho apresentou uma quantidade alta de publicações na A5, mesmo sendo os dias 19, 20 e 21 de junho o que mais apresentaram conteúdos postados nessa área. Isso se justifica pelo fato do dia 13 marcar o início das discussões realizadas pelos porta-vozes do Brasil.

Por fim, nota-se que apesar de terem quase a mesma quantidade representada no gráfico acima, a área de visualização 5 registrou mais conteúdos publicados do que a área de visualização 6, sendo o total de 76 publicações na A5, para 73 publicações da A6. Assim, verifica-se que O Globo tentou manter um equilíbrio entre as publicações, buscando ser o mais "imparcial" possível.

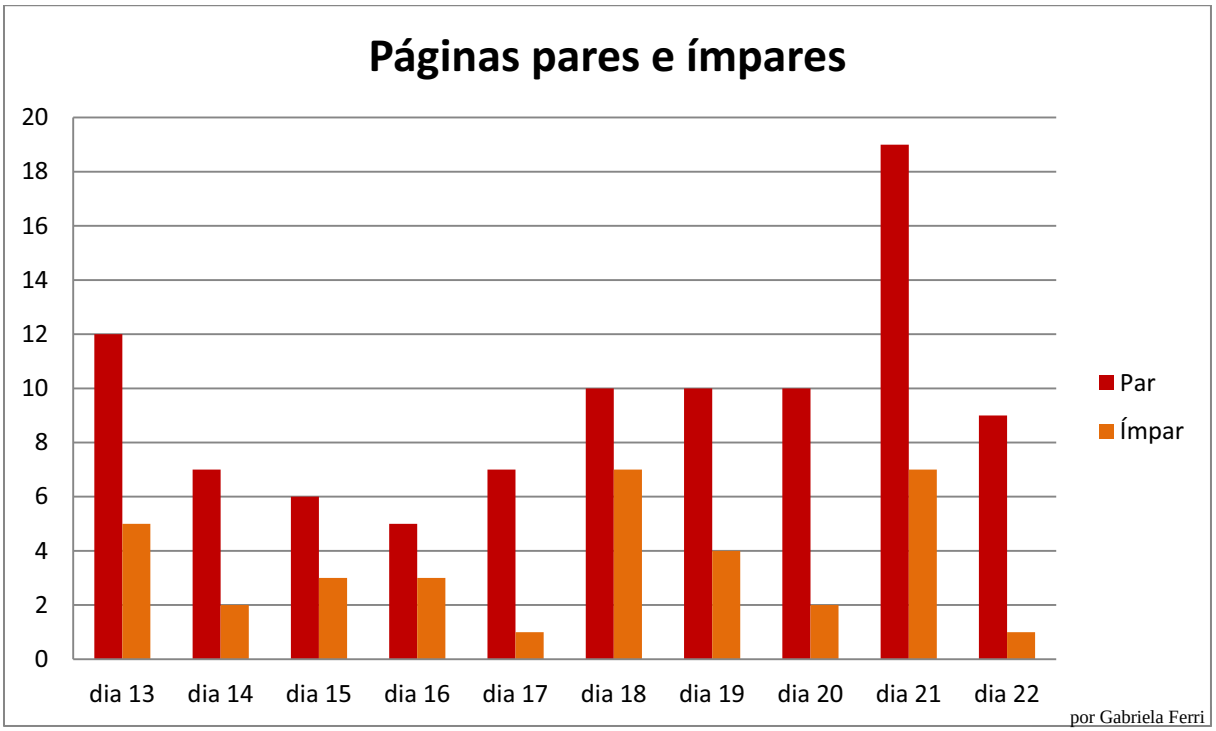
3.5.3 Páginas pares e ímpares

Além das seis áreas apresentas nos gráficos acima, o campo de visualização do leitor de um jornal também pode ser influenciado pela disposição dos conteúdos entre as páginas pares e ímpares do jornal. Por isso, há uma necessidade de além de observar as seis áreas se verificar em qual página elas estão localizadas. Assim, levando-se em conta o que os ocidentais possuem por hábito ler do sentido da esquerda para a direita vemos a mesma ação no jornal só que pensando em páginas pares e ímpares[17]. Nesse caso, portanto, as páginas pares dos cadernos sempre estão na esquerda do leitor e a página ímpar à direita, concluindo desse modo que todos os conteúdos presentes nas páginas pares são de maior importância do que os encontrados nas ímpares.

Para isso, durante os dez dias de jornais observou onde se localizavam esses conteúdos, nas páginas pares ou nas impares. Possibilitando assim, a configuração do gráfico abaixo, o qual mostra todas as publicações já analisada anteriormente em todos os outros quatro quesitos.

[17] A ilustração desse pensamento pode ser encontrada no apêndice deste trabalho localizado na página 75.

Gráfico 13: Observação das publicações jornalísticas quanto ao campo de visualização do leitor para as páginas pares e ímpares do Globo



O Gráfico 13 nos permite analisar se o jornal Globo deu destaque às publicações que se referiam as mobilizações de causas sociais e de ONGs. Isso é possível pois esta se observando se os conteúdos se localizam na página par do caderno ou na página ímpar. Assim, quanto maior a quantidade de publicações nas páginas pares, maior a importância concebida pelo jornal.

Portanto, nota-se que no gráfico acima os dias registrados pela barra vermelha (página par) configuram-se sempre acima das barras laranjas (página ímpar), ou seja, durante todos os dias que se analisou a cobertura dos eventos realizados no Rio de Janeiro, e que foram pautados pelas mídias radicais, tiveram destaque dentro do jornal estudado. Assim, para representar melhor essa "superioridade" das páginas pares basta contabilizar quantos conteúdos foram publicados na página par e quantos na ímpar, os quais foram respectivamente 95 e 35 publicações do total.

Também é possível verificar que em apenas dois dias (18 e 21 de junho) a barra que representa aparições na página ímpar consegue superar o limite mínimo alcançado pela barra que representa as aparições na página par (16 de junho). Além disso, levando-se em conta o contexto das discussões realizadas na Rio+20 durante os dias observados conclui-se que no penúltimo dia de atividades (21 de junho) há a maior quantia de publicações em páginas pares comparada com todos os outros dias de pesquisa. Isso se deve pelo fato dos políticos

envolvidos nos diálogos realizados pela ONU não apresentarem resultados concretos, o que desencadeou uma quantidade expressiva de manifestações.

3.6 Cadernos Especiais

Devido as particularidades que os cadernos especiais do Globo apresentam, foi preciso analisá-los em separado dos demais. Isso porque, abordam temas específicos, são vinculados ao jornal em apenas um dos dias da semana, além de alguns deles também possuem formatos que diferem do tradicional standard usado pelo periódico em seus cadernos fixos. Mas, deve-se lembrar de que apesar da análise em separado os cadernos especiais foram observados a partir dos mesmos oito métodos de pesquisa utilizados nos cadernos tradicionais.

A primeira coisa a se observar é que nenhum conteúdo foi encontrado nos cadernos Prosa & Verso e Ela, ambos publicados no dia 16 de junho. Além disso, o Indústria Sustentável publicado no dia 21 de junho, mesmo apresentando como assunto central a sustentabilidade, foco de discussões central da Rio+20, também não apresentou nenhum conteúdo que tenha sido pautado pelas mídias radicais que estavam presentes na Riocentro.

O caderno citado acima possui uma questão de observação distinta, por se tratar de um suplemento organizado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI). Ou seja, o foco dele foi apresentar conteúdos que fossem pautados em interesses comerciais. Onde entrevistas, artigos, notas e notícias buscaram trabalhar apenas assuntos referentes à tentativa das indústrias brasileiras em se desenvolver de modo responsável, levando em conta a sustentabilidade e manutenção do meio ambiente.

Apesar de não apresentar nenhum conteúdo referente às ações sociais esse caderno representa a parceria que existe entre os grupos dos industriais brasileiros e a editoria do jornal. Pois, se não houvesse interesse nisso o peródico não teria destinado oito páginas do seu jornal para divulgação “parcialmente publicitária”.

Além disso, dentre os cinco cadernos especiais encontrados durante os dez dias de pesquisa, apenas dois abordaram assuntos pautados pelas mídias radicais, os quais foram Razão Social e a Revista o Globo. O primeiro a ser analisado foi o tabloide. Por apresentar um formato diferente do configurado pelo restante do jornal para o caderno Razão Social foi necessário adequar os dois padrões apresentados no apêndice deste trabalho. Assim, o formato do módulo que era 4cm por 10cm foi alterada para 6cm por 10cm. E para a observação do

campo de visualização as áreas A5 e A6 foram descartadas. Tendo em vista essas pontuações é possível observar a tabela abaixo.

Tabela 2: Análise do caderno especial: Razão Social

Análise dos cadernos especiais: "O Globo Razão Social"	
Campo de visualização quanto aos campos A1, A2, A3 e A4	A1 (7) ; A2 (1) ; A3 (5) ; A4 (3)
Campo de visualização em páginas pares e ímpares	Par (8) ; Ímpar (6)
Classificação quanto a módulos de textos	½ módulo (2); 1 módulo (2); 1 ½ módulos (1); 2 módulos (1); 2 ½ módulos (1); 3 ¾ módulo (1); ; 5 módulos (1); 6 ¼ módulos (1); 8 ¼ módulos (1); 11 ½ módulos (1); 13 ½ módulos (1)
Classificação quanto a módulos de recursos gráficos	¼ módulo (1); 1 módulo (2); 1 ½ módulos (2); 2 módulos (1); 4 módulos (1); 4 ½ módulos (1); 7 módulos (1)
Hierarquização da informação por laudas	¼ lauda (1); ½ lauda (6); ¾ lauda (2); 1 lauda (4); 1 ¼ laudas (1); 6 laudas (1)
Formatos dos conteúdos	Notas (9); Fotos (11); Matérias com fotos (3); Entrevista (1); Artigo (1)

por Gabriela Ferri

Para melhor compreensão deve-se levar em conta que os números entre parênteses mostram a quantidade encontrada de cada item, e que os métodos que não aparecem na tabela são aqueles que não apresentaram nenhuma observação durante a análise. Assim, é possível verificar quanto aos dois campos de visualização (referentes às áreas e às páginas) que os assuntos pautados nesse caderno obtiveram destaque. Pois, a maioria das publicações (7) encontram-se na área de maior visualização da folha, área 1. Além de que as páginas pares do caderno também foram utilizadas pelas pautas sobre as mídias radicais.

Além disso, a tabela também nos mostra que, sabendo-se que o tabloide pode apresentar um total de 15 módulos em uma página, o maior tamanho encontrado nos textos chega a quase uma página completa, e o de recursos gráfico apresenta um máximo que chega a meia página. Quanto as laudas verifica-se que uma matéria de seis laudas consegue apresenta uma quantidade de caracteres que atinge boa parte da página como um todo.

Por fim, a tabela nos mostra que o os formatos mais encontrados dentro do caderno Razão Social são semelhantes aos visualizados nos cadernos tradicionais do jornal, notas e fotos. O que mostra que os conteúdos continuam sendo abordados de forma fragmentada.

Outra coisa que deve-se levar em conta ao observar esses dados é o fato do bloco especial abordar temas que sejam próximos aos assuntos discutidos e apresentados pelas ações *jammers*, mostrando que O Globo ainda apresenta dificuldades em dar espaço a essas ações, a não ser em segmentos de seu jornal que apresentem uma carga ideológica semelhantes, e que apresente um público-alvo específico.

Além do caderno acima, outro que também exibiu conteúdos pautados pela mídia radical foi a Revista O Globo. Para analisá-la observemos a tabela abaixo, sabendo-se que um módulo neste caso é configurado pelas medidas 4,5cm por 10cm e que os campos de visualização A5 e A6 também não se aplicam a ele.

Tabela 3: Análise do caderno especial: Revista O Globo

Análise dos cadernos especiais: "Revista O Globo"	
Campo de visualização quanto aos campos A1, A2, A3 e A4	A1 (5)
Campo de visualização em páginas pares e ímpares	Par (3) ; Ímpar (2)
Classificação quanto a módulos de textos	15 ¾ módulos (1)
Classificação quanto a módulos de recursos gráficos	¾ módulo (5); 1 módulo (3); 3 módulos (1); 5 módulos (1); 10 módulos (1); 20 módulos (1)
Hierarquização da informação por laudas	7 laudas (1)
Formatos dos conteúdos	Matéria de capa (1); Matéria com foto (1); Fotos (12)

por Gabriela Ferri

Antes de analisar a tabela acima é necessário fazer uma observação, durante a análise dessa revista observou que a capa apresenta um tema pautado por uma ação radical, que foi a chegada do navio[18] do *Greenpeace*[19] ao porto brasileiro para a participação das discussões no

[18] Trata-se do *Rainbow Warrior 3, navio que* foi pensado para reduzir ao máximo seu impacto sobre o meio ambiente, desde o uso da força dos ventos como principal motor, até um sistema de tratamento de água e resíduos e veleja pelo mundo realizando as campanhas do *Greenpeace.* Informações retiradas da própria matéria da revista O Globo do dia 17 de junho de 2012.

[19] É uma organização não governamental com sede em Amsterdã, nos Países Baixos e com escritórios espalhados em 40 países. Atua internacionalmente em questões relacionadas

Rio de Janeiro. Portanto, todas as informações acima tratam de um único conteúdo que apresentou cinco páginas, que relatava a experiência vivida pelo repórter que escreve durante sua permanência no navio.

Assim, verificou-se que a matéria teve destaque registrando fotos que ocuparam duas páginas da revista. Além de apresentar mais de uma página e meia de texto. Mas apesar do destaque dado a ONG o restante da revista se configura pela publicidade de mercadorias sustentáveis, porém de viés capitalista, pois a grande maioria das instituições apresentadas são de renome no campo comercial.

Por fim, verificou-se que mais uma vez as mídias radicais conseguiram pautar O Globo, mas que esse demonstrou que o controle das informações dentro da redação ainda mantém a configuração de mídia hegemônica que se utiliza de mecanismos capazes de articular do seu modo todas as informações noticiadas em seu jornal.

3.7 Interpretação geral dos gráficos

A intenção em se analisar de cinco formas distintas e apresenta-las em separado foi realizada, pois há a intenção de mostrar que os conteúdos observados podem ser apresentados com maior ou menor importância dentro do jornal. Ou seja, para que se possa realmente entender como as ações alcançaram a edição de um jornal hegemônico como O Globo, além de verificar o modo com que esse grande jornal trabalhou os conteúdos.

Valendo-se dos conceitos atribuídos a diagramação de um jornal, notou-se que O Globo apresentou importantes conclusões ao se analisar os cinco modos apresentados acima. O mais importante é que os dados obtidos em separados também podem ser alisados brevemente em conjunto o que nos permite obter informações ainda mais detalhadas se contextualizadas a partir dos acontecimentos realizados durante os dez dias de jornais pesquisados.

Por exemplo, o cruzamento dos quatro primeiros métodos de analise dos jornais permite verificar que em todos os gráficos (do 1 ao 10) o dia 19 de junho teve destaque nas publicações do jornal. Se contextualizarmos nota-se o dia marca a chegada dos principais líderes políticos do mundo no Rio de Janeiro. Assim, o destaque comum a ser abordado pela mídia hegemônica que seria apenas a chegada dos comitês impulsionou pela ocasião uma grande quantidade de manifestos e ações das mídias radicais.

à preservação do meio ambiente e desenvolvimento sustentável. Retirado do site http://www.greenpeace.org. Acessado em 20/10/2012.

Outro ponto importante para se notar ao observar os gráficos em conjunto é que em grande parte das analises o dia 13 de junho também teve destaque em todas as análises realizadas acima. Isso se deve, por se tratar do primeiro dia de atividades que permearam a Rio+20. Mesmo que de forma sutil, em alguns momentos, o jornal analisado favoreceu os assuntos pautados pelas ações *jammers*. Como por exemplo, na analise quanto à quantidade de módulos de texto onde o dia 13 registrou números altos de um determinado tamanho de módulo. Quanto ao gráfico de hierarquização da informação por cadernos, ele é um dos poucos a apresentar conteúdos que aparecem na grande maioria dos cadernos do jornal.

Observando-se também os 13 gráficos destaca-se o dia 15 de junho. A data marca o início oficial do evento paralelo a Rio+20, a Cúpula dos Povos, organizado por grupos de ativistas, ONGs e sociedade. A importância desse evento deveria apresentar quantidades significativas durante as análises, pois seria uma grande ação dos *jammers*, no entanto, os dados observados mostram a pouca visualização cedida pelo Globo. Dentre todos os 13 gráficos apenas o que representa “Quantidade de módulos dos textos” (Gráfico 5) apresenta um pequeno destaque nos dados, todos os outros tem participação, porém de modo menos efetivo.

Por fim, é importante lembrar que as produções jornalísticas encontradas em todos os jornais são as mesmas em quantidade total de cada gráfico acima apresentado, podendo apresentar em alguns casos números diferentes em detrimento de determinadas análises não serem aplicadas a determinados casos, como por exemplo, nos gráficos de campo de visualização do leitor uma capa de caderno não pode ser analisada se esta na página par ou ímpar, exatamente por se tratar de uma capa.

4. Considerações Finais

As mídias que antes eram vistas apenas como jornais, folhetos, revistas, hoje ultrapassam essa compreensão. Nos dias atuais é perceptível que elas não são mais vistas apenas desse modo pelo fato de estarem cada vez mais presentes no discurso adotado pela modernidade. Assim, por estarem presentes no dia a dia da sociedade é possível se integrar informação e comunicação, a questão é de que modo essa união esta sendo utilizada?

É dentro dessa totalidade que se consolidam as mídias hegemônicas. Utilizando-se das formas comunicativas e simbólicas elas encontram brechas que as permite influenciar de modo a exercer um certo controle sobre as pessoas, provocando mudança social e agenciando práticas discursivas por meio de relações de poder, ainda mais quando nos referimos ao discurso publicitário. Este busca exercer forte influência midiática na cultura contemporânea, e dentro dos veículos comunicacionais isso se torna possível pelo fato de ser a indústria da publicidade a principal responsável pela manutenção financeira deles.

Em resposta a essa situação as mídias radicais alternativas se fortalecem e passam a constituir como a forma mais atuante da audiência ativa. Como resposta às ações hegemônicas elas adotam atitudes que expressam as tendências de oposição, abertas e veladas, nas culturas populares, e mais do que buscam estimular a população a pensar e agir em favor próprio. O problema é que os anunciantes estão sempre em busca de persuadir a audiência, oque torna essa “disputa” entre eles em algo desleal, em grande parte dos casos, se observado as atitudes tomadas pelos hegemônicos.

Ainda assim, as mídias raciais buscam por meio de ferramentas próprias, como *o Culture Jamming*, por exemplo, atribuir para si um papel vai além do de apenas fornecer ao público os fatos que lhes são negados. Buscando assim, também pesquisar novas formas capazes de desenvolver uma perspectiva de questionamento ao processo hegemônico, além de fortalecer o sentimento de confiança do público em seu poder de enganar mudanças construtivas.

Assim, como aliados e componentes das mídias radicais os movimentos sociais tornam-se um dos principais atores desse sentimento de mudança, ou então de abertura de espaço para ações distintas das apresentas pelas mídias hegemônicas. A busca de uma intimidade entre os movimentos sociais e as mídias, vem a cada dia se tornando mais intensa, onde as comunicações percebem que os movimentos sociais nada mais são do que oportunidade para se consolidar a pluralidade de informação que todos sonham. E

consequentemente os movimentos notam que a mídia é um ótimo veículo de divulgação para suas atividades.

Porém, deve-se levar em conta que mais do que um veículo de informação a mídia radical possui outro papel de extrema importância. Estimular o debate entre os indivíduos, e também entre os veículos. Ou seja, não se pode afirmar que elas não são detentoras da saberia, elas apenas expõem situações para que os envolvidos ou interessados nos assuntos reflitam sobre o fato e tomem atitudes, assumam novos pensamentos, ou busquem mais informações a respeito do assunto apresentado.

Desse modo, é preciso compreender que as mídias radicais são as mais variadas formas de comunicação, podendo assim ser: passeatas, folhetos, jornais comunitários, organização de grupos a favor de uma ideologia, artes realizadas por grafiteiros, etc. Por esse motivo que se verificou durante os estudos desta monografia que a *Culture Jammnig* faz parte desse cenário, sendo, portanto, mais um mecanismo de comunicação que a mídia radical se utiliza. Mais do que isso, compreendeu-se que as ações *jammers* são ferramentas capazes de chamar a atenção da hegemonia. Assim, obtendo tal objetivo as atuações realizadas pelas mídias radicais se utilizam dessa ferramenta constantemente.

No caso desta pesquisa mais do que isso, as mídias radicais que tentam há tempos chamar a atenção das mídias corporativas fizeram uso desse artificio sem muitas vezes saber que o estavam utilizando. Pois, se verificou durante os estudos que formas de ativismo aparecem cada vez mais com maior frequência em todo o planeta, e que a utilização da mídia e dos aspectos que ela requer como estetização e visibilidade da mensagem, são instrumentos que esses ativismos utilizam. Além de serem uma forma de expressão que é capaz de romper com esse poder hegemônico que permeia há anos.

Assim, para entender essa interpretação escolheu-se analisar as tentativas das mídias radicais em pautar os veículos hegemônicos. Para isso, aplicou-se a este trabalho o método Experimental, onde o objeto de estudo foi verificado diante da influência de possíveis variáveis. Ou seja, foi preciso escolher um objeto a ser trabalhado e um período para observá-lo, que no caso foram ações que aconteceram durante todos os dias de evento na Rio+20.

Com a observação do material selecionado e o contexto em que se dava a conferencia da ONU confirmou-se que as mídias radicais estão se conscientizando da importância que as comunicações possuem. Onde consequentemente estão por meio dos mais variados modos de atuação tentando mostrar as mídias corporativas que os assuntos que elas abordam passaram a cada dia ser mais pesquisados pela população. A qual se questiona do fato da hegemonia não abordar esses temas em seus veículos.

Pressionadas essas mídias começaram a observar melhor as ações das mídias radicais, mas para que essa comunicação aconteça se vê a necessidade de uma ferramenta conciliadora, exatamente onde se encaixam as denominadas ações *jammers*. Verificou-se na prática durante a realização desta monografia que O Globo, veículo selecionado para a análise, tentou, mesmo que de um modo não adequado, pautar-se pelas mídias radicais durante a realização das atividades em paralelo a Rio+20.

O modo com que o jornal das Organizações Globo trabalhou colocou em dúvida se eles souberam atender as ações *jammers*, isso porque, muito do que se verificou durante a construção dos gráficos foi uma superficialidade e segmentação dos conteúdos apresentados durante os dez dias de pesquisa. Mais do que isso se verificou que intenção é o que muitos veículos hegemônicos afirmam ter, mas na prática deixam a desejar. Um exemplo disso é a política editorial apresentada pelo grupo Marinho. Lendo o documento observa-se que os veículos da empresa possuem obrigatoriedade em trabalhar as produções jornalísticas de modo imparcial e o mais criterioso possível. No entanto, durante as observações dos jornais foi possível verificar que em alguns casos a imparcialidade não é utilizada, além de não informar ao seu leitor que não ouve interesse em defender apenas um lado.

Ainda observando a mesma política editorial comentada acima também se encontra critérios que afirmam o não posicionamento político dos veículos e a busca da pluralidade de informação, com a obrigatoriedade de se dar voz a todos os interessados. Portanto, afirmar que realiza uma coisa é totalmente diferente do que executá-la. No caso, um possível pluralismo da informação seria real se o jornal O Globo realizasse parcerias com as mídias radicais que estavam presentes durante as atividades no Rio de Janeiro durante os dias 13 a 22 de junho.

Assim, o estudo deste trabalho proporcionou verificar que as mídias hegemônicas devem buscar alternativas para trabalhar com a pluralidade de informações. Pois, o mundo contemporâneo nos mostra a cada dia que as pessoas estão à procura de informações, apenas uma opção já não as satisfazem mais. Ou seja, a população atual não quer mais apenas um produto, ou melhor, apenas um grupo que lhes transmita todas as informações, ela esta disposta e sedenta de informação, e de informação distinta, ela esta em busca vários veículos para escutar a versão de cada um deles, para que assim possa ter sua própria conclusão.

Foi essa falta de pluralidade e aprofundamento dos fatos que marcou a observação dos conteúdos analisados para este trabalho. Apesar de ter registrado a construção de pautas que trabalhassem com as ações paralelas a Rio+20, verificou-se a manutenção do controle pela política editorial da empresa, sobre as informações. Pois, as notícias foram apresentadas

mediante o ponto de vista que O Globo possuí dos fatos. Onde, por esse motivo pode-se notar atitudes como a submissão de nomes de pessoas ou grupos ligados as ações radicais, além da tão observada fragmentação de conteúdo visualizada durante as análises desse trabalho. Como por exemplo, no jornal do dia 19 de junho onde um conteúdo publicado a respeito da paralização da avenida principal do Rio de Janeiro. Porém o nome da tribo e quais os seus motivos para ir a avenida e reivindicar não foram apresentados na matéria.

Portanto, situações como esta, onde informações desencontradas resultaram no fato de que muitas pessoas que não estavam no Rio de Janeiro ficaram sem saber das manifestações. Além disso, nem todas as notícias informavam os principais e reais objetivos das ações, ou quem eram os movimentos sociais e ONGs que estavam participavam das mobilizações. Esses e outros fatores foram os motivos que fizeram com que a população procurasse por informação em outros veículos com informações mais detalhadas. Portanto, ou os conglomerados jornalísticos mudam, ou então se tornam inviáveis para o mercado contemporâneo.

Um gráfico importante para se observar o quanto O Globo tentou, mas não conseguiu de modo adequado apresentar os conteúdos dos movimentos sociais que estavam sendo divulgados nas redes sociais e na internet, é o dos formatos dos conteúdos encontrados nos 10 dias de jornais. O Gráfico 9 mostrou que apenas dois dias apresentaram picos significativos de produções jornalística, 18 e 19 de junho. Assim, pode-se compreender que isso aconteceu pelo fato de serem os dois dias que antecederam a vinda dos principais nomes dos governos internacionais, momento também que as várias mobilizações ativistas visavam a atenção deles na busca de mostrar suas ações. Ou seja, o jornal preocupou em se pautar pelas ações das mídias radicais para que essas não pudessem afirmar mais tarde que não houve interesse do jornal em cobrir uma situação de tamanha repercussão.

Outro fator que se notou observando o gráfico referente aos formatos jornalísticos encontrados foi o caso de apenas as fotos serem encontradas em todos os dias dos jornais analisados. O jornal valendo desse artificio mostra que evita produzir textos que possam expor opiniões pessoais dos jornalistas ou da editoria da empresa, no caso as Organizações Globo. Além disso, deve-se lembrar de que a imagem depende de um contexto para ser melhor compreendia. Isso faz com que as pessoas possam compreender o conteúdo mostrado pela imagem de modo inadequado, apresentando mais uma vez o modo distorcido com que o jornal trabalhou os conteúdos pautados pelas mídias radicais.

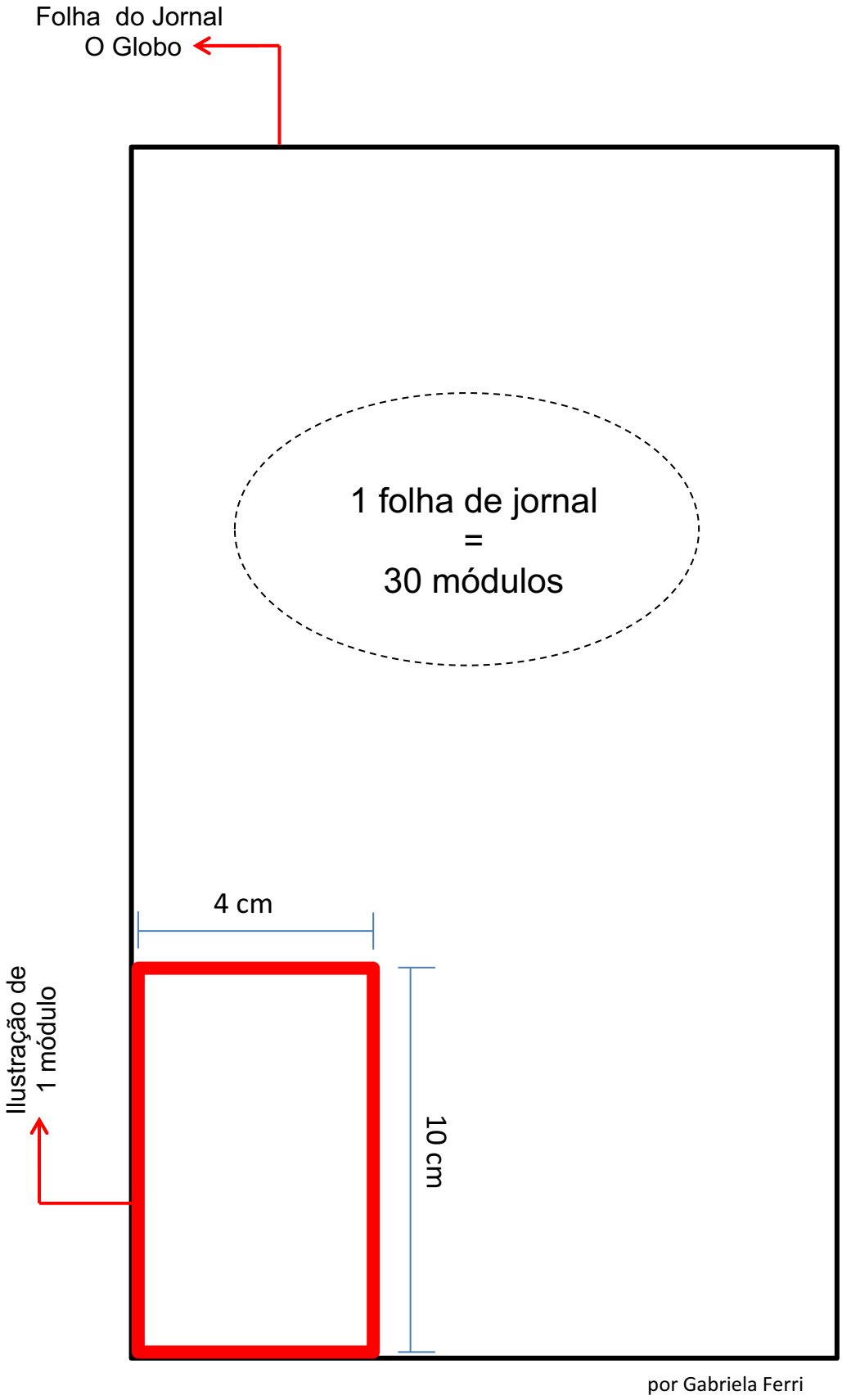
Assim, outro ponto a se refletir é: será que é válido para uma mídia radical ver seu conteúdo publicado em um jornal hegemônico, mesmo que de modo distorcido? Essa

colocação pode apresentar dois pontos, tanto o negativo como o positivo. Não é vantajoso pelo simples fato de ter sua imagem representada de maneira equivocada. O que pode interferir na interpretação dos leitores, e consequentemente possíveis interesses que eles viriam a ter por determinado assunto abordado pelo grupo noticiado. Mas, também pode ser compreendida de modo positiva, pois apesar de distorcida ela foi apresentada, e o fato dos leitores tomarem conhecimento de sua existência é algo que talvez valha a pena. Porque uma vez sabendo-se de determinado assunto o individuo pode ter curiosidade de saber mais, o que possibilita a busca por outros meios que apresentem informações adequadas.

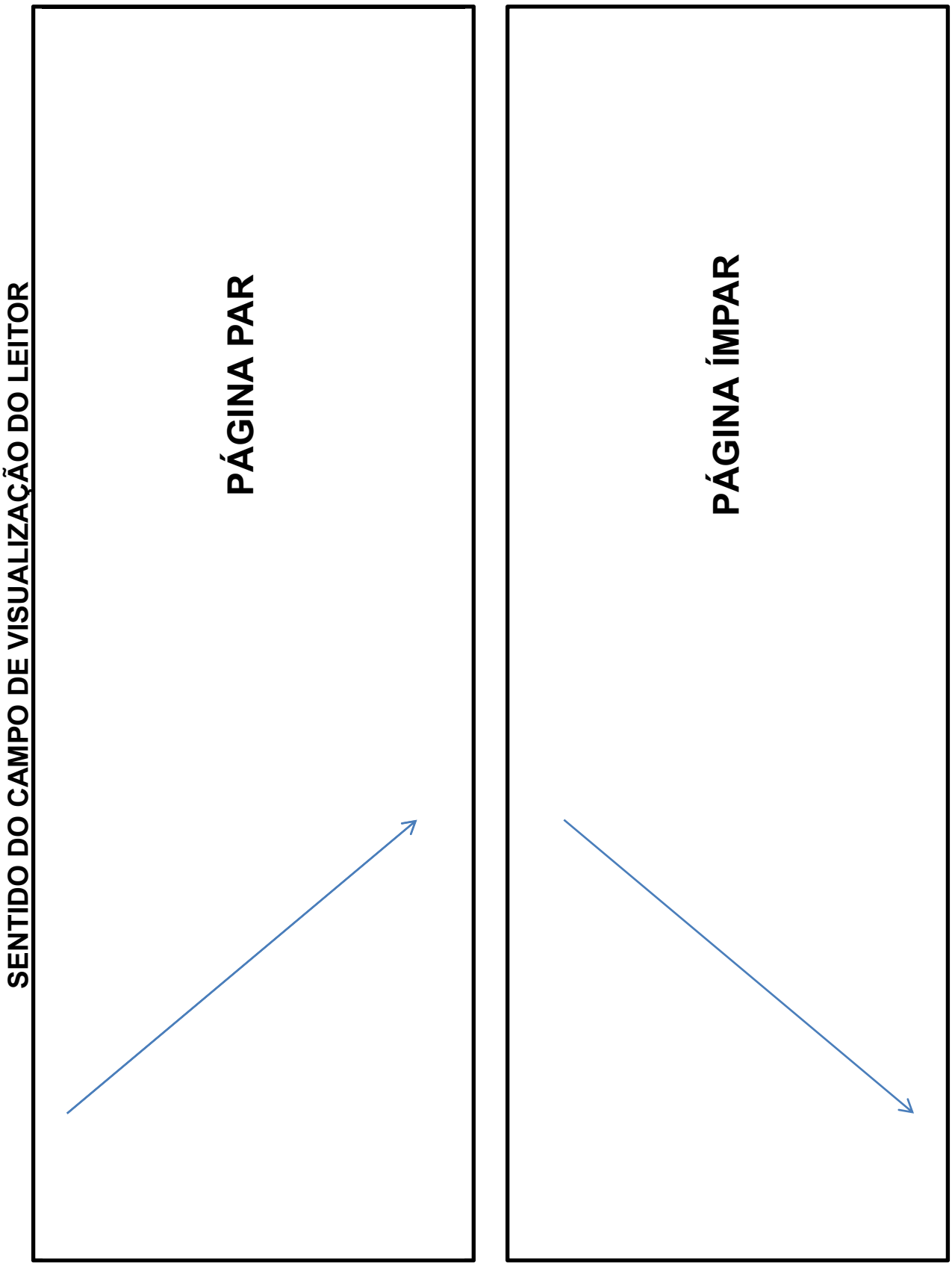
Assim, pode-se concluir que a *Culture Jamming* continuará agindo, para que de pouco em pouco se alcance maior pluralidade de informações, pois o quando uma pessoa fica sabendo de algo novo de seu interesse comenta um aqui, com outro ali, e assim as informações vão se espalhando, por meio da palavra, de jornais, de redes sociais, etc. E assim, os *jammers* realizam o que eles propõem fazer, conscientizar e estimular para que sejam discutidos novos temas, novas metodologias, novas culturas. Por fim, neste trabalho se configurou a função não é por fim ao debate, mas coloca-lo em evidência e suscitar novas e penetrantes questões.

5. Apêndices

5.1 Modelo do módulo utilizado como padrão



5.2 Esquema utilizado para compreender o campo visual do leitor

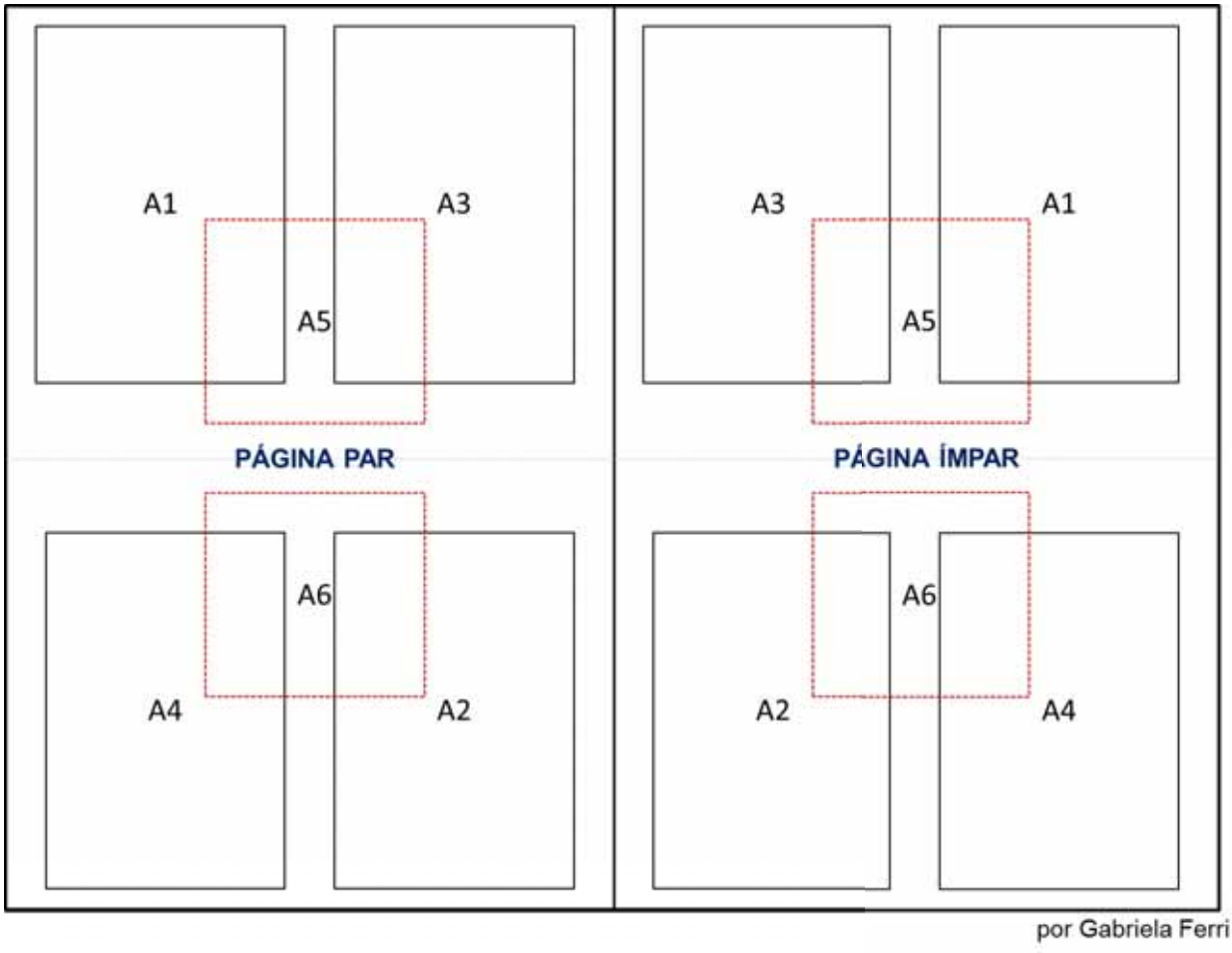


por Gabriela Ferri

AO TODO SÃO SEIS AS ÁREAS DE VISUALIZAÇÃO DE CADA PÁGINA DO JORNAL NO FORMATO DE STANDARD

(IMPORTÂNCIA: A1 > A4)
ÁREA 1 (A1)
ÁREA 2 (A2)
ÁREA 3 (A3)
ÁREA 4 (A4)

(IMPORTÂNCIA: A5>A6)
ÁREA 5 (A5)
ÁREA 6 (A6)



6. ANEXOS

6.1 O GLOBO, Rio de Janeiro, quarta-feira, 13 de junho de 2012, nº 28.800

Capa principal - 13/06/2012



oglobo.com.br

O GLOBO

Brasil desenvolve vacina inédita

Hospital tem emergência de lata há um ano

Governo dará R$ 10 bilhões aos estados

'Euro tem apenas três meses para ser salvo'

Repressão de Putin encoraja megaprotesto

FMI recomenda taxação para empresas poluidoras

Tributação renderia até US$ 1 trilhão para financiar projetos sustentáveis

Anúncio sobre trânsito só sai hoje

Rio e São Paulo bem mais quentes

A CPMI INFORMA:

SAI PEDRO, ENTRA AGNELO...

Inidônea, Delta não terá novos contratos

Controladoria da União proíbe construtora de participar de licitações; Rio segue a decisão

Capa Caderno especial Rio+20 - 13/06/2012



6.2 O GLOBO, Rio de Janeiro, quinta-feira, 14 de junho de 2012, nº 28.801

Capa principal - 14/06/2012



oglobo.com.br

O GLOBO

Espanha cai mais; gregos correm para os bancos

Galeão, mais uma vez, fica fora de anúncio de leilão

Página 25

Estado do Rio quer vender 27 imóveis

MP pede a STJ para investigar Agnelo e Perillo

Gols de cabeça dominam a Eurocopa

CADERNO ESPECIAL

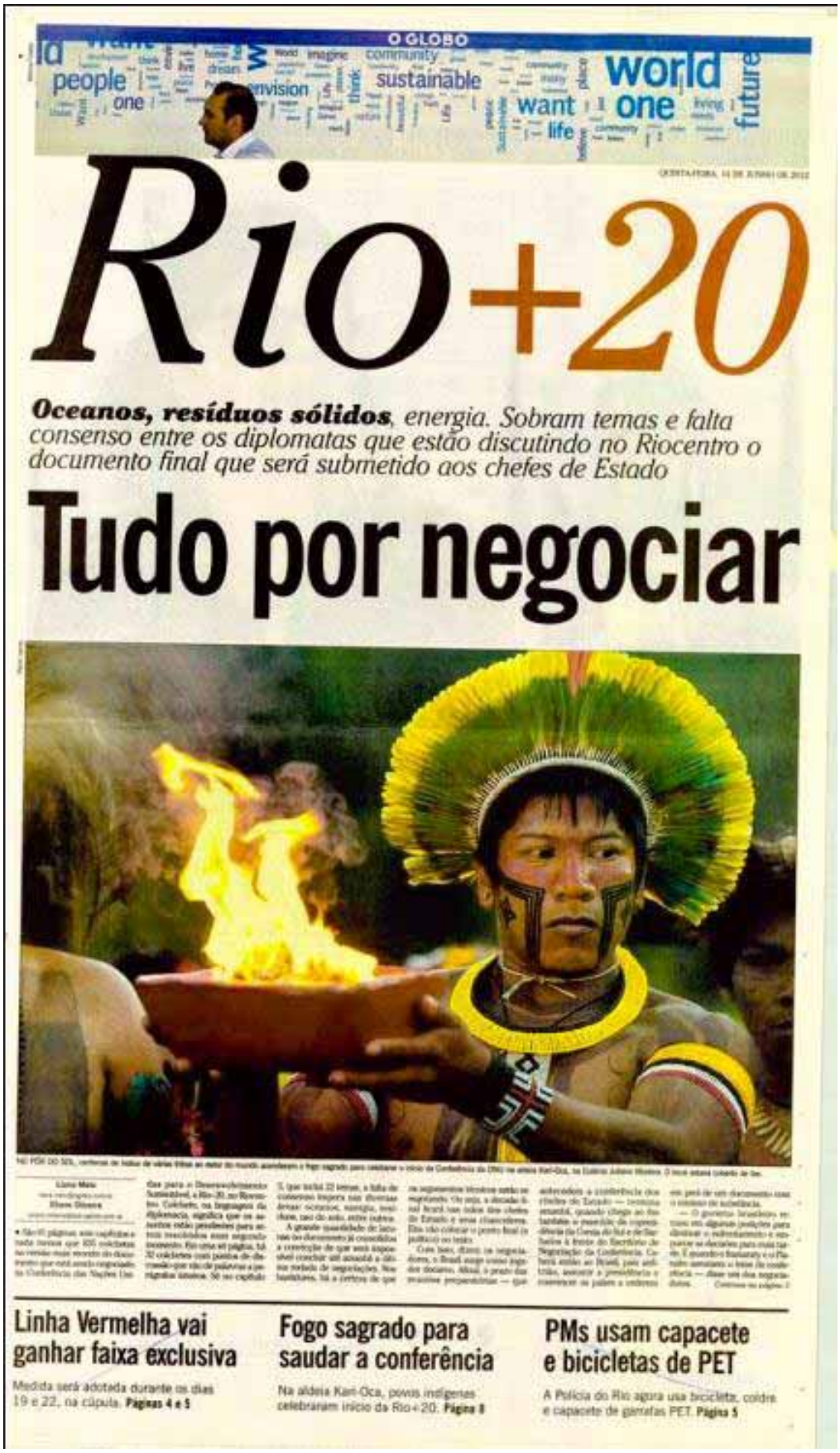
Conferência tem mais de 20 grandes temas sem acordo

Clima, energia e pobreza dividem diplomatas de países ricos e emergentes

Trânsito livre só para polícia

Um fundo de US$ 30 bi

Capa Caderno especial Rio+20 - 14/06/2012



O GLOBO

Rio+20

Oceanos, resíduos sólidos, energia. Sobram temas e falta consenso entre os diplomatas que estão discutindo no Riocentro o documento final que será submetido aos chefes de Estado

Tudo por negociar

Linha Vermelha vai ganhar faixa exclusiva

Medida será adotada durante os dias 19 e 22, na cúpula. **Páginas 4 e 5**

Fogo sagrado para saudar a conferência

Na aldeia Kari-Oca, povos indígenas celebraram início da Rio+20. **Página 8**

PMs usam capacete e bicicletas de PET

A Polícia do Rio agora usa bicicleta, coldre e capacete de garrafas PET. **Página 5**

6.3 Rio de Janeiro, sexta-feira, 15 de junho de 2012, nº 28.802

Capa principal - 15/06/2012



oglobo.com.br

O GLOBO

RIO DE JANEIRO, SEXTA-FEIRA, 15 DE JUNHO DE 2012 • ANO LXXXVII • Nº 28.802

Bolsa Família inibe emprego formal, conclui estudo oficial

• Uma avaliação encomendada pelo governo federal mostra que beneficiários do Bolsa Família têm maior propensão a permanecer no setor informal. Mas o programa tem impactos positivos em educação, saúde e redução do trabalho infantil. Página 11

Yoki: IML indica decapitação ainda em vida

• Laudo do IML indica que o empresário Marcos Matsunaga, diretor da Yoki, teve o pescoço cortado ainda vivo, e não deu horas depois de ser sequestrado como sabe-se pelo exame do clone. Página 14

Congelamento de pai causa crise familiar

• A decisão de uma filha de congelar o sêmen do pai abriu uma disputa com as irmãs nos tribunais. Desde fevereiro, ela paga R$ 900 por dia a uma fazenda para manter o sêmen resfriado corpo nu. Página 18

Petrobras vai investir mais e produzir menos

• A Petrobras investirá US$ 236 bilhões até 2016, mais 5% em relação ao plano anterior. Mas a produção, como atraso em obras, será 15% menor, recuando a 3,3 milhões de barris/dia. As ações da empresa caíram 3,86%. Página 28

Egito: Exército assume Parlamento antes da eleição

Página 32

ENTRETANTO

• Carlos Reichenbach, cineasta gaúcho de filmes como "Filme falso" e "Lilian M — Relatório confidencial", se dia em que completaria 67 anos.

SEGUNDO CADERNO

• Prêmio da Música Brasileira homenageia João Bosco e sílvia para o Brasil. Incentivo artistas como Ciboko, Paulo Tarso e Fabiana Cozza.

RENATO MAURICIO PRADO

• Existe craque de clube e craque de seleção? E quem é um sem ser o outro? Para Cristiano Ronaldo ainda não aconteceu nesta Eurocopa.

Integrantes da CPI se reuniram em segredo com dono da Delta

Comissão barra convocação de Cavendish; Miro alerta para ação de 'tropa do cheque'

• Dois integrantes da CPI do Cachoeira, o senador Cyro Nogueira (PP-PI) e o deputado Maurício Quintella Lessa (PR-AL), encontraram-se num restaurante em Paris com o então presidente da Delta, Fernando Cavendish, às vésperas da instalação da comissão, na Semana Santa. Também estava o deputado Eduardo da Fonte (PP-PE), que não é da CPI. Ontem, em sessão tumultuada, a CPI barrou a convocação de Cavendish. Cyro fez discurso e votou contra a convocação. Lessa não apareceu. Indignado, o deputado Miro Teixeira, sem citar nomes, pediu que a CPI apure se algum parlamentar esteve com Cavendish na França. Para Miro, pode haver uma "tropa do cheque" em ação. A CPI também barrou a convocação do ex-diretor da Dist Luiz Pagot.

Páginas 3 a 10. Merval Pereira e editorial "CPI tem forças difíceis de controlar"

O PETISTA CÂNDIDO (ao centro) protesta após Miro Teixeira (PDT) denunciar existência de "tropa do cheque"

Demóstenes vai ao STF contra cassação

Página 10

• A CASA DA CRISE: cartazes anunciam a venda de todos os apartamentos de prédio em Madri, cujos preços caíram 12%. O mercado colou taxa recorde por títulos da Espanha. Página 26

CADERNO ESPECIAL

Crise mundial pode inviabilizar acordos

• O agravamento da crise econômica mundial deve prejudicar o tom final do documento da Rio+20 e impedir que países ricos aprovem o fundo de US$ 30 bilhões. O alerta foi dado por diplomatas envolvidos na conferência e economistas. Cris Estadual, ex-primeira-ministra da Noruega, fez um apelo: "Não vamos retroceder."

Obama mais perto da conferência?

• Os assessores do Governo sobre Rio+20 consideram que a presença de quase presidente Obama poderia ser para a Rio+20 e a segurança poderia ser reforçada.

Como Lula, Dilma defende usineiros

• A presidente Dilma Rousseff vai se pronunciar em defesa de cana e negou que declarações que tem não de obra escrava. Em 2007, Lula chamou os usineiros de heróis.

CARLOS HENRI

• O maior especialista em clima do Brasil assina editorial da "Science" e diz que mundo está na zona de segurança.

MIRIAM LEITÃO

• Brasil será botado em sua capacidade de liderança nas negociações da Rio+20. Economia, página 26

ARTE

RIO+20 EU PAGUEI PRA VER!

Engarrafamento até no mar

• Uma fila de navios conversa as Ilhas Cagarras, em plano mar aberto de Ipanema. O uso do Porto como base dos navios de apoio às plataformas da Petrobras deixa dezenas de cargueiros à espera todos os dias, tradicionais fora da Baía, por uma vaga para atracar e descarregar. Páginas 16 e 17

Edição Nacional | Preço deste exemplar no Estado do Rio de Janeiro: R$ 2,50 | Composto com uma página Segundo Caderno e mais Classificados

Capa Caderno especial Rio+20 - 15/06/2012



O GLOBO

SEXTA-FEIRA, 15 DE JUNHO DE 2012

Rio+20

A crise econômica mundial *pode se transformar no maior entrave para as negociações da conferência da ONU. E o alerta parte tanto de diplomatas quanto de economistas que estão no Rio*

O que Erasmus pode esperar do futuro?

6.4 O GLOBO, Rio de Janeiro, sábado, 16 de junho de 2012, nº 28.803

Capa principal - 16/06/2012



oglobo.com.br

O GLOBO

IRINEU MARINHO (1874-1925) — RIO DE JANEIRO, SÁBADO, 16 DE JUNHO DE 2012 • ANO CXXXVIII • Nº 28.803 — ROBERTO MARINHO (1904-2003)

PROSA & VERSO

Convidado da Flip, o escritor franco-libanês Amin Maalouf, agora membro da Academia Francesa, fala sobre nacionalismo e de literatura como pátria. Página 3

HISTÓRIA

Estudos derrubam mitos sobre cristãos novos no Brasil e revelam sobrenomes mais usados por judeus forçados à conversão. Página 34

GLOBONEWS

Surfistas mirins que competem em um bingo neste fim de semana, na Barra da Tijuca, falam sobre o amor pelo mar

SEGUNDO CADERNO

A dupla de grafiteiros paulistas Dugarreira comemora 10 anos de seu projeto White Train pintando trens com amigos em São Luís.

e / a

Quatro homens, na faixa dos 20 aos 50 anos, contam como é possível ser vaidoso sem cair em exageros.

OS DESTAQUES DE ANDAMA NO GLOBO

Descubra usando o QR code ao lado

CPI discute afastar membros

• Os deputados Abelardo Lupion (DEM-PR) e Randolfe Rodrigues (PSOL-AP) defendem voto a voto o afastamento dos parlamentares da CPI do caso Cachoeira que se encontraram com Fernando Cavendish, dono da Delta, em Paris. Página 3

Briga por terra faz 17 mortos no Paraguai

• O choque entre policiais e agricultores numa ação de reintegração de posse deixou 17 mortos no Paraguai — entre eles oito policiais —, perto da fronteira com Mato Grosso do Sul. O governo alegou que houve uma emboscada e ela virou o Exército. Página 32

Helicópteros vão voar mais alto na Lagoa

• O Dreca decidiu alterar as rotas de todos os helicópteros, turísticos ou não, que voam sobre a Lagoa. A alteração dos voos, agora concluída, só vale do espelho d'água. Ipanema/Leblon. Página 16

Obama veta deportação de jovens ilegais

• Em busca de votos do eleitor latino, o presidente Barack Obama suspendeu a deportação de jovens imigrantes ilegais. A medida deverá beneficiar 1,4 milhão de pessoas. Página 31

O Rosenberg que sobreviveu

• Um dos mais famosos casais da Guerra Fria, o americano Robert Meeropol, filho de Julius e Ethel Rosenberg, teve negada a imagem do casal executado. Página 33

CADERNO ESPECIAL

Dilma apela a líderes mundiais para superar impasse no Rio

Economia verde provoca o rompimento entre países ricos e pobres

• DONA NATUREZA, o Projeto Paisagens, que o artista Vik Muniz desenvolve com o apoio do GLOBO, a partir do lixo levado pela população, começa a ganhar forma no Aterro do Flamengo. Garrafas PET já dão o tom azul do mar. Página 8

• Com as negociações encaçadas no Riocentro, a presidente Dilma Rousseff foi forçada até a usar o recurso levará o rascunho do documento que está sendo preparado por diplomatas na Rio+20 para uma discussão com outros chefes de Estado e governo durante a reunião do G-20, na cidade de Los Cabos, no México. A cúpula acontece entre segunda e terça-feira da próxima semana, antes da fase decisiva da Rio+20. Outro, no Rio, o G-77, que reúne os países mais pobres e em desenvolvimento, deixou a mesa de negociação por discordar dos rumos em relação ao tema da economia verde. O presidente Lula, ainda em tratamento de saúde, decidiu comparecer ao evento.

Saúde, o tema que mais avança

• Apesar dos EUA, que se frustraram nas vitórias das negociações ao vetarem o acesso universal a cuidados médicos e medicamentos, o tema é o que mais avança.

ANGELIM: GOL — • Prefeito cancela inauguração do presente de Ahmadinejad para o Rio. Pegarta red. Página 22

MORAVENTURA DE SOUSA — • Sociólogo português é contra conceito de economia verde: para ele, bens da Natureza não são do mercado.

AGOSTINHO VIEIRA — • Sucesso da cúpula depende da transferência de energia limpa aos mais pobres, o que enfrenta resistência.

C. HOLLIDAY E R. FAIRWELL — • Produção de energia sustentável, limpa, eficiente e barata é o que pode, de fato, proteger o planeta.

CHICO

ENTRELAÇANDO NA PAPUDA

— Grauende Tourabal

Pacote de R$ 20 bi turbina os estados

Presidente oferece a governadores crédito de 20 anos no BNDES. PIB fica estagnado em abril

• Para reaquecer a economia do país, Dilma anunciou, em reunião com governadores, um pacote para estimular investimentos estaduais. O BNDES dará crédito de R$ 20 bi [illegible] Rides aos estados, com juros subsidiados de até 8,1% ao ano, prazo de 20 anos para pagar e um ano de carência. O BC diz que o PIB variou só 0,02% em abril. Página 25

Espanha: o pior de 100 anos

• Com o agravamento da crise européia, a dívida pública da Espanha atingiu € 774 bilhões, de 72,1% do PIB, o maior nível desde 1963. Para cortar déficit, o FMI pediu ao país para reformar impostos e reduzir salários do funcionalismo. Na Bélgica, o governo baixou pacote de € 80 bilhões, que engloba gastos e incentiva empresas. Páginas 26 e 27

Capa Caderno especial Rio+20 - 16/06/2012



O GLOBO

SÁBADO, 16 DE JUNHO DE 2012

Rio+20

Um rascunho na bagagem *e ideias na cabeça: o texto preliminar da conferência vai ser levado por Dilma e poderá ser discutido por chefes de Estado que estarão no México*

Mudança de rumo

Texto de saúde avança, apesar de veto dos EUA

Referências sobre acesso universal a cuidados médicos e remédios são barradas. **Página 4**

Índio cobra de Patriota demarcação de terras

Fotografado com o dedo em riste, guarani disse que não foi rude com ministro. **Página 8**

Vik Muniz recebe lixo que vai se tornar arte

Instalação faz parte do Projeto Paisagem e está sendo montada no Aterro. **Página 8**

6.5 O GLOBO, Rio de Janeiro, domingo, 17 de junho de 2012, nº 28.804

Capa principal - 17/06/2012



oglobo.com.br

O GLOBO

Deputados compram e vendem emendas

• Deputados federais criaram um balcão de negócios com as emendas parlamentares, revela PAULO CESAR PEREIRA. Alguns aceitam destinar sua cláusula para reforços de colegas colegas. Em troca, recebem dinheiro para as campanhas eleitorais. Página 3

PF investiga se Cachoeira tinha Guardião

• A Polícia Federal está investigando se o contraventor Carlinhos Cachoeira dispunha de um sistema Guardião, aparelho sofisticado usado por órgãos de inteligência, para grampear telefonemas. Página 4

Eleição grega decide o futuro da zona do euro

• Ao eleger hoje seus governantes, a Grécia escolhe se abandona ou não a zona do euro. O líder da direita, já que a saída grega poderá marcar o fim da moeda única, com risco de "contágio dramático". Líderes europeus alertam contra a negação da ruptura. Páginas 37 e 39

No futebol, Grécia continua na Euro

Caderno Esportes

BNDES libera mais recursos que Bird e BID

• Diferente por uma pequena ação e pela estratégia de ajudar "campeões nacionais", o BNDES, que completa 60 anos esta semana, disponibiliza mais que o dobro de financiamentos do Banco Mundial e do BID. Página 40

Gerações de atores festejam o Tablado

esportes

A primeira polêmica dos Jogos Olímpicos

tv

Grandes cidades assinarão acordo contra efeito estufa

Prefeitos de 58 metrópoles vão anunciar metas na Conferência da ONU

Aterro de Gericinó fechará as portas

Local abriga o último lixão do Rio após o término das atividades em Gramacho

Sachs: todos terão que contribuir

Capa Caderno especial Rio+20 - 17/06/2012

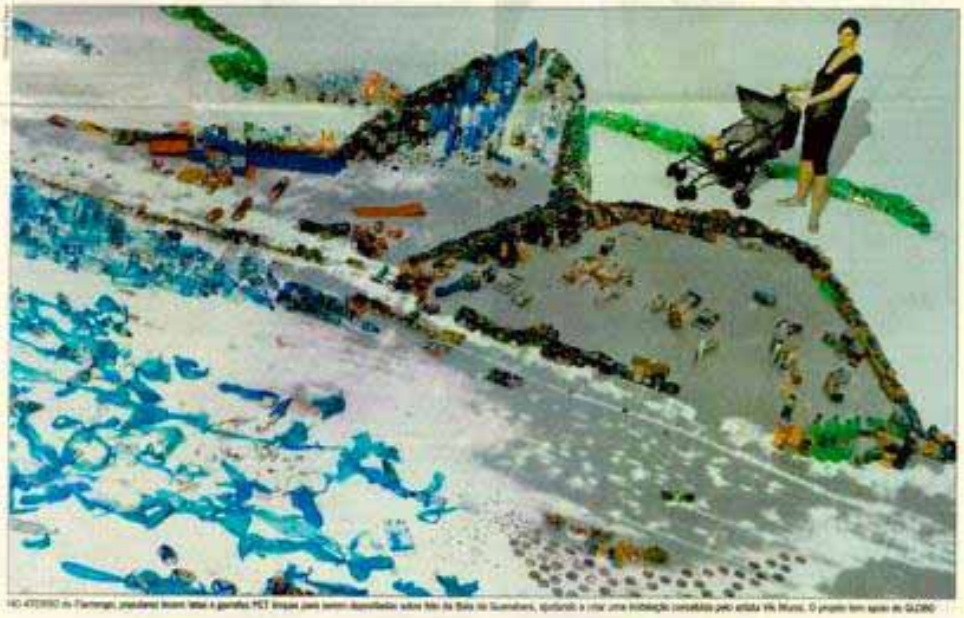
O GLOBO



Rio+20

***Engarrafamentos e chaminés de** fábricas estão entre os maiores responsáveis pelo aumento das emissões de gases de efeito estufa nas grandes metrópoles mundiais. Agora, elas prometem agir*

Cidades à frente



A lista de endereços das delegações no Rio

Visitantes estrangeiros se dividem entre o luxo e acomodações modestas. **Página 6**

De poesia a oficina com lixo para crianças

Programação de hoje também oferece mostra de cinema e música **Página 9**

A instalação interativa com Vik Muniz

Público poderá ajudar a montar obra de arte no Aterro do Flamengo **Página 10**

6.6 O GLOBO, Rio de Janeiro, segunda-feira, 18 de junho de 2012, nº 28.805

Capa principal - 18/06/2012



oglobo.com.br

O GLOBO

ENTRE OUVIDO ENTRE MENSALEIROS

— Tem tudo de bom, a gente vai voltar a andar de carro oficial...

esportes

Fla vence e Vasco se mantém na liderança

Egito: militares impõem nova Constituição

Vitória de conservadores na Grécia dá nova chance ao euro

Resultado da eleição alivia tensão, mas partido terá de negociar coalizão

Maioria absoluta fortalece Hollande

Protagonista de distúrbios raciais morre nos EUA

Dilma sobre tortura: 'Marca está em mim'

Conselho de Ética da Câmara vai apurar balcão de emendas

Rio propõe corte de 12% nas emissões

Meta será sugerida para 58 grandes metrópoles do mundo e deverá ser alcançada até 2016

Patriota diz que documento é o possível

Prêmios Nobel fazem propostas a chefes de Estado

Novo esquema de trânsito amanhã

Capa Caderno especial Rio+20 - 18/06/2012



O GLOBO

Rio+20

Multidões fazem fila *para participar de eventos no Forte de Copacabana e no Aterro do Flamengo, enquanto negociadores demonstram otimismo em relação a acordo em semana decisiva*

Uma festa global

6.7 O GLOBO, Rio de Janeiro, terça-feira, 19 de junho de 2012, nº 28.806

Capa principal - 19/06/2012



oglobo.com.br

O GLOBO

ENQUANTO ISSO EM SP...

— Meu garoto...
— Meu bandido!

Aliança com Maluf abre crise em campanha do PT

Erundina, recém-anunciada vice de Haddad em SP, diz não aceitar coligação

Enquanto isso, na Câmara...

TRE considera Jorge Roberto inelegível em Niterói

Página 4

Tensão no euro agora é com Itália e Espanha

Na Euro, italianos e espanhóis confiam em alta

Caderno Esportes

Egito: islamista e ex-premier cantam vitória

Página 25

Mais liminares trazem de volta outdoors

Página 13

SEGUNDO CADERNO

CADERNO ESPECIAL

Natureza (humana) em fúria

O QUE DEVE FICAR DE FORA DO DOCUMENTO

Brasil e Europa travam batalha final da Rio+20

MICHAEL BLOOMBERG

MIRIAM LEITÃO

Economia

Capa Caderno especial Rio+20 - 19/06/2012

O GLOBO



Rio+20

A maioria dos *chefes de Estado e de governo nem chegou, mas o carioca viveu ontem um dia de caos no trânsito por causa de passeatas de mulheres, índios e de defensores das florestas*

De parar o trânsito



DE PEITO ABERTO: representantes dos movimentos feministas na Cúpula dos Povos lotaram o Centro do Rio para protestar contra a mercantilização da Natureza e defender os direitos das mulheres

Prefeitos querem cortar 1 bi de toneladas de gases

Michael Bloomberg, prefeito de Nova York, diz que meta pode ser atingida até 2030. **Página 7**

Exclusão da agenda de Dilma irrita iranianos

Aliado de Lula, Ahmadinejad não é incluído nas reuniões bilaterais da brasileira. **Página 5**

Relatório do IBGE mostra avanços ambientais

Quase metade dos 62 indicadores é atingida. Saneamento é o grande desafio. **Página 11**

6.8 O GLOBO, Rio de Janeiro, quarta-feira, 20 de junho de 2012, nº 28.807

Capa principal - 20/06/2012



oglobo.com.br

O GLOBO

'Morte' de Mubarak opõe governo e oposição

Justiça, enfim, abre processo contra aloprados

TCU divulga lista de 7 mil inelegíveis

Caso Cachoeira: juiz se diz ameaçado

Contran troca multa por advertência

Erundina sai, mas PSB e PT seguem com Maluf e Lula

Até Vaticano consegue esvaziar o documento final da Rio+20

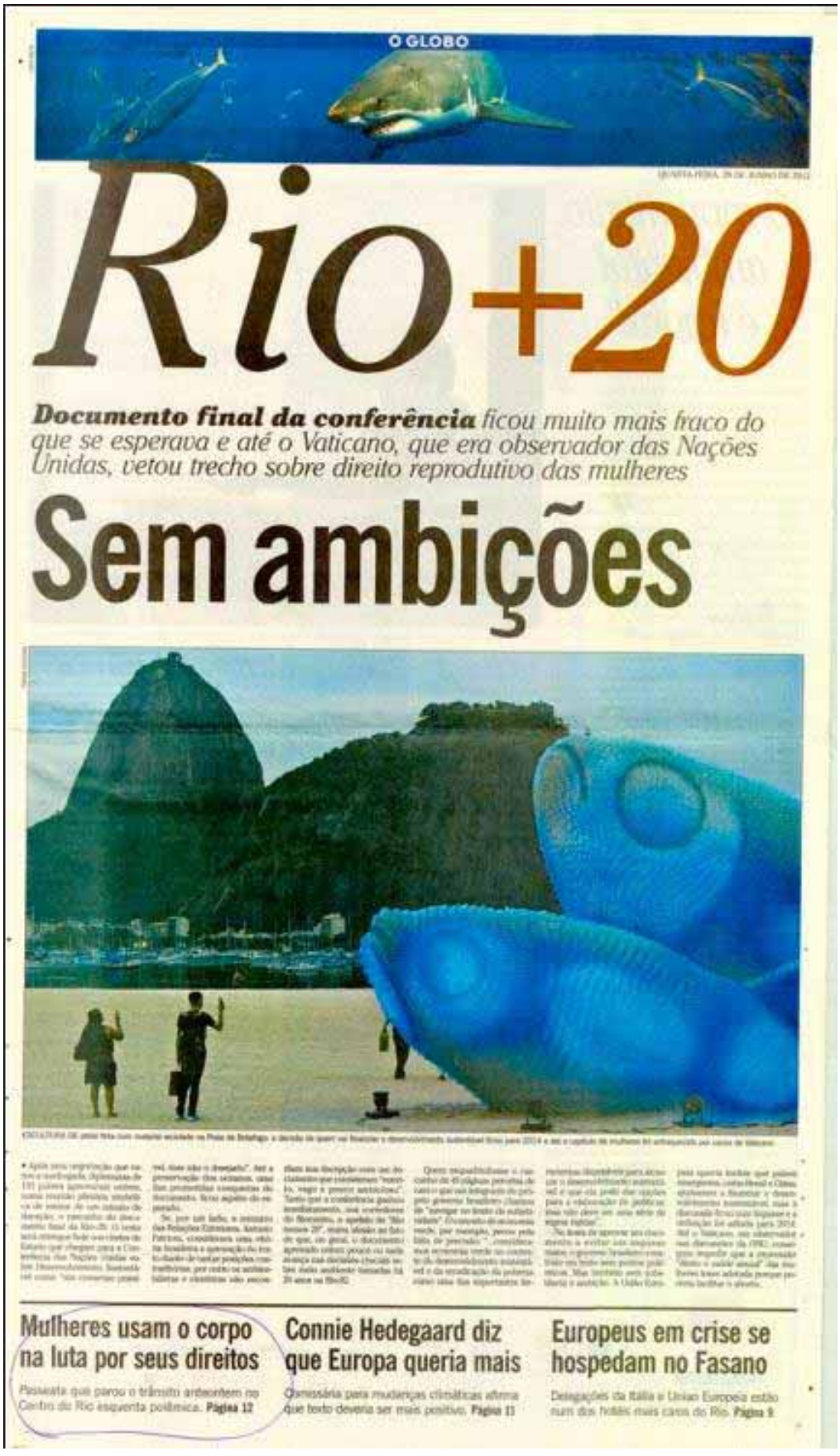
Texto é aprovado após madrugada tensa de negociações no Riocentro

No peito e na raça

Musa de passeata reacende o debate sobre o uso do corpo na luta feminista

E no G-20, o 'Inexorável da Silveira'

Capa Caderno especial Rio+20 - 20/06/2012



O GLOBO

Rio+20

Documento final da conferência *ficou muito mais fraco do que se esperava e até o Vaticano, que era observador das Nações Unidas, vetou trecho sobre direito reprodutivo das mulheres*

Sem ambições

Mulheres usam o corpo na luta por seus direitos

Passeata que parou o trânsito anteontem no Centro do Rio esquenta polêmica. **Página 12**

Connie Hedegaard diz que Europa queria mais

Comissária para mudanças climáticas afirma que texto deveria ser mais positivo. **Página 11**

Europeus em crise se hospedam no Fasano

Delegações da Itália e União Europeia estão num dos hotéis mais caros do Rio. **Página 9**

6.9 O GLOBO, Rio de Janeiro, quinta-feira, 21 de junho de 2012, nº 28.808

Capa principal - 21/06/2012



oglobo.com.br

O GLOBO

RIO DE JANEIRO, QUINTA-FEIRA, 21 DE JUNHO DE 2012

Câmara abre brecha para fim de teto de servidor

Demóstenes e Cachoeira viajaram juntos

Cai presidente do Banco do Nordeste

Mujica quer estatizar maconha

EUA injetam US$ 267 bi e veem PIB fraco

Paulo Bernardo: abominamos a censura à mídia

Eurocopa: título pode ser ruim para a Alemanha

CADERNO ESPECIAL

ONGs rejeitam documento da Rio+20; ONU cobra ambição

Milhares de manifestantes protestam no Centro contra resultados tímidos

Brics querem manter pose de pobres

Dilma: 'Houve avanços'

Sacola plástica deve voltar a ser gratuita em SP

Lula extrapolou e deu um fora, diz Erundina

Capa Caderno especial Rio+20 - 21/06/2012

O GLOBO

Rio+20

***Sociedade civil**, com ONGs e institutos, pede retirada de mais de mil assinaturas do documento aprovado na Conferência. Secretário-geral da ONU diz que o tempo está escasso. Milhares vão às ruas*

O povo se levanta



ÍNDIO QUE PROTESTAVA contra o resultado da Conferência de Desenvolvimento Sustentável da ONU foi ferido a ferro com policiais do Batalhão de Choque na Polícia Militar em manifestação no Rio centro

Elvira Oliveira, Fernanda Godoy e Lizia Melo

+ Em seu discurso de apenas quatro minutos na plenária de abertura da Rio+20, mais que surpreendeu os chefes de Estado reunidos nesta terça no Riocentro, Nem acidentes decorados com bandeiras dos países signatários das Nações Unidas e lotado de presidentes, o líderes Work Hamilton, da Rede de Ação Climática, expressou a insatisfação das organizações não governamentais (ONGs) com o documento final da conferência pedir — ou assim de sul reunidos ou tercos entre o dos grupos da sociedade civil que participaram dos discursos com os diplomatas nos chamados major grupo — a retirada da frase "com participação plena da sociedade civil" do texto. Entre as ONGs estão Greenpeace, WWF, Conservação Internacional, SOS Mata Atlântica e Action Aid.

O pedido pode até não ser atendido no fim do encontro, mas o fato é que a decisão dos representantes da sociedade civil tira legitimidade do documento e cria pressão adicional para vencer as negociações.

— Se o texto for adotado assim (pelos chefes de Estado) da forma que ele foi entregue, isso significa que o futuro não está garantido para as próximas gerações — lamentou Hamilton.

Enquanto no Riocentro a sociedade civil pressionava para mudar discursos, organizações da Cúpula dos Povos travavam batalhas de Choque e milhares de manifestantes tomavam a Avenida Rio Branco. A mobilização criou o tema da Conferência ora e teve predominando.

Ao abrir o discurso de cerca de 4 minutos, o secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, brincou: "Estou ansioso para ouvir o que os chefes de Estado e de governo [...] têm a dizer". Mas, em seguida, ele mesmo deu o tom de seus discursos — disse ele, aparentemente que o mundo continuou prosperando desde a Rio 92 foi contar de uma exploração ambiental sem limites.

— O mundo atingiu esta, também. E a Rio+20 é a oportunidade para um novo modelo. A hora de agir é agora. Não podemos ter uma Rio+40 ou uma Rio+50. Continua na página 2

Nações precisam ser solidárias, diz sociólogo

O francês Edgar Morin diz que valor deve ser resgatado para erradicar pobreza. Página 13

Membros de comitivas saem às compras

Visitantes aproveitam para fazer turismo e até comprar cabelo em Madureira. Página 9

Procuradoria determina volta de sacola plástica

Ministério Público afirma que suspensão gerou desvantagem para os consumidores. Página 11

6.10 O GLOBO, Rio de Janeiro, sexta-feira, 22 de junho de 2012, nº 28.809

Capa principal - 22/06/2012



oglobo.com.br

O GLOBO

IRINEU MARINHO (1876-1925) RIO DE JANEIRO, SEXTA-FEIRA, 22 DE JUNHO DE 2012 • ANO LXXXVII • Nº 28.809 ROBERTO MARINHO (1904-2003)

Impeachment relâmpago pode cassar presidente do Paraguai

Missão chefiada por chanceler brasileiro tenta evitar destituição de Lugo hoje

Agência rebaixa gigantes bancários

Imposto menor para segurar alta da gasolina

Espanha: chefe do Supremo cai por corrupção

Mistério na explosão em exercício militar

Fazenda age para impedir fim do teto salarial

Página 3

CADERNO ESPECIAL

Mulheres em ação

Megaconferência é modelo contestado

Cientistas, empresários e economistas aderem ao movimento das ONGs contra a Rio+20

Pelas águas do Ártico

Após Hollywood, a estrela é Hillary

NA CPI, PREOCUPAÇÃO COM O VEREC

— Vai faltar oxigênio...

Capa Caderno especial Rio+20 - 22/06/2012

O GLOBO



SEXTA-FEIRA, 22 DE JUNHO DE 2012

Rio+20

Cientistas, empresários, economistas *e líderes indígenas aderem ao movimento das ONGs e repudiam documento final da conferência das Nações Unidas que se encerra hoje no Riocentro*

Protesto final



A CIPRIENSE Sofhya Bessa, de 11 anos, pequena ambientalista e cantora em seu país, atrai a atenção de fotógrafos e cinegrafistas no Riocentro pedindo o banimento do petróleo nas águas gaúchas do Norte do Canadá

Lima Reis
Henrique Gomes Batista

● O protesto das ONGs e também de pequenos grupos e alheio às ideias empresariais, indígenas além de cientistas e economistas. Este lado, diante da crescente indignação da sociedade civil e seu peito de boa parte dos líderes do documento final da Rio+20, o encerramento da conferência, marcado para hoje à tarde no Riocentro, vai se transformar num palco de protestos. O grupo que discorda do texto assinou uma carta-repúdio à Rio+20, que será entregue oficialmente hoje ao secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon. Ele também receberá líderes da Cúpula dos Povos.

Entre os descontentes estão o economista Ignacy Sachs, do Centro de Pesquisas do Brasil Contemporâneo na Escola de Altos Estudos de Ciências Sociais (Paris); a ex-ministra do Meio Ambiente Marina Silva; além dos cientistas Thomas Lovejoy e Joel Goldemberg. Líderes empresariais como os brasileiros Henri Gagen e Ricardo Young, ambos do Vitoria, os promotores se empolgaram dentro dos pavilhões. Entre os outros países, uma réplica em tamanho gigante do documento final foi distribuída pelo Greenpeace, e jovens estrangeiros vão ao local a pergunta: "O que nossos líderes se lembrarão da Rio+20?"

— A lista de adesão não para de crescer — disse Roberto Harry Rivers, coordenador das ONGs brasileiras que participaram de todos os processos preparatórios da Rio+20.

Mesmo com protestos e pressão por um documento mais ambicioso, o chefe da coordenação da ONU para a Desenvolvimento Sustentável, Nikhil Chandervarkar, garante que não foi qualquer possibilidade de o documento ser rejeitado. Continua na página 4

Hollywood sai em defesa do Ártico

Celebridades internacionais lançam no Rio campanha para preservar oceano. Página 8

Bolsas, joias e sapatos na lista de compras

Artigos são os mais buscados em shoppings da Zona Sul pelas delegações. Página 9

Última chance para ver instalação de Vik Muniz

Visitação ao projeto "Paisagem", no Aterro do Flamengo, encerra-se hoje. Página 11

7 BIBLIOGRAFIA

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

ANDERSON, Chris. **A Cauda Longa: do mercado de massa para o mercado de nicho.** São Paulo: Campus, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

DEHEINZELIN, Lala. **Economia Criativa: saindo do século XIX e entrando no século XXI**. Site Mercado Ético, jan. de 2011. Disponível em: < http://mercadoetico.terra.com.br/arquivo/economia-criativa-saindo-do-seculo-xix-e-entrando-no-seculo-xxi/ > acessado em

DINIZ, Juana. R. **Culture Jamming - Ativismo e contra-hegemonia**. Caligrama (ECA/USP. Online), v. 4, p. 1-10, 2008.

DOWNING, John D.H. **Mídias Radicais: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: Senac, 2004.

FONSECA, Ana Carla. **Economia Criativa como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento**. São Paulo, Itaú Cultural, 2008.

GARCIA, Luiz. **Manual de Redação e estilo.** São Paulo: Globo, 2001.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1987.

ADORNO, Theodor, & HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1985.

LAGE, Nilson. **Estrutura da Notícia**. São Paulo: Ática, 2002.

MANUAL DE REDAÇÃO. **Folha de São Paulo**. Editora da Folha: São Paulo, 1984.

MORAES, Dênis de. **Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci** Disponível em <seer.ufrgs.br/debates/article/download/12420/8298> Acesso em: 29/08/2012

SILVA, Rafael Souza. **Diagramação - O Planejamento Visual Gráfico na Comunicação Impressa.** São Paulo: Summus, 1985.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Economia criativa : como estratégia de desenvolvimento : uma visão dos países em desenvolvimento**. São Paulo: Itaú Cultural, 2008.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo. Porque as notícias são como são.** 2ºed. vol. 1. Florianópolis: Insular, 2004.